



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO/CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE**

MÁRCIA BETÂNIA AMORIM E SILVA

**PRÁTICAS E INCENTIVOS À LEITURA MEDIADOS PELO PROLER/
UESB NA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA.**

**SALVADOR
2015**

MÁRCIA BETÂNIA AMORIM E SILVA

**PRÁTICAS E INCENTIVOS À LEITURA MEDIADOS PELO
PROLER/ UESB NA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Bahia – UNEB, Linha de Pesquisa I: Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientação: Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito.

**SALVADOR
2015**

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Silva, Márcia Betânia Amorim e

Práticas e incentivos à leitura mediados pelo PROLER/ UESB na zona rural de Vitória da Conquista / Márcia Betânia Amorim e Silva. – Salvador, 2015.
117f.

Orientador: Gilmário Moreira Brito.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Campus I.

Contém referências e apêndice.

1. Leitura. 2. Programa Nacional de Incentivo à Leitura. 3. Incentivo à leitura. 4. Educação rural - Vitória da Conquista (BA). I. Brito, Gilmário Moreira. II. Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade.

CDD: 028.9

FOLHA DE APROVAÇÃO

PRÁTICAS E INCENTIVOS À LEITURA MEDIADOS PELO PROLER/ UESB NA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

MÁRCIA BETÂNIA AMORIM E SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 09 de setembro de 2015, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:


Prof. Dr. Gilmar Moreira Brito
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em História
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil


Profa. Dra. Heleusa Figueira Câmara
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Doutorado em Ciências Sociais
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil


Profa. Dra. Maria Antônia Ramos Coutinho
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Letras
Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil

Aos meus pais, que vibram a cada uma de minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Por tudo que tens feito, por tudo que vais fazer, obrigada, meu Deus! A Ti toda honra, toda glória, todo louvor para sempre!

À minha família e amigos, que me acompanharam, sempre com palavras de incentivo e ânimo, para os dias de cansaço e partilhando a vida.

Ao professor Dr. Gilmário Brito, meu orientador, pela paciência e por todas as anotações azuis que deixou em meus textos, ainda frouxos, tímidos de se fazerem pesquisa. Muito obrigada, professor!

À professora Dra. Heleusa Câmara, pelo exemplo e pela atenção e por me ajudar nesse processo de pesquisa, mas, sobretudo, pela amizade tão preciosa.

À gentilíssima professora Dra. Maria Antônia, pela delicadeza e atenção com que corrigiu o texto da minha qualificação!

Às companheiras queridas desses dias, que foram muito melhores e especiais ao lado de vocês: Ana Cláudia, Bárbara, Carla, Edilaine, Érica, Lua, Nildinha, Teresa, pelo dia a dia e energias da melhor que há, mesmo que pelas ondas do celular! Avante, Poderosas!

À direção das escolas, por me receberem tão gentilmente e pela inestimada ajuda e às professoras que participaram dessa pesquisa, cedendo parte preciosa de seu tempo.

À direção e coordenadores do IFBA, que compreenderam minhas faltas.

Aos amigos, que sempre estivera na torcida: À Núbia e Fabrícia, minhas intercessoras lindas, pelo apoio e amizade de sempre; à Zulma, pela acolhida na casa e na vida; à Osa, por ter descido – e subido – comigo as escadas da UNEB no dia da matrícula; a Patrícia, pela parceria desde o primeiro dia até os discursos no ferry (precisamos tomar aquele milk shake, hein?) E em especial a Arthur, porque 45 do segundo tempo ainda é jogo!

A todos que estiveram ao meu lado, torceram, acreditaram... Cada palavra foi especial e por tudo sou grata! Muito, muito obrigada!

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

RESUMO

Este estudo analisou as práticas de incentivo à leitura promovidas nos Encontros de Leitura que foram realizados pelo PROLER/UESB no Centro Educacional Euclides da Cunha, no Centro Educacional Moisés Meira e no Colégio Municipal José Rodrigues do Prado, na zona rural do município de Vitória da Conquista nos anos 2010, 2011 e 2012 e como os professores compreendem e avaliam esse evento. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, cujos procedimentos metodológicos foram pesquisa bibliográfica e análise dos relatórios dos eventos, diário de campo, entrevista, aplicação de questionário. As análises e interpretações obtidas revelaram que ao eleger como estratégia as referências culturais das comunidades, os Encontros são considerados atividades relevantes para a promoção da leitura e da escrita, numa abordagem do texto em diferentes formatos e linguagens, mobilizando conhecimentos, sensibilidades e afetos, que possibilitaram exercícios de leitura, além da troca de experiências e saberes entre seus participantes.

Palavras-chave: Leitura; Políticas Públicas de incentivo à leitura; Cultura e Currículo.

ABSTRACT

This study analyzed the reading incentive practices promoted in Encontros de Leitura that were conducted by PROLER / UESB in Colégio Municipal Euclides da Cunha, Centro Educacional Moisés Meira, and Colégio Municipal Rodrigues do Prado, in rural municipality of Vitória da Conquista in the years 2010, 2011 and 2012 and how teachers understand and value this event. It was a qualitative research, whose methodological procedures were literature review and analysis of event reports, diary, interview, questionnaire. The analyzes and obtained interpretations revealed that when choosing a strategy the cultural references of the communities, the meetings are considered relevant activities to promote reading and writing in a text approach in different formats and languages, mobilizing knowledge, sensitivities and emotions, which enabled reading exercises, as well as exchange of experiences and knowledge among its participants.

Keywords: Reading; Public policies to encourage reading; Culture and Curriculum

LISTA DE ABREVIATURAS

CEMM	CENTRO EDUCACIONAL MOISES MEIRA
EL	ENCONTRO DE LEITURA
FBN	FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
INAF	INDICADOR DE ALFABETISMO FUNCIONAL
INL	INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MDA	MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
MINC	MINISTÉRIO DA CULTURA
PCNLP	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA
PNLD	PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO
PROLER	PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA
UESB	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
UNESCO	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	A LEITURA – DA PALAVRA E DO MUNDO	16
1.1	ASPECTOS DA HISTÓRIA DA LEITURA	17
1.2	A NOVA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA COMO CAMPO DE PESQUISA	22
1.3	A PRÁTICA DA LEITURA COMO REQUISITO INDISPENSÁVEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	25
1.4	A LEITURA NA ESCOLA: LEITURA E LETRAMENTO	30
1.4.1	Novas abordagens e práticas: Multiculturalismo e Currículo	41
2	POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO À LEITURA	46
2.1	PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA	51
2.2	O PROLER	53
2.3	O PROLER E OS COMITÊS PELO BRASIL	58
2.4	O PROLER- UESB: COMITÊ DE VITÓRIA DA CONQUISTA	60
3	OS ENCONTROS DE LEITURA EM TRÊS ESCOLAS DA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA	64
3.1	O QUE SÃO OS ENCONTROS DE LEITURA?	64
3.2	OS ENCONTROS DE LEITURA NA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA	66
3.2.1	XIX Encontro de Leitura - Colégio Municipal Euclides da Cunha	67
3.2.2	XX Encontro de Leitura - Centro Educacional Moisés Meira	69
3.2.3	XXI Encontro de Leitura - Colégio Municipal José Rodrigues do Prado	71
4	REGISTROS E MEMÓRIAS DOS ENCONTROS DE LEITURA NA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA	72
4.1	OS ENCONTROS DE LEITURA NOS RELATÓRIOS DO PROLER	75
4.2	DIÁLOGOS COM DIRETORAS DE ESCOLAS [DA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA] SOBRE OS ENCONTROS DE LEITURA	79

	DO PROLER/UESB	
4.3	OS ENCONTROS DE LEITURA NAS LEMBRANÇAS DOS PROFESSORES	91
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
	REFERÊNCIAS	109
	APÊNDICE	116

INTRODUÇÃO

O amplo universo da leitura é um dos mais importantes espaços culturais do nosso tempo e pode produzir muitos e benéficos frutos para o desenvolvimento educacional, cultural e pessoal dos leitores. É uma ação de inúmeras possibilidades que se renova constantemente. Na sociedade contemporânea, a habilidade da leitura é primordial para se estabelecerem as relações de interação social, compreendendo-as de forma crítica, associadas ao mundo ao redor. Porém, a dinâmica do mundo globalizado não permite que essas relações sejam limitadas ou reduzidas a um único espaço ou contexto. A globalização encurtou distâncias e trouxe o centro desse mundo para um *click*, de qualquer lugar do planeta. As ferramentas para a comunicação se multiplicaram, mas para se estabelecer uma interação eficiente e sem ruídos, a prática da leitura requer novas habilidades.

Como professora de Língua Portuguesa, é frequente ouvir queixas dos alunos quanto à falta de gosto pela leitura, das dificuldades com o texto escrito, com a leitura e com a interpretação. Fazem aparecer e ganhar forma os versos de Drummond - “o Português são dois” - e vai-se criando essa barreira que se entrepõe entre os estudos e a língua. Em meio às palavras ociosas e às sintaxes rebuscadas quase nunca usadas, vão construindo suas narrativas escritas com suas linguagens próprias, atribuindo sentidos aos textos e deles se apropriando na construção de suas histórias.

Por isso, tão importante quanto reforçar concepções acerca da necessidade da prática da leitura no dia a dia são os direcionamentos e tentativas para ações que sejam eficientes, capazes de encantar e motivar o interesse pela leitura para além da sala de aula. Partir da cultura vivenciada pelos alunos pode ser um caminho para essa aproximação, especialmente daqueles integrantes de camadas sociais que tiveram menos acesso à escola e ao mundo letrado, que na sociedade ainda é mais reconhecido e prestigiado. Como desenvolver o gosto pela leitura naqueles que não tiveram esse hábito estimulado desde a infância?

Algumas experiências em sala de aula acenderam uma luz para esse caminho e decorrente dessa observação, e por compreender a leitura literária como instrumento formador, adveio o interesse de conhecer mais sobre esse universo e suas práticas que pudessem contribuir para modificar o quadro de apatia em que hoje se encontram os alunos e tantas outras pessoas.

Visando reduzir os baixos índices de leitores no Brasil, inúmeras ações de caráter governamental e de instituições privadas são implementadas para a promoção da leitura no País, através de Campanhas, Programas e Políticas Públicas de incentivo à prática da leitura.

Nas tentativas de se articular conhecimentos produzidos por diferentes culturas, pode-se pensar em possibilidades que incluam a(s) cultura(s) como instrumento de diálogo para novas perspectivas de letramento?

O estudo apresentado nesta dissertação pretende problematizar e analisar as práticas de incentivo à leitura e à escrita promovidas pelo Programa Nacional de Incentivo à Leitura - PROLER – mediadas pelo comitê de Vitória da Conquista, o PROLER/UESB, nos **Encontros de Leitura**, objeto desta pesquisa, realizados em três escolas públicas da zona rural do município nos anos de 2010, no Colégio Municipal Euclides da Cunha, no povoado de São Sebastião; em 2011, no Centro Educacional Moisés Meira, no distrito de José Gonçalves; e no povoado de Pradoso, no Colégio Municipal José Rodrigues do Prado, no ano de 2012.

Este posicionamento teve como propósito investigar em que medida as atividades desenvolvidas no PROLER/UESB conseguem mobilizar professores e alunos para diminuir as dificuldades encontradas na decodificação de letras e construir estratégias ligadas a culturas e linguagens constitutivas dos referidos atores que têm demonstrado pouco interesse nas leituras de textos escritos, buscando alternativas capazes de provocá-los a assumir uma postura crítica para requerer políticas públicas de leitura capazes de incluí-los na sociedade contemporânea como cidadãos.

O interesse de trabalhar com práticas que contemplassem o universo dos educandos a fim de promover a troca de saberes e a identificação dos mesmos com o ambiente escolar, além de conhecer mais sobre o universo da leitura e recolher lembranças de leitura provenientes de programas de políticas públicas me levaram a eleger os **Encontros de Leitura** como objeto desta pesquisa, porque têm o respaldo do PROLER, que é promotor de práticas de incentivo à leitura baseadas em diversos estudos e experiências positivas por todo o Brasil.

O PROLER, instituído em 1992 pelo Governo Federal, tem uma proposta inovadora, que trata a formação de leitores como política pública. Os Encontros de Leitura são atividades realizadas anualmente em praticamente todos os Estados brasileiros pelos vários comitês constituídos no território nacional. As experiências com as leituras desenvolvidas pelo comitê de Vitória da Conquista tornaram-se uma referencia, tendo em vista que apesar das mudanças

dos governos e gestões, o programa continua ativo e criando estratégias ao longo de seus 24 anos de trabalho.

As atividades executadas nos Encontros de Leitura propõem uma ação diferenciada das práticas estabelecidas na maioria das escolas, nas quais a leitura e a escrita estão atreladas a um currículo escolar tradicional e, muitas vezes, presas ao livro didático e limitadas às aulas de Língua Portuguesa. Ao se ampliar os conceitos de leitura e o modo de vê-la, abre-se uma possibilidade real de compreendê-la como prática cotidiana e indispensável. Ao considerá-la uma atividade constante e contínua que ocorre em todos os espaços de interação social e não somente na escola, possibilita-se a ampliação desse conceito de leitura e, também, das possibilidades de aprimoramento e implementação do ato de ler.

No desenvolvimento desta pesquisa, além de analisar alguns dados contidos nos relatórios oficiais do programa, interessava-me saber se as ações promovidas nos referidos distritos do município deixaram algum legado como respaldo capaz de germinar nos participantes práticas leitoras e/ou de escrita que se realizam no cotidiano para além dos Encontros que são realizados nessas comunidades.

Como os participantes desta pesquisa percebem esses Encontros? O que ficou como reverberação das atividades desenvolvidas nas escolas por onde passou? Quais os resultados das ações e atividades mediadas pelo PROLER nos referidos distritos? Essas são perguntas que nortearam esse trabalho de pesquisa que pretendeu, em seu percurso, compreender as ações desenvolvidas pelo programa e, através dos relatos fornecidos pelos participantes do evento, encontrar possíveis direcionamentos para a construção de uma sociedade empenhada em ser leitora do mundo, da palavra e da palavra-mundo que desperta sua consciência tanto para a importância do ato de ler como para a condição de cidadão no mundo contemporâneo.

O presente trabalho constitui-se em uma breve análise de práticas de incentivo à leitura que são promovidas fora do contexto de sala de aula, nas lembranças e incorporações que ficaram nos participantes após o evento. Os resultados apresentados foram obtidos através da análise dos relatórios fornecidos pelo PROLER/ UESB, das entrevistas e questionários aplicados posteriormente a alguns dos sujeitos que compõem o universo das comunidades que receberam os Encontros de Leitura: professores e diretores que participaram do evento.

Esta pesquisa desenvolveu-se na perspectiva da História da Leitura e da Cultura Escrita, campos que se desdobraram da Nova História Cultural, que abriu caminho para novas perspectivas da História que reconhece, também nos fatos e falas dos “menos desconhecidos”, uma possibilidade de se fazer e narrar a história, sobre as práticas e modos de leitura e escrita

em diferentes tempos, lugares e pessoas. Como propõe essa Nova História, ao se buscar entender as formas de como se lia e, inclusive, quem lia, encontra-se maior abertura e possibilidades de se ampliar a reconstrução do passado e, assim, melhor se compreender as ações de hoje e as de outras épocas.

A possibilidade de ampliação de temas e objetos, bem como da interação de seus sujeitos, abre possibilidades para se interrogar o mundo da leitura sob o viés da interdisciplinaridade e das questões culturais, permitindo novas reflexões acerca do tema. Nessa perspectiva, relacionar as ações do passado e do presente completa-se no processo de se compreender o mundo no cenário contemporâneo em que a leitura assume condição de signo plurissignificativo e deixa de ser apenas a decodificação de sinais gráficos, ampliando as noções de Alfabetização e Letramento nas urgências e necessidades da sociedade moderna.

Na primeira parte, **A Leitura – Da palavra e do mundo**, foram abordados, brevemente, pressupostos teórico-metodológicos da Nova História Cultural que levam aos caminhos da Leitura e da Cultura Escrita como campo de pesquisa, além de abordagem sobre a importância do ato de ler e o que este representa tanto na escola formal quanto fora dela, nas atividades de relação com o mundo.

Referenciais sobre Leitura, Escrita, Alfabetização e Letramento deram suporte para se comentar sobre a importância da leitura e suas relações com o mundo contemporâneo que possibilitam refletir sobre uma perspectiva de ensino que acolha o aluno e suas culturas como base para sua formação, para reconhecê-lo enquanto parte de um grupo inserido na sociedade, sobretudo compreendendo que a língua é constitutiva do sujeito e passível de possibilidades de usos e aprendizagens que não se restringem apenas ao modelo prescrito pela norma culta.

Para tanto, o suporte teórico está assentado nas concepções de autores como Roger Chartier, em sua abordagem sobre a História da Leitura, e Peter Burke; Paulo Freire, Márcia Abreu, Mariza Lajolo, Magda Soares, Eliane Yunes, Ezequiel T. da Silva, Marcos Bagno, Irandé Antunes, Wanderley Geraldi (1996), que discutem sobre Leitura, Alfabetização, Letramento e Ensino; além de Robert Darton, Jaques Le Goff e Roland Barthes que com seus estudos sobre história, cultura, memória e semiótica contribuíram para alimentar os diálogos e as discussões promovidas nesta pesquisa.

Na segunda parte, intitulada **Políticas Públicas de Incentivo à Leitura**, apresentaram-se algumas das ações desenvolvidas pelo país para a promoção da leitura, mais especialmente do PROLER e seus desdobramentos pelo Brasil. Fez-se um breve histórico da formação e instituição do Programa, destacando as diretrizes, ações e a expansão com a formação dos

Comitês nos Estados, dentre os quais o PROLER/UESB, que se constituiu em parceiro pioneiro e desde o início do programa colaborou com suas atividades, em especial, com os Encontros de Leitura, objeto desse estudo.

A terceira parte, **Os Encontros de Leitura em três escolas da zona rural de Vitória da Conquista**, é dedicada à apresentação do objeto desta pesquisa e de suas três versões realizadas na zona rural do município de Vitória da Conquista de 2010 a 2012.

Intitulada **Registros e Memórias dos Encontros de Leitura na zona rural de Vitória da Conquista**, a quarta parte apresenta os dados coletados e as reflexões a que se chegou através dos instrumentos desta pesquisa: os relatórios do programa, as entrevistas e os questionários aplicados no corrente ano aos participantes dos Encontros de Leitura que foram sujeitos desta pesquisa.

Nas **Considerações Finais** a que se chegou por meio da investigação realizada, buscou-se contribuir com as reflexões sobre as práticas de incentivo à leitura e perspectivas de como se podem utilizar estratégias para sensibilizar o outro a fim de que este desenvolva a prática da leitura, por compreendê-la não apenas como possibilidade de fruição e deleite, mas como atividade indispensável para pleno exercício da cidadania, sugerindo ainda, caminhos para que novos estudos possam aprofundar as questões aqui discutidas.

1 - A LEITURA DA PALAVRA E DO MUNDO

Esta parte apresenta, ainda que de forma breve, uma visão sobre a leitura, seus campos de estudo e sua importância no mundo moderno, relacionando-os com dois eixos fundamentais para a formação leitora, que são a alfabetização e o letramento, vistos como condições indispensáveis para que a habilidade de leitura seja efetivamente utilizada na vida em sociedade.

Não seria possível, hoje, imaginar a sociedade sem a grande (r)evolução que se realizou no mundo da leitura. Desde a sua abrangência aos variados conceitos e motivações, a leitura está presente em todas as ações sociais e envolve mecanismos que se desdobrarão ao longo do seu processo. Viver coletivamente requer que essas relações sejam cada vez mais espontâneas e interligadas a outras ações que possibilitam um melhor desempenho na vida cotidiana em todos os seus aspectos.

A leitura, de acordo com Paulo Freire, precede à alfabetização escolar. Ou seja, antes de se iniciar na escola formal, a criança ou o jovem/adulto, já lê. Em seu livro “A Importância do Ato de Ler”, de 1982, ele enfatiza que o processo de leitura se desenvolve no cotidiano das pessoas e lhes possibilita interpretar e entender o mundo a partir das experiências às quais são submetidas. Ainda segundo Freire (1982, p. 9), ela é um processo “que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”. A “linguagem e realidade se prendem dinamicamente” e o autor traz à tona a estreita relação do meio com a construção e atribuição de sentido que se dá aos fatos e às coisas.

Não existe texto sem contexto e, para a leitura, essa máxima é fundamental. A possibilidade de leitura está circunscrita ao universo privado de cada um. E quando a escola promove o acesso à cultura escrita, os alunos já trazem uma bagagem de leituras e repertório para as suas interpretações – é a leitura do mundo. Ao longo da vida, esse repertório vai se ampliando com as experiências adquiridas e com a própria evolução à qual todos estão sujeitos, como mostra Freire ao citar lembranças de sua infância como marcas fundamentais para o desenvolvimento de sua habilidade de leitura.

Os "textos", as "palavras", as "letras" daquele contexto - em cuja percepção eu experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber - se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (FREIRE, 1982, p. 09)

Antes de ingressar na escola, Freire já lia o mundo ao seu redor no canto dos pássaros, nas folhagens, nas mangas quase maduras... O autor faz uma associação entre memória e leituras que, afinal, foram e serão construídas individualmente a cada experiência vivida e serão material de construção para a interpretação da palavra e do mundo. Essas experiências trarão subsídios para que se amplie a pluralidade da leitura de modo a encaixá-la numa perspectiva múltipla e muito abrangente enquanto sistema de revelação e descobertas.

Autores como Paulo Freire, Magda Soares, Irandé Antunes, Chartier, Percival Britto, Ezequiel Theodoro da Silva compuseram o diálogo sobre a história da leitura, alfabetização e letramento, além de conduzirem a reflexões acerca do hábito de ler e de como este pode ser estimulado e promovido. Além desses autores, foram consultadas outras valiosas produções que abordavam o tema, como revistas, livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos referentes à temática desta pesquisa.

Ao tratar de leitura nessa pesquisa, espera-se que a mesma seja compreendida em seus diversos aspectos, numa visão semiótica de ser a interpretação tanto das imagens e fatos do dia a dia, quanto da grafia, do signo linguístico, apresentando-a, assim, numa perspectiva tanto externa e anterior à escola, quanto como um dos principais objetivos desta instituição.

1.1 ASPECTOS DA HISTÓRIA DA LEITURA

Ler é produzir significado e este não está no próprio texto, ou apenas nele, como já quiseram alguns autores. Ele varia de cultura para cultura, de momento para momento, de leitor para leitor. Assim, muito mais que se conhecer o que se lia, um estudo do que está escrito, como sugere Chartier (2009), se faz importante compreender como se lia, compreender a maneira como os leitores dialogavam e apreendiam os textos, levando-se em consideração fatores como tempo, suporte, competências, etc.

Estudos realizados no campo da história da leitura deslocaram essas preocupações para responder perguntas sobre “como” e “por que” se exercem essas práticas de leitura. Pelo viés dos estudos culturais, as pesquisas, de acordo Brito (2001), voltam-se para buscar compreender as experiências e trajetórias de sujeitos que em suas relações e confrontos para construir visibilidades, organizando o estar no mundo através de culturas orais, letradas, discursivas, performáticas, entre muitas outras. Tais construções possibilitam abordagens de uma escrita da história que busca apreender múltiplas manifestações culturais, que procura

surpreender os leitores e as relações que lhes são constitutivas e não apenas daqueles que tiveram acesso a registros e decodificações da cultura escrita.

Nesse sentido, os Estudos Culturais integram uma área interdisciplinar de estudos que, em sua ampla abrangência, compreende a cultura como manifestação múltipla e diversificada, que pode ser fonte para se compreender aspectos culturais da sociedade, além de promover outro olhar para os fatos históricos que não aqueles que provêm das classes mais abastadas e que detinham o poder.

Para Chartier (2009), o que importa, de fato, são as maneiras como os leitores se apropriavam dos textos, atribuindo-lhes sentido. Pensar na forma como se lia, e não apenas no que se lia, pode trazer respostas para muitas perguntas que hoje podem ser feitas para se compreender os modos de vida dos antepassados.

Quando se abre esse leque, inúmeras podem ser as especulações e conjecturas acerca das práticas de leitura e de como elas se davam. É a partir da atitude de curiosidade com o passado, diante de novas possibilidades de fontes, recursos técnicos, teóricos e metodológicos, que surge a formulação de novos problemas que poderão trazer novas descobertas, ou ampliar aquelas análises já elaboradas.

As práticas sociais e, portanto, também as práticas de leitura, variam de cultura para cultura. Alguns valores são insignificantes para alguns, ou mesmo inexistentes em determinadas culturas ou contextos, enquanto que para outros podem representar algo de muito valor e estima. Por isso, a história da leitura deve ser entendida, na perspectiva de apreender suas práticas, como “o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”. (CHARTIER, 1990, p.27). Afinal ela é uma atividade humana e como tal, criativa, variável e constituída em torno de um conjunto de condições sociais.

Dessa forma, é interessante observar que um mesmo texto pode ser lido e compreendido de formas diferentes em determinadas épocas ou mesmo localidades/sociedades. “Uma história abrangente da leitura e dos leitores deve, assim, considerar a variação, de acordo com o tempo e o local, das condições de possibilidade e das operações e efeitos de tal invenção e criação.” (CHARTIER, 1999, p. 23)

Além de se entender a língua como instrumento de poder, de manifestação e produção de saberes e de valores, investigar os modelos de leitura de uma época significa compreender também como aquelas pessoas viam o mundo e como se comportavam naquela sociedade. Segundo Robert Darnton (1990), estudos dessa natureza contribuem para mapear o “quem”, “o quê”, “onde” e “quando” da leitura. Por que determinados livros eram lidos e outros não?

Como se liam esses livros? Como se davam as práticas de leitura em determinadas épocas? Quem lia determinados livros e por quê? Todas essas perguntas estimulam a curiosidade e promovem a busca por respostas que podem trazer à tona fatos e costumes dos quais sequer se imaginava.

Essa nova possibilidade de leitura abre lugar para uma visão mais abrangente da história quando amplia seus horizontes a fim de apreender e dialogar com novas fontes, novos métodos e novas abordagens, que constituem os desafios a que se propôs a Nova História.

A leitura não é uma prática isolada, destituída de porquês. Como afirma o próprio Darnton, “a leitura tem uma história” e esses questionamentos de como se lia, por que se lia, ainda são feitos sem respostas concretas. Para Darnton (1990, p.172) “se conseguíssemos entender como se lia, poderíamos vir a compreender melhor como se entendia a vida, e, por essa via – a via histórica –, quem sabe chegaríamos a satisfazer uma parte de nosso próprio anseio por um sentido”.

Nesse mesmo sentido, segundo Chartier (2011, p. 91), uma espreguiçadeira, um móvel do século XVIII, fala muito mais que apenas de conforto e marcenaria; a vida de personagens fictícios da literatura (em seus hábitos e discursos) não é apenas um traço de imaginação e arte, fruto de um lampejo criador do artista; que listas, receitas, inventários e tudo quanto tenha sido escrito possa dar pistas de modos de vida e de costumes que estejam inscritos nas entrelinhas dessas manifestações que, até então, estiveram caladas. Essas são possibilidades de leituras que despontam, num outro direcionamento do olhar que, por estar inerte, não pode responder às perguntas que ora são feitas a outros personagens que também podem dizer, e muito, sobre a história.

E, no sentido proposto por este autor, ainda que a leitura seja diferente da escrita, seus estudos estão atrelados, uma vez que esta está para aquela numa relação de dependência e funcionalidade, afinal, tudo que é/ foi escrito o foi por alguma razão e para ser lido/ sabido, ainda que com diferentes suportes e necessidades.

Desde os sinais da natureza, aos desenhos talhados em pedras e paredes até os textos escritos e dispostos nas ondas da internet, as formas de leitura e de escrita passaram por diversos caminhos, até chegar aos modos de ler em vários suportes que, por vezes, reproduzem mais de uma linguagem e cujos procedimentos acompanham também os exercícios de leitura que se pratica hoje.

“Em nosso mundo, a imaginação do leitor pode mobilizar simultaneamente os diferentes modos de inscrição e transmissão que herdamos do passado.” (CHARTIER,

1999,p. 31) Das placas de barro às telas dos computadores, este percurso revela que leitura e escrita têm origens antigas, vem crescendo e se modificando junto com a humanidade, e ampliando suas possibilidades e suportes de produção e interpretação.

Com a evolução das práticas sociais, o homem também foi progredindo à medida que as necessidades iam surgindo. Por volta do século VI a.C., a evolução comercial faz surgir novas necessidades e esse tipo de registro pictográfico já não dava conta de atender às necessidades que então surgiam.

As pessoas haviam percebido que instruções, cálculos e acordos verbais podiam, com facilidade, ser adulterados, contestados ou esquecidos. Uma testemunha especial tornou-se necessária, uma ‘testemunha imortal’, capaz de recordar, em voz alta, os valores e as mercadorias com exatidão, que pudesse ser consultada sempre que necessário a fim de confirmar fatos oralmente e cessar contendas (FISCHER, 2006, p.9).

A escrita ideográfica, precursora da escrita alfabética que hoje existe, surgiu, segundo historiadores, na Mesopotâmia, atendendo a esse contexto social, fruto da necessidade das situações da vida cotidiana dos comerciantes, que precisavam registrar o movimento de suas atividades mercantis, mas as peculiaridades da oralidade e da memória, cujas recordações são inundadas por percepções e sentimentos do presente, não davam conta de registrar de forma precisa os quantitativos dessas atividades. Assim, para atender a uma necessidade eminentemente comercial, nasceu a escrita, assumindo a condição de “a testemunha imortal”.

No século XV (CHARTIER, 1999), a invenção da imprensa permite maior facilidade na publicação dos livros em maior quantidade e rapidez, tornando-os mais acessíveis, mas até o século XVI, por ser “um bem” da elite, pouquíssimas pessoas tinham acesso à escrita.

Com o alargamento das relações comerciais e a ascensão da burguesia ao poder como classe, a sociedade burguesa amplia as possibilidades de alfabetização da população. Tal evento promoverá maior acesso ao mundo da leitura e dos livros até que, no século XVIII, conforme o mesmo autor, ocorre a ampliação das bibliotecas e do acesso aos escritos, contribuindo para que houvesse uma prática de leitura extensiva e grande demanda por livros. Contudo, vale ressaltar que ler e escrever ainda não era uma tecnologia a que todos tivessem acesso, porque a escola era lugar “para poucos”, apesar do avanço da escola pública.

Para Chartier (1999), compreender a história da leitura é muito mais que, simplesmente, pensar na grande revolução que foi a invenção da imprensa, marco realmente fundamental para os avanços que se alcançou, porque, sozinha, ela não daria conta de criar e formar os seus leitores, que já existiam antes dela. Ainda segundo Chartier (1999, p.23) “as ‘revoluções da leitura’ são múltiplas e não estão imediatamente ligadas à invenção ou às transformações da impressão.”

Há dois grandes marcos para a leitura na modernidade. O primeiro, a passagem da leitura oral para a visual, silenciosa, que permitiria “um relacionamento com a escrita potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado” e que ampliaria a possibilidade de uma leitura mais rápida e reflexiva.

A difusão da possibilidade de ler silenciosamente marca uma ruptura de importância capital. A leitura silenciosa permitiu um relacionamento com a escrita que era potencialmente mais livre, mais íntimo, mais reservado. Permitiu uma leitura rápida, especializada, capaz de lidar com as complexas relações estabelecidas na página do manuscrito entre o discurso e suas interpretações, referências, comentários e índices. (...) criou a possibilidade de ler mais rapidamente e, portanto, ler mais e de ler textos mais complexos. (CHARTIER, 1999, p. 24)

Essa primeira revolução na leitura precedeu aquela que viria em decorrência da impressão. A maior produção de livros, durante o século XVIII, e de suportes de leitura como jornais e livros de pequeno formato favoreceram a ampliação do público leitor, com a substituição do modelo de leitura restrito aos textos religiosos, lidos, relidos e memorizados – a leitura intensiva – pela leitura do efêmero, lidos com rapidez e julgamento crítico.

Esse novo leitor, o “leitor extensivo”, como afirma Chartier (1999, p.25), “é um outro leitor: consome numerosos e diversos impressos, lê com rapidez e avidez, exerce uma atividade crítica que não subtrai a qualquer domínio ou dúvida metódica”. Atualmente, a revolução que os meios eletrônicos trouxe novas formas de suporte do texto escrito, extrapolando os conceitos de autoria e leitura que até então se tinha.

Estudar a história da leitura sob a perspectiva da Nova História permite entender que “a leitura não é simplesmente uma habilidade, e sim uma maneira de fazer sentido, que deve variar de cultura para cultura” (DARNTON, 1990, p.159). Nessa perspectiva, compreender essa variação cultural como ambiente orientador da leitura e responsável, também, pela construção do sentido que a ela seja dado em determinado meio e contexto, nos levará a compreender a pluralidade de leituras de um texto.

Ao se trazer esses estudos para o cenário atual, entende-se que as práticas de leitura contemporâneas devam estar, a título de se ampliar seus significados e abrangência, fundamentadas nesses princípios para que se possa alcançar uma maior compreensão do que é leitura e de sua utilidade para a construção da vida em sociedade, entendendo que cada momento criará suas estratégias e suportes, uma vez que a leitura é atividade de interação.

Refletir sobre o percurso histórico apontado pelos referidos autores sobre leitura corresponde, na atualidade, a formular indagações sobre as ações que são realizadas a fim de compreender quais limites e potencialidades envolvem as práticas de leitura. Como, por exemplo, aquelas realizadas nas escolas e por grupos de moradores de alguns distritos rurais

de Vitória da Conquista, quais as políticas do município para este fim e como o PROLER/UESB busca estimular práticas leitoras indispensáveis a um posicionamento crítico e a ocupação do lugar de cidadão na sociedade contemporânea. Assim, implementar as práticas de leitura significa tanto ampliar um arsenal de leitura do mundo nas vivências cotidianas, o que precede a escola, quanto desenvolver a habilidade de se interpretar a palavra escrita.

Nesse sentido, veio o direcionamento de pensar nos Encontros de Leitura do PROLER/UESB como objeto de estudo, pela abordagem que o programa dá a esse tema, ampliando-lhe as possibilidades por não reduzi-lo à leitura do texto escrito. Partindo dessa perspectiva, como se dão essas práticas nos Encontros de Leitura promovidos pelo PROLER? O que se pretende quando, nesses Encontros, se propõem atividades de gêneros diversos, como a leitura compartilhada, o registro fotográfico da região em que acontecem os Encontros e o registro das atividades e representatividades locais? Quais as expectativas do Programa ao realizar um Encontro numa comunidade? E, sobretudo, quais as expectativas dos participantes desses Encontros? O que os professores, principais disseminadores e incentivadores da leitura, esperam ou absorvem desses encontros?

Essas perguntas direcionaram essa pesquisa e conduziram a investigação.

1.2 A NOVA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA COMO CAMPO DE PESQUISA

A história da cultura escrita como campo de pesquisa está vinculada à História Cultural, que deslocou os paradigmas tradicionais da produção historiográfica, dando lugar à Nova História, que aponta novas abordagens e novos métodos à produção da escrita da história e trazendo à tona, entre outros, os conceitos de cultura e de representações.

Enquanto a história tradicional apresenta uma visão “de cima pra baixo”, centrada “nos feitos dos grandes homens”, a nova história se propõe a ser uma história “vista de baixo pra cima”, e, nesta forma, a história pode, e deve, ser descrita também por todos os membros da sociedade, de todas as classes e segmentos sociais.

Segundo Peter Burke (1992, p.10), “A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional. (...) Poderíamos também chamar este paradigma de a visão do senso comum da história, (...) considerado a maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado”.

Ao extrapolar a visão positivista que se tinha de fazer História, a qual era contada pelo viés dos grandes eventos e de seus protagonistas, a Nova História, atrelada à historiografia francesa, propõe, segundo Burke (1992, p.3), que o homem comum e suas práticas culturais se tornem, também, objetos para estudo da história, ampliando-se as fontes para o estudo da mesma.

Neste sentido, ampliam-se as abordagens dadas aos documentos, surgem novos olhares para cenas do cotidiano e, com isso, surgem também novas dificuldades diante do novo. Enquanto na velha perspectiva a história deveria ser baseada em documentos, para a Nova História abre-se uma infinidade de possibilidade de novas fontes, de novos olhares, muitas perspectivas e perguntas, que ampliam a noção de questionamentos e formulações de problemas para serem resolvidos com a pesquisa: “problemas de definição, problemas de fontes, problemas de método, problemas de explicação”, afinal, essa nova maneira de ver e de fazer a História está, também, experimentando o novo, que pode trazer riscos, erros e apresentar algumas incoerências. Esses desafios, entretanto, fazem parte das descobertas e também das peculiaridades de organizar e interrogar as novas fontes.

Segundo Burke (1992, p.12), “os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos; a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas.” Para a nova história cultural interessam as práticas culturais e os sujeitos que as produzem, recebem e difundem, que sejam de qualquer classe social, independentes de serem pessoas conhecidas ou comuns. São entendidas como práticas culturais as marcas que os sujeitos deixam, seus costumes, crenças, comportamentos, as leituras e as escritas, etc.

Enquanto a “velha história” tem uma visão basicamente política, a nova história se interessa por toda atividade humana, inserida num passado que pode ser revisitado para explicar fatos que até então não haviam sido questionados. Nas palavras de Burke (1992, p.11), “a base filosófica da nova história é a ideia de que a realidade é social ou culturalmente constituída” e na qual se destacam pesquisadores como Jacques Le Goff, Philippe Ariès, Roger Chartier, entre muitos outros. A nova história não é necessariamente nova, porque de acordo com as reflexões de Burke (1992, p.19), “o que é novo não é sua existência, mas o fato de seus profissionais serem agora extremamente numerosos e se recusarem a ser marginalizados”.

O conceito de cultura como prática é tratado por Chartier (2002, p.18), que formulou para seus estudos os conceitos de representação e apropriação. Para ele, as representações são

formas de interpretar a sociedade, como ela é vista, constituída e construída em determinada época e as interpretações de padrões da vida cotidiana são partilhadas pelos sujeitos que a compõem, e tanto uma como a outra, são influenciadas pelas relações de poder.

Então é evidente que a história relatada por um homem comum não apresenta a mesma ótica, e certamente nem é a mesma, que aquela narrada por um membro de reconhecida importância na mesma sociedade, mesmo que tenham vivido na mesma época, no mesmo espaço, e ainda que, em determinadas situações, suas visões possam ser semelhantes em alguns pontos. As representações que moldarão as práticas desses diferentes sujeitos estão relacionadas a determinadas situações e posições que assumem nesta sociedade.

Os mesmos produtos culturais podem atingir a grupos diferentes, mudando apenas a apropriação que é feita por cada um deles. E esta assimilação é pessoal, cada sujeito a fará de acordo suas convicções, saberes e experiências.

Com um leque tão amplo dado à significação do que é cultura, um novo campo de estudos se abriu na nova história cultural, o que se propõe a realizar investigações sobre a história da cultura escrita, interessado em conhecer as práticas sociais de escrever e ler como instrumentos da História que despontam como categorias de estudo, cujas investigações sobre esse viés requerem mais que um simples levantamento de estatísticas sobre o que se lia, quando e quem o fazia, compreendendo as práticas culturais, os seus sujeitos e as formas como eles se relacionam.

Tais perspectivas se aproximam das diretrizes do PROLER quando este propõe uma abordagem cultural da língua e da linguagem, atribuindo ao leitor/ escritor um papel mais ativo e não apenas de um decodificador de sinais e sons. A leitura é tratada pelo Programa como uma forma de se relacionar com o meio e nele estabelecer relações sociais de partilha e acréscimo.

Uma escola da zona urbana de Vitória da Conquista, por exemplo, pode ter características culturais diferentes de uma escola da zona rural, e mesmo de outra escola na zona urbana. Essa diferença é rica e objeto de trocas e ampliação de saberes.

Nas atividades de escuta, na valorização das manifestações culturais de cada região, na contação de casos e histórias fica evidente a conotação que é dada pelo programa aos valores culturais e sociais, os quais estão incluídos nas práticas de leitura.

1.3 AS PRÁTICAS DE LEITURAS COMO REQUISITO INDISPENSÁVEL NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Ler é uma necessidade de todo indivíduo que vive em sociedade e a ampliação do repertório de leituras é imperativa. Essa habilidade de leitura não se resume à decodificação da palavra escrita. Mais que interpretar sinais gráficos, imagens ou sons, requer habilidade em ressignificar, relacionar, contextualizar para que possa construir um sentido do texto, de qualquer natureza, e compreender sua mensagem.

O ato de ler é um processo interativo de construção e reconstrução dos textos, sejam eles imagens, sons, números ou letras, que se realiza mediante a ação do leitor que se dispõe a tomar seu conhecimento de mundo, sua função social, suas habilidades linguísticas para estabelecer com o texto uma relação de associação e de interpretação.

No mundo moderno, as carências pela leitura foram, ao longo dos últimos séculos, se ampliando gradativamente e as habilidades múltiplas cada vez mais solicitadas. Se nos séculos XVIII e XIX apenas saber ler e escrever, ter noções dos cálculos elementares era suficiente para a entrada na vida profissional, na contemporaneidade tais requisitos já não representam habilidades especiais para o mercado de trabalho por não serem consideradas como um diferencial.

Numa sociedade de cunho eminentemente letrado e excludente, competitiva e globalizada, não estar a par das ferramentas necessárias para interação com os textos é estar um passo atrás e, conseqüentemente, não conseguir desfrutar das oportunidades que a sociedade contemporânea pode oferecer. “Saber ler e escrever é uma exigência sociocultural básica para viver nas sociedades modernas. Há, contudo, uma importante diferença entre saber ler e a prática efetiva da leitura” (PROLER, 2009, p. 8)

Portanto, é preciso mais que a habilidade de decodificação das palavras – é preciso saber relacioná-las com as práticas do dia a dia e, nesse sentido, saber fazer escolhas, saber relacionar-se e interagir no meio social no qual se esteja inserido, exercendo sua cidadania. Algumas pessoas, por exemplo, tem a habilidade de assinar o nome, no entanto, são incapazes de ler uma única palavra. Adquiriram uma tecnologia, mas dela não podem depreender sentido.

Mesmo que o valor dado à escrita seja um valor social, a alfabetização em si não é suficiente para garantir articulação ou interação com o meio. Mais que o reconhecimento

socialmente referendado como indispensável do domínio da técnica da leitura e da escrita, é a relação e a significação que se dá a esta validação que o tornará, de fato, significativo.

No cenário contemporâneo, os suportes de leitura se multiplicaram e ler significa interpretar todos eles a fim de que transmitam as informações necessárias para o uso cotidiano. Assim, convém refletir sobre a oportunidade de como criar possibilidades para ampliação de construção de inferências de leituras, em todas as suas formas e aplicabilidades. É importante que se reflita também por que esse domínio é necessário.

Ainda de acordo com o programa PROLER (2009, p. 8):

se o aprendizado da leitura atende a necessidades pragmáticas, como deslocar-se de um ponto a outro no espaço das cidades, trocar correspondências, fazer compras e realizar outras tarefas cotidianas, é a prática da leitura que possibilita aos indivíduos participar de maneira ativa da vida em sociedade.

Ao se atribuir sentido a um texto, constrói-se uma gama de relações que são inerentes àquele que as processa, de seu mundo, de suas relações e conhecimento de mundo. Assim, todos são capazes de realizar leituras e releituras do que se mostra ao seu redor, estabelecendo com o objeto a ser lido, relações de aproximação ou afastamento, mas, em qualquer dos casos, estabelecendo relações de interação e/ou de tensão.

Além das leituras mais ou menos convencionais como perceber, ao olhar o céu, se haverá chuva ou não, de uma situação, de expressões, etc., o mundo globalizado faz uso de milhares de informações escritas, através de meios que primam por essa modalidade de comunicação. O processo comunicativo, nesse contexto, se reafirma como um processo de leitura ligada ao texto escrito, fazendo com que o uso social da leitura esteja, cada vez mais, impregnado de solicitações da sociedade contemporânea, o que exige dos cidadãos o domínio desse código para a realização das mais simples atividades cotidianas.

Na leitura, efetivamente, persistem várias situações, condições imbricadas, que farão com que aquele texto seja um texto aceitável em dadas situações, contextos, épocas e seja capaz de transmitir uma mensagem. Ler não é uma tarefa simples.

O desenvolvimento científico e tecnológico deveria estimular essas atividades leitoras, pois ler significa interpretar as relações no mundo, como se processam e promover uma interação mais consciente na sociedade. Relacionar-se no mundo em que se vive necessita de compreensão do universo de cada indivíduo e de se estabelecer relações com esses espaços, pessoas e situações, efetivando-se assim a prática social como mecanismo de interação e convívio.

Para se estimular o hábito e o desejo de ler, demonstrando como essas habilidades de se lidar com as informações e de se trabalhá-las através da escrita e, conseqüentemente, da leitura podem trazer mudanças reais de vida para os alunos, dentro e fora das salas, as práticas de leitura precisam ser direcionadas para atender a diferentes objetivos e gêneros: “ler buscando as informações relevantes, ou o significado implícito nas entrelinhas, ou dados para a solução de um problema” (BRASIL, 1997, p.40)

Tudo começa primeiramente em casa. Na relação com a família está o primeiro estímulo para que se solidifique a leitura como um hábito. Extremamente curiosa, a criança se interessa por histórias, pelo mundo encantado das fábulas e dos monstros, das aventuras, e mesmo dos “causos” contados pelos mais velhos. A família deve aproveitar essa fase para estabelecer situações de leituras e estimular a relação com os livros, manuseá-los, proporcionar aos filhos convivência com pessoas que leem com frequência, o que ficará registrado na memória como uma marca a ser copiada.

Infelizmente, no Brasil, dadas às condições inclusive históricas e sociais, o hábito de leitura do texto impresso na família não é uma tradição, fazendo com que essa prática leitora se restrinja cada vez mais à escola, que fica responsável pela tarefa de estimulá-la e promovê-la, competindo com o mundo da tecnologia, sempre bem mais atrativo.

A escola ficou responsabilizada pela formação e por aguçar no leitor a prática leitora, buscando resgatar o prazer da leitura e, com isso, estimular o desenvolvimento da cidadania. Em países em desenvolvimento, conforme Yunes (1984, p. 53) “O estímulo sistemático à leitura deveria ser meta prioritária”, mas sem a colaboração dos grupos potencialmente envolvidos nas relações com o público escolar, essa missão se torna extremamente difícil. O apoio dos pais, primeiros colaboradores para a construção do aprendizado, é indispensável

O processo de apropriação de mecanismos para interpretação e construção dos textos é potencializado na escola formal, por meio da ampliação do acervo cultural e do aprendizado de estratégias para a leitura e a escrita, e à medida que vai se concretizando, abre espaços para novas possibilidades de interpretação e ação para uma “leitura do mundo”, como dizia Paulo Freire (1999), tornando mais abrangente e capacitado o processo de interação e integração social. A leitura, cada vez mais, tem se tornado um elemento indispensável para a inserção social do indivíduo.

O papel da escola na formação do leitor é inegável e se faz necessário aprimorar as práticas para que este lugar seja eficaz na promoção de estratégias de leitura que farão dos

estudantes os cidadãos atuantes nas sociedades do futuro. Para se transformar o aprendizado e o exercício da leitura em algo prazeroso, é necessário (res) significar a educação escolar.

Embora as taxas de escolarização venham aumentando a cada ano, segundo dados do Indicador de Alfabetismo Funcional, INAF, os índices de leitura no Brasil tem diminuído. O número de brasileiros considerados leitores - aqueles que haviam lido ao menos uma obra nos três meses que antecederam a pesquisa - caiu de 95,6 milhões em 2007, para 88,2 milhões em 2011.

Muitos estudantes não apresentam os níveis esperados para a série em que estejam matriculados e chegam a sair da escola sem terem alcançado os requisitos básicos para a conclusão dos estudos. Essa realidade é registrada pelos professores que dizem que os alunos pouco leem, e que, nas redações escolares, apresentam um vocabulário simplório, precário, argumentação reduzida e muita dificuldade de compreensão, além dos erros ortográficos e pouco sentido de coerência e coesão textuais.

É imperativo que a escola se atualize, modifique suas práticas, seu currículo e o modo como vê a leitura e os próprios alunos, a fim de que estes possam, efetivamente, desenvolver as características fundamentais para o exercício da cidadania e participação social ao se deslocar para além das salas de aula a competência leitora.

Valorizar e integrar a cultura popular ao contexto escolar não significa abandonar ou ignorar a cultura erudita, aprendida nas escolas. Grignon (1995) discute a necessidade de uma “pedagogia relativista” como garantia de reconhecimento do multiculturalismo, ou seja, da existência de culturas diferentes da cultura culta, sem que isso seja negar o acesso à mesma, à cultura teórica, aos saberes de alcance geral e universal.

A proposta de desescolarização da leitura se mostra bastante significativa, pois não basta que haja livros e bibliotecas, porque isso nunca foi o bastante para se formar leitores. É necessário que a leitura assuma o seu caráter multicultural e plural, deslocando-se do cenário único em que a sociedade a colocou: as salas de aula.

Nos PCN (1997), no subtítulo “Práticas de Leitura” lê-se que “O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura.” (BRASIL, 1997, p.40). Assim, um bom escritor seria, também, um bom leitor, e vice versa, já que um está diretamente relacionado ao outro. As atividades desenvolvidas nas escolas precisam estar atentas à diversidade, à pluralidade dos gêneros textuais e

As práticas de leitura, portanto, seriam um “espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadoras. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.”(BRASIL, 1997, p.40) Com o desenvolvimento de sua competência leitora, o aluno aumenta a sua capacidade de se relacionar com o mundo, utilizando diversas linguagens e escolhendo o tipo de texto nos moldes a serem utilizados em determinadas situações do seu cotidiano.

Para se potencializar o aprendizado da escrita, as práticas de leitura oportunizarão o desenvolver das habilidades de escrita e de apreensão dos “moldes textuais”, a fim de que se possa compreender sua utilização e adequação em cada situação do discurso. A escola oportunizará atividades que promoverão esse encontro.

Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos e, cada qual, por sua vez, exige uma modalidade de leitura. Há textos que podem ser lidos apenas por partes, buscando-se a informação necessária; outros precisam ser lidos exaustivamente e várias vezes. Há textos que se pode ler rapidamente, outros devem ser lidos devagar. Há leituras em que é necessário controlar atentamente a compreensão, voltando atrás para certificar-se do entendimento; outras em que se segue adiante sem dificuldade, entregue apenas ao prazer de ler. Há leituras que requerem um enorme esforço intelectual e, a despeito disso, se deseja ler sem parar; outras em que o esforço é mínimo e, mesmo assim, o desejo é deixá-las para depois. (BRASIL, 1997, pg. 43)

A leitura é uma característica indissociável da escola, porém ela transcende a leitura do texto escrito e amplia sua significação para a interpretação do mundo, com inúmeras possibilidades.

Além de ensinar a leitura dos textos escolares, a prática da leitura deve promover a leitura para além da decodificação, que se estende também para fora dos muros da escola. Ler não é uma tarefa simples e a presença do professor enquanto mediador das estratégias no cotidiano escolar se torna indispensável na preparação direcionada, no sentido de escolher os textos a serem trabalhados, pensar na finalidade e modalidade dos materiais e gêneros adequados a cada situação comunicativa para dentro e fora das salas de aula.

No entanto, estar na escola não é garantia de domínio da língua enquanto meio de interação social. Pode se aprender as regras, sua estrutura e funcionamento, mas isso não é garantia de que já se possa fazer uso dela de forma plena. Aprender o código, a tecnologia para a construção da escrita não assegura a relação necessária que dela se exige.

1.4. A LEITURA NA ESCOLA: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Durante muitos anos, a leitura ficou restrita à decodificação da palavra escrita, de forma muito tradicional, mecânica, de leitura dos conteúdos escolares e/ou religiosos. Mas, a partir de meados do século XX nota-se a preocupação em se efetivar o uso social da língua escrita, introduzindo-se outros tipos de textos, que até então não faziam parte da leitura escolar, para que, dessa forma, se tornasse algo motivador e prático na vida dos alunos.

Ao escutar as lembranças dos mais velhos sobre a escola, frequentemente aparecem a figura do professor centralizador, austero, os castigos com punições físicas e morais, e, sobretudo, o pavor dos dias de leitura e de “dar a lição”. Talvez tenha ido muito atrás para encontrar essa imagem, porém, no que se refere à sala de aula moderna, apesar de uma “nova roupagem”, a leitura do texto escrito ainda não se libertou totalmente dessa ideia e não se transformou em objeto de prazer e descobertas para todos. Se preso a um modelo de educação por resultados, o aprendizado da leitura acaba condicionado ao domínio da “estratégia” de uma leitura “limpa”, sem tropeços, em detrimento da interação e fruição, que lhe são desejáveis.

Na escola, o aprendizado está, especialmente nos primeiros anos de ingresso, direcionado à leitura e à escrita, numa parceria indissociável. Essa instituição ficou consagrada como o espaço reconhecido, autorizado para o aprendizado dessas duas habilidades e, ainda hoje, espera-se que ela dê conta dessa função.

A educação escolar, que nos tempos mais longínquos exercia um papel de mera complementação da educação em casa, hoje vem alcançando uma importância cada vez maior, seja para o mercado de trabalho a fim de atender às exigências do desenvolvimento econômico, seja na formação de cidadãos para viver num mundo globalizado, tecnológico e com grande disponibilidade de informações.

Os objetivos de ensino de leitura na escola são muitos. Ao longo de seu processo de formação, espera-se que o leitor domine algumas habilidades, como sugere Soares (2003b, pp. 91-92):

[...] informar-se, para interagir com o outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos, habilidade de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever, atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever.

Como se vê, não é a leitura como habilidade de decodificar a palavra escrita, contida nela mesma, mas, especialmente, a partir dela, ler os contextos, as entrelinhas, as inferências

textuais e de sentido, ou seja, utilizar-se da linguagem em suas múltiplas possibilidades para a interação social e para lidar com seu próprio mundo.

A abordagem de Soares (2003) também sugere que a escola ficou responsável pela formação intelectual do indivíduo. A ela foi atribuída a função de ensinar, educar os jovens do futuro e ela é, ainda, o espaço mais importante de formação de leitores. No entanto, em decorrência de vários fatores, tais como o currículo, a estrutura de funcionamento e a formação de profissionais, entre outros aspectos, a instituição infelizmente, não dá conta do papel formativo, social e político que lhe foi atribuído constitucionalmente.

Inúmeros têm sido os estudos relacionados a essa temática, que buscam soluções ou estratégias, caminhos para que a leitura seja efetivada como prática social para além da sala de aula, com atividades inovadoras ou percursoras de ações que venham desenvolver e estimular as competências leitoras dos alunos. O professor tem fundamental importância nesse processo, no sentido de encantar, estimular o desejo dos alunos, e a escola, também, precisa atender a essa demanda social e criar em seu currículo propostas que contemplem esse pleito. O currículo escolar, atento para esse fim, contribuiria significativamente para esse processo.

Mas, além da escola, é importante pensar no incentivo à leitura em outros espaços que não restringe as salas de aula, as possibilidades de interação e de produção de conhecimento.

Nas leituras dos bancos escolares e até naquelas chamadas “escola da vida” acontece a elaboração da habilidade e do conhecimento, ratificando a ideia de que a leitura é uma construção do dia a dia, dentro e fora das salas de aula. Nessa mesma perspectiva, Lajolo (1993, p 07) afirma que “ninguém nasce sabendo a ler: aprende-se à medida em que se vive”. Sendo assim, conceber a leitura como apenas a decodificação dos signos linguísticos não garante à mesma a pluralidade que lhe é inerente e limita suas inúmeras possibilidades.

Silva (1998, p.24) afirma que “A leitura (...) levanta-se como um trabalho de combate à alienação, capaz de facilitar às pessoas e aos grupos sociais a realização da liberdade nas diferentes dimensões da vida”, afinal, o contato com o mundo da leitura e da escrita possibilita acesso a outros mundos que oportunizam melhores condições para se viver, se relacionar, compreender o mundo e a si mesmo.

Entrar no mundo letrado, restrito, abre portas, inclusive para a mobilização social. Parafraseando Steven Fischer (2006), uma coisa, desde sempre, não muda, ainda que o ato de ler seja variável: ler é interagir com o mundo, para que dele se faça parte.

A sociedade contemporânea criou um cenário no qual seu processo de evolução e modernização elegeu valores que passaram a ser fundamentais para o pleno convívio social. Neste cenário as informações realizam-se, em grande medida, pelo uso escrito da língua mediado pela norma padrão, pois os meios em que essas informações circulam exigem e o propagam, como internet, rádio, TV, outdoors, catálogos, caixas de banco, senhas de atendimento, entre outras, e estão todos associados ao universo letrado do qual não se pode sair ou recuar e do qual também não se pode ficar de fora. Cada vez mais as atividades cotidianas vão sendo tomadas pelos meios tecnológicos, para os quais a leitura, tanto do texto escrito quanto do texto em outros suportes, se faz primordial para que se possa compreendê-las.

Dominar os vários suportes e tecnologias é reconhecer-se como leitor potencial, o que faz toda a diferença para que a prática leitora se configure como algo realmente efetivo e eficaz na vida contemporânea. E, especialmente, reconhecer a leitura como mecanismo indispensável da atual sociedade e que, para dominar os seus códigos, é necessário que também se construam as habilidades necessárias para que se aprimore essa tarefa de ler o mundo em todas as suas possibilidades.

Uma formação ativa e abrangente do leitor vai contribuir diretamente na formação de sua cidadania, uma vez que se propõe a capacitá-lo para atuar nesse cenário, muitas vezes competitivo e individualista. Comunicar-se no mundo globalizado significa, entre outras coisas, estar à frente, dominar o outro e agregar lucros/ganhos em todos os valores /aspectos. Em suas várias facetas, comunicar envolve inúmeros veículos, possibilidades, sejam elas visuais, sonoras, gráficas.

É visando à comunicação eficaz que a habilidade de leitura se apresenta como potencializadora dessa prática do cotidiano, que é a relação do ser com os demais à sua volta, relacionando vários setores de conhecimento num processo interativo, como um quebra-cabeça que vai se encaixando.

A leitura é um dos pilares da educação formal, pois é na escola que as primeiras práticas de leitura e de escrita são sistematizadas e deveriam ser ampliadas e aprimoradas no decorrer da vida escolar. Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997), espera-se que a escola seja capaz de formar leitores competentes, dotados de habilidade de compreensão e de inferências, da leitura “do que não está escrito”, habilidades de intertextualidade e de compreender o caráter plurissignificativo dos textos.

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos

implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, p. 40)

Nessa perspectiva, a leitura está muito além da tecnologia do escrito, mas é atribuída à habilidade de se depreender dos textos informações e inferências que lhes sejam pertinentes, sendo capaz de promover a intertextualidade entre os textos que compõem o universo de leituras do leitor, seu conhecimento de mundo e sua relação com o seu meio.

No caso específico da apropriação do código escrito, universalmente reconhecido e amplamente utilizado em todas as esferas sociais nos campos do trabalho ou do lazer, constata-se a sua importância e este corrobora para o crescimento e consequente ampliação das mudanças tecnológicas responsáveis pela divulgação e propagação do novo mundo, rápido e encurtado pela globalização.

Ainda que se reconheçam e se valorizem as especificidades do mundo da oralidade e suas possibilidades reais de promover a interação social, a linguagem escrita, que é considerada como “a maior invenção de todos os tempos”, configura-se, atualmente, no cenário moderno, como elemento indispensável para a convivência. É através dela que grande parte das informações é produzida, transmitida, armazenada, preservada e, por isso, é indispensável que se conheça e se domine esse código, que é aprendido na escola, e que capacita para a transmissão de ideias, ou seja, a comunicação, de várias possibilidades e em vários suportes.

Saber ler e escrever, além de fundamental para o exercício de graus mais complexos de cidadania, constitui marca de distinção e de superioridade em nossa tradição cultural. Tanto para indivíduos quanto para coletividades. Povos sem escrita costumam ser considerados inferiores, sem história, bárbaros. (LAJOLLO, 2001, p.30)

A pessoa que não domina esse código se sente impotente e constrangida, porque as relações sociais no mundo moderno são constituídas, em grande medida, por intermédio do mundo da leitura e da escrita.

Para que se seja capaz de ler e escrever, é necessário, antes de tudo, ser alfabetizado. Compreende-se como alfabetização o processo de aprender e ler as letras, formar palavras e frases, obedecendo a um código pré-estabelecido de normas a serem seguidas para a sua decifração. A escola, via de regra, é a responsável por promover a aprendizagem da língua escrita e saber ler, nessa perspectiva, é conhecer o código linguístico e suas relações sintáticas para aprender “o sistema convencional de escrita.”

Nas salas de aula de alfabetização de jovens e adultos, por exemplo, um dos momentos mais emocionantes para os discentes é quando começam a interpretar esses códigos, quando

já conseguem ler um texto e compreender as leituras que fazem. Nas crianças, quando alfabetizadas, o momento de epifania da “lógica” da junção das sílabas e da leitura é, via de regra, seguido de risos e indisfarçável alegria. Para estas crianças, é uma adivinhação, diversão; para aqueles, uma vitória a ser comemorada e divulgada.

A razão desse contentamento está relacionada aos requerimentos da sociedade de consumo que, segundo Lajolo (1994, p. 106), “faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela”. Nesse sentido, aprender a ler e escrever é uma conquista que lhes possibilitará, como esperam, novas oportunidades práticas para a vida cotidiana: pegar um ônibus, ler uma receita, e, principalmente, arrumar “um bom emprego”. O que muitas vezes fica evidente é que pouco importa a ampliação do aprendizado que dali poderia vir, pois apenas estar de posse do diploma, imaginam, lhes assegurará um passaporte para o mercado de trabalho.

A partir dos anos 1980, o conceito de leitura anteriormente relacionado à decifração do código escrito se amplia. Nessa perspectiva, é possível compreender que o processo de leitura não se realiza apenas na decodificação de letras, palavras, sílabas e orações, na construção do texto escrito, mas envolve operações relacionadas a outras ações, linguagens e saberes. Assim, a leitura é responsável pelas relações que o homem estabelece no mundo ao seu redor, com o seu espaço / tempo com o seu semelhante. Lê-se muito mais que apenas textos escritos; lê-se para a vida, lendo-se a própria vida.

O aprendizado escolar e o “da vida” não se excluem, mas se complementam na construção da capacidade criativa e interpretativa de cada sujeito. Sendo assim, devem ser, ambos, reconhecidos e validados como saberes distintos, mas indispensáveis, que se completam no ato construtivo das leituras.

A leitura é uma atividade de reconstrução do escrito, um processo que envolve todas as experiências do leitor, o seu “conhecimento de mundo”, suas vivências e experiências que darão a direção e os significados do que leu. Uma junção de competências e habilidades se faz necessária para o pleno exercício das leituras, do mundo e da palavra, que são feitas a cada momento. E exercitar essas habilidades é tarefa para ser desenvolvida tanto na escola, quanto na vida fora dela, na interação com a sociedade como um todo.

Frequentar uma escola não significa dizer que se adquiriram essas habilidades necessárias para o exercício da leitura. Altíssimo é o número de estudantes que concluem os ciclos de estudos sem ter alcançado as habilidades básicas requeridas para aquele nível. Ler e escrever, para muitos, ainda se constitui em atividade de muito labor e dificuldade.

De acordo com Silva (1997, p.39),

[...] existe uma verdadeira lei-dura, isto é, em termos de um conjunto de restrições agudas que impede a fruição da leitura do livro por milhões de leitores em potencial [...]. Neste contexto, torna-se muito fácil encontrar pessoas que não têm acesso à informação, aos diversos referenciais inscritos em deferentes tipos de livros.

Para o autor, a aquisição das estratégias e mecanismos da leitura depende de condições que estão muito além da sala de aula. Há uma série de restrições a que estão expostos os alunos que lhes impedem de se tornarem efetivamente leitores: desde a falta ou carência das bibliotecas públicas, dificuldades de acesso ao livro e até mesmo a forma como a leitura é “cobrada” nas salas de aula, quando os aspectos “técnicos” são prioridade, acima da fruição, por exemplo. O gosto pela leitura precisa ser estimulado pela escola, para além das atividades pragmáticas do conteúdo escolar, para que, a partir daí ele possa desenvolver a sua habilidade de questionar, sua criticidade e promover sua interação enquanto ser social.

Para que o sujeito faça o uso social da língua escrita não bastará que seja alfabetizado apenas, mas que faça usos desse aprendizado adquirido, num processo de construção social de sua própria cidadania. O indivíduo simplesmente alfabetizado adquire a habilidade de decodificar os sinais, de escrever as palavras e até montar um texto. No entanto, apenas isso não o capacita para disputar um espaço no competitivo cenário de crescimento que ora se realiza na sociedade contemporânea. É imprescindível que os indivíduos, além de alfabetizados, sejam letrados, o que significa dizer que estes têm habilidade para se relacionar com o mundo em sua volta, utilizando os códigos aprendidos e estabelecendo relações de troca e ação.

Nessa perspectiva, há mudança na maneira de considerar o significado do acesso à leitura e a escrita em nosso país – da mera aquisição da “tecnologia” do ler e escrever, à inserção nas práticas sociais de leitura e escrita, de que resultou o aparecimento do termo letramento, ao lado do termo alfabetização [...] a capacidade de usar a leitura e a escrita em uma prática social (SOARES, 2000, p. 21)

Para que o uso social da leitura seja efetivado, não basta, portanto, que o indivíduo seja considerado alfabetizado. Frequentar por anos uma sala de aula não significa assegurar ampliação de conhecimento e habilidade em articulá-los com o universo ao seu redor. O conhecimento, sozinho, não basta para mediar as relações sociais de que se necessita para se conviver em sociedade.

As condições para a leitura estão, efetivamente, para além da mera decodificação de signos arbitrários e da alfabetização para isso. Ler é ampliar o conceito de palavra e ampliar para as interpretações da vida e da realidade que está em torno de cada um.

De acordo com Soares (2000, p. 39), letramento é uma condição que se adquire por ter se apropriado da tecnologia da escrita,

Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita "própria", ou seja, é assumi-la como sua 'propriedade'.

Dominar essa habilidade de ler e escrever resultará na emancipação intelectual do indivíduo, dando-lhe subsídios para tomar suas próprias decisões, tanto na sua vida política, quanto pessoal. O que não significa associar inteligência à educação escolar, mas através dela, o indivíduo terá acesso a inúmeras informações e conhecimentos que serão de grande importância para que ele possa compreender as relações sociais e integrar-se no mundo. É o que experimentaram, pelo mundo das letras, Hélio, José Raimundo e Rosieles, como nos mostra Câmara (2001): Detentos que acompanhados pelo PROLER/Carcerário, um dos desdobramentos do comitê de Vitória da Conquista, em contato com o mundo da leitura, registraram em cadernos suas lembranças e desejos de vida, e puderam ter sua dignidade resgatada e suas vozes ouvidas “além dos muros e das grades”. Para eles, ter seus escritos lidos, corrigidos e digitados era uma conquista que exibiam orgulhosos no presídio. Através do mundo da leitura, puderam se expressar e descobrir novas perspectivas, como Hélio, que hoje é escritor com três livros lançados, participa de encontros e dá palestras.

Porém saber ler e escrever, efetivamente, não significa ser “um cidadão do mundo” e nele agir e atuar. Como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP):

Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1997)

Apenas o domínio do código escrito não é suficiente para que se faça uso deste em situações práticas de uso da linguagem enquanto meio de interação. Assumir a escrita como propriedade é fazer uso dela de forma efetiva, diária e com objetivos traçados. É ser capaz de produzir sentido, extraindo-o do texto, através de sua relação com ele e com seu próprio universo. Não apenas como receptor de uma mensagem, mas como mediador entre o texto e sua própria verdade, seu tempo e memória, a fim de se expressar com clareza ou compreender o que for lido.

Alfabetização e letramento não são a mesma coisa, nem sinônimos, mas são processos que não podem ser dissociados. Por alfabetização pode-se entender que seja a aquisição dos instrumentos da escrita, enquanto que, de acordo Soares, (1998, p. 47) o letramento é definido

como “Estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultivar e exercer as práticas sociais que usam a escrita”.

Exemplificando mais sobre o tema, a autora considera ainda que:

O exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor (SOARES, 2003, p.92).

Segundo a autora, para que a aprendizagem seja efetiva, ela precisa participar do fazer diário do indivíduo. Uma pessoa pode ser alfabetizada e, contudo, não ser letrada. Da mesma forma, há pessoas que mesmo com pouco grau de instrução formal, são capazes de movimentar-se na sociedade, fazendo parte das tomadas de decisão para a sua vida e, também, para os que os cercam. Todos já ouvimos histórias de pessoas que “venceram na vida”, mesmo sem serem escolarizadas, sendo capazes de construir relações que foram fundamentais para o seu crescimento.

O tempo que se passa na escola não determina, em absoluto, os níveis de letramento de uma pessoa. Nesse quesito, quantidade não resulta exatamente em qualidade, como apontam os dados de algumas pesquisas, como o INAF. Criado em 2001, pelo Instituto Paulo Montenegro, uma organização sem fins lucrativos, vinculada ao IBOPE, que tem por objetivo desenvolver e executar projetos na área de Educação, o INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) pesquisa a capacidade de leitura, escrita e cálculo da população brasileira adulta. Atualmente com pesquisas divulgadas a cada dois anos sobre as “habilidades de letramento e numeramento”, mede os níveis de alfabetismo funcional da população brasileira entre 15 e 64 anos de idade, “englobando residentes em zonas urbanas e rurais de todas as regiões do Brasil, quer estejam estudando ou não”. De acordo com as pesquisas desse instituto, muitos alunos, ao concluírem seus estudos, são incapazes de reproduzir, minimamente, as habilidades que seriam esperadas ao término daquele grau de escolarização.

No site do Instituto, no sítio do programa, tem-se as seguintes definições, bastante apropriadas, a título de esclarecimento:

Os níveis de alfabetismo funcional são:

Analfabeto - Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.);

Rudimentar - Corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica;

Básico - As pessoas classificadas neste nível podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações; e

Pleno - Classificadas neste nível estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. Quanto à matemática, resolvem problemas que exigem maior planejamento e controle, envolvendo percentuais, proporções e cálculo de área, além de interpretar tabelas de dupla entrada, mapas e gráficos. (INAF, 2011)

Como se poderá notar na tabela abaixo, o índice de analfabetismo funcional tem diminuído desde o ano de 2001, o que nos leva a pensar no que teria contribuído para esses índices. E mais, investigar por que, sendo este índice decrescente, a realidade no campo da leitura e da escrita apresentam situações bem diferentes na prática do dia a dia.

Tabela I - Evolução do Indicador de Alfabetismo Funcional - População de 15 a 64 anos (em %)

	2001- 2002	2002- 2003	2003- 2004	2004- 2005	2007	2009	2011- 2012
Analfabeto	12	13	12	11	9	7	6
Rudimentar	27	26	26	26	25	21	21
Básico	34	36	37	38	38	47	47
Pleno	26	25	25	26	28	25	26
Analfabetos funcionais (Analfabeto e Rudimentar)	39	39	38	37	34	27	27
Alfabetizados funcionalmente (Básico e Pleno)	61	61	62	63	66	73	73
Ano base	2002	2002	2002	2002	2002	2002	2002

Fonte: INAF BRASIL 2001 a 2011

Obs.: Os resultados até 2005 são apresentados por meio de médias móveis de dois em dois anos de modo a possibilitar a comparabilidade com as edições realizadas nos anos seguintes.

Ao se analisar os dados apresentados pelo INAF, nota-se um resultado positivo, é verdade, mas que não chega a ser, na prática, tão animador, pois ainda que o índice de analfabetos tenha diminuído consideravelmente nos 10 anos comparados, chegando a 50%, a

mesma porcentagem, infelizmente, não foi alcançada pelos índices de alfabetismo funcional, o que significa que há um longo caminho pela frente. Porque não basta estar na escola, se o aprendizado não for significativo.

É inevitável pensar em motivos e, sobretudo, em estratégias que visem à mudança desse quadro, buscando se criar meios para que a escola seja, de fato, uma promotora do letramento de todos os que nela estiverem matriculados, ainda que estabelecer essa “parceria” não é uma tarefa simples, uma vez que a sociedade é discriminatória e elitista.

Ao se compreender o ser humano como ser plural e múltiplo, faz-se necessário tanto valorizar e reconhecer todas as interações possíveis diante dos textos, quanto, sobretudo, a necessidade do mundo moderno em perceber que o universo da leitura, amplo e diversificado, se afunila para o mundo da leitura e da escrita e esta é socialmente mais reconhecida e requerida para os novos padrões sociais que ora se sobrepõem aos de um mundo mais pacato, no qual não se vive mais.

As questões de letramento no Brasil são ainda muito delicadas e requerem atitudes urgentes. Para Antunes (2003, p. 36), “muitas e urgentes são as razões sociais que justificam o empenho da escola por um ensino de língua cada vez mais útil e contextualmente significativo”. Segundo a autora, a maioria dos alunos no ensino fundamental apenas decodifica as letras e palavras, e poucos são capazes de interpretar adequadamente o que está escrito e bem menos são capazes de julgar e analisar o que leem.

Essa inabilidade gerará exclusão, limitações e privações, pois assim como a sociedade marginaliza o analfabeto (SOARES, 2010, p. 20), e ele não pode exercer plenamente seus direitos, da mesma forma o analfabeto funcional, por não se apropriar da leitura e da escrita de modo efetivo sofrerá dessa exclusão, não tendo acesso aos bens culturais de sociedades letradas, pois numa sociedade grafocêntrica, o não domínio dessas ferramentas é extremamente excludente.

O que fazer e como fazer são perguntas que permeiam a mente de educadores e gestores educacionais e alimentam estudos e propostas de ações que visam resolver ou, ao menos, amenizar o problema que vem se alastrando ao longo do tempo, como uma bola de neve. O que parece discrepante, afinal, com a evolução das tecnologias, espanta ainda se falar em analfabetismo e dos problemas relacionados às questões da leitura e da escrita enquanto práticas sociais.

A tecnologia, aliás, tem servido de suporte para as práticas de leitura realizadas no país. Dados da última pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2012) apontam que a leitura

diminuiu desde a última pesquisa, porém, enquanto suporte de leitura, os meios eletrônicos vêm ganhando mais espaço a cada dia, em especial, entre os jovens.

É certo que a renovação da educação passa, também, pela conscientização da família quanto a sua importância como parceira da escola no processo de formação dos jovens estudantes. Uma escola democrática, cujas bases sejam pensadas coletivamente com a comunidade e a família certamente desfrutaria de mais condições para que essa parceria produzisse bons frutos.

De acordo com a pesquisa Retratos de Leitura (2012), a figura do professor ainda é referência para os alunos, como estimulador do hábito de leitura; as mães aparecem em segundo lugar. A postura do professor, portanto, seu entender sobre a utilidade efetiva do letramento na vida dos alunos, orientarão suas práticas pedagógicas no dia a dia.

Nas palavras poéticas do escritor Rubem Alves (2003), a primeira pergunta que deveria ser fazer a quem quisesse ser professor deveria ser “O senhor gosta dos alunos?” E, também, se ele gosta de ler, pois como formar um país de leitores se o próprio professor não é, ele mesmo, um leitor? A transformação na educação precisa alcançar esse importante, e fundamental, elo dessa construção: os docentes, através da valorização do profissional, dos salários e melhoria no acesso à constante formação desses profissionais. “A renovação da educação terá que passar pela transformação afetiva dos professores.” (ALVES, 2003, p.115).

No processo de aprendizado, segundo Paulo Freire (1982, p.18), o aluno “se insere num processo criador, de que ele é também sujeito, não é uma via de mão única, em que ele esteja, como uma xícara vazia, esperando para ser cheio”. Encontrar um caminho que torne essa atividade uma tarefa prazerosa aproximaria o leitor de seu objeto, ao encontrar na leitura não uma atividade obrigatória e penosa, mas um meio de instrução e de contentamento. Uma atividade útil e necessária, para a qual valesse a pena, por vontade própria, encontrar um tempo, dividir as atenções. Não por se acreditar, ingenuamente, que a leitura seja sempre prazer e diversão, mas por enxergar que através dela se possam abrir novas portas e olhares acerca de inúmeros assuntos e questões.

Ainda segundo Britto (2003), a educação é mais que uma questão unicamente escolar: é uma questão social. O prazer a que se deve buscar na leitura é muito mais que um prazer estético apenas, oriundo dos textos literários, feitos para o “lazer intelectual”. Antes, deve estar centrado na possibilidade que estes possam dar para que se alcance um grau mais elevado de tomada de consciência e, por conta disso, de ação e compreensão da vida e dos atos sociais.

Como os professores são, hoje, os principais responsáveis pela formação leitora dos seus alunos, precisam incentivar essa prática orientados por essa perspectiva.

Tornar a prática de leitura mais presente no cotidiano escolar é uma tarefa fundamental para um projeto político cuja meta é formar cidadãos leitores. A escola e a biblioteca são, nesse processo, instituições imprescindíveis e complementares, mas o aprendizado da leitura transcende a alfabetização (PROLER, 2009, p.9).

Quando o professor significa a leitura e a escrita em suas atividades, de forma contextualizada e ativa, os alunos se apropriam dessas práticas de forma natural e prazerosa, o que lhes conduz para um aprendizado efetivo e reflexivo sobre elas.

Para se atender aos pré-requisitos da educação formal contemporânea, faz-se necessário o reconhecimento dessas questões para se formar o leitor crítico e reflexivo, proficiente, que se tem buscado, infelizmente, ainda sem muito sucesso.

É exatamente por se reconhecer o papel que a leitura ocupa no mundo escrito que, há alguns anos, vem surgindo propostas e ações no intuito de se propagar a habilidade/capacidade leitora. Ser um bom leitor significa dominar os mecanismos de produção de textos e de sentidos. É ser capaz de dominar os códigos e de utilizá-los para estabelecer relações efetivas na sociedade em que se vive.

Um bom leitor, sobretudo, compreende que a leitura é uma ação individual sobre os textos de todas as espécies e que esta habilidade pode ser aprimorada progressivamente. A alfabetização e o letramento são parceiros para esse fim.

1.4.1 Novas abordagens e práticas: Multiculturalismo e Currículo

A temática da educação tem sido fonte para muita discussão e estudo e, em especial nos últimos anos com o cenário da contemporaneidade, ela tem estado em pauta na busca de se esclarecer as dúvidas e as divergências que esta apresenta atualmente, em especial quanto à sua eficiência, qualidade e significação. Em tempos de capitalismo, este a transformou e hoje em dia a escola significa, acima de outros valores, possibilidade de emprego e renda.

Aqueles que seriam, ou deveriam ser, os objetivos essenciais da prática educativa, amplamente discutidos nos PCNs (1997), como compreender a cidadania, incentivar e preparar a participação social e política, incentivar atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeito e etc, acabam por ficar apenas no papel e não se concretizam, ainda, como prática efetiva.

É recorrente muitos alunos, ao serem questionados sobre a importância de se estar na escola, responderem que é para se ter cultura, para ser culto, “para ser alguém na vida”, como se o conhecimento e bagagem que já trazem consigo não fossem parte de uma cultura, dentre outras tantas, da qual fazem parte e em que estão involuntariamente inseridos. A cultura lhes parece algo distante e elitizado e assim, superior a seus conhecimentos e práticas cotidianas.

Essa construção, muitas vezes, é fruto do próprio ambiente acadêmico/escolar que não os faz reconhecerem-se como sujeitos de cultura - a cultura erudita, valorizada, é a que é legitimada e transmitida pelas escolas e outras instituições. Nesse ambiente de erudição e seleção (“melhor/pior”, “bom/ruim”, “certo/ errado”) a avaliação escolar, colocada pelos PCNs como algo que não deve ser único, mas contínuo, em que o professor deve priorizar os ganhos dos alunos, e não procurar seus erros aparece, muitas vezes, como mecanismo de punição e segregação. Ou seja, os saberes privilegiados na escola são os saberes e lógicas da cultura escrita e/ou letrada dos grupos dominantes na sociedade em geral (GRIGNON, 1995).

A educação formal ou institucionalizada tem sido foco de diversas críticas não só por parte de educadores ou especialistas. Dentre os motivos está o enrijecimento da forma vigente de transmissão do conhecimento, que obedece a um modelo vertical, centrado no professor/mestre e em práticas conteudistas repetitivas de memorização. Esse modelo vertical, engessado, seguramente não satisfaz as expectativas de um educador, porque se mostra pouco eficiente e desfocado de sua realidade, mas também porque perante as demandas educacionais contemporâneas existem outras possibilidades para se experimentar novas formas de aprendizado efetivamente mais eficazes e significativas, em que se leve em consideração o conhecimento de mundo e a bagagem cultural que cada pessoa possui para, a partir daí levá-la a uma reflexão crítica e filosófica do mundo.

Um dos grandes desafios da educação contemporânea é fazer com que esses indivíduos se vejam como formadores e possíveis transformadores da sociedade em que estão inseridos e que esse novo mundo globalizado os possa receber como pessoas atuantes no meio social, promovendo para todos uma educação significativa e emancipatória.

Assim, (re)significar a sala de aula de forma que os alunos possam se ver ali é uma rota para o trabalho de uma prática pedagogicamente multicultural, numa interação entre conteúdos e aprendizagens. Essa nova educação precisa dar conta de questões que muitas vezes extrapolam os limites da sala de aula. E, portanto, é para lá, fora da sala, que o olhar atentamente precisa ser direcionando em busca de alternativas.

Uma das possibilidades propostas diante dessa nova cena contemporânea é a valorização desse lado de fora, da oralidade, da vivência extraclasse do aluno, da cultura popular, que tem ganhado destaque, sobretudo no que se refere a suas perspectivas enquanto prática pedagógica. Uma teoria da educação cuja concepção seja referendada pelas práticas comuns e familiares a esses grupos certamente traria resultados animadores. Um ensino que parta da realidade dessas pessoas, levando-se em consideração não apenas os desafios do mundo contemporâneo, mas também os aspectos culturais e sociais que o constituem para uma reflexão crítica e efetivo engajamento na sociedade de que esses cidadãos fazem parte. O universo é rico e cheio de possibilidades.

A cultura é um campo de luta em torno da significação e da identidade. Um campo de poder. Daí os Estudos Culturais terem o seu cunho político, nunca imparcial, tomando partido dos grupos menos favorecidos, dada a sua condição historicamente reproduzida de silenciamento e opressão. Os Estudos Culturais concentram-se na análise da cultura compreendida como uma forma global de vida ou de como uma experiência vivida de um grupo social.

A despeito de ter se tornado “moda” nos dias atuais, ainda hoje a influência dos Estudos Culturais no currículo das escolas é mínima. Apesar de já existirem por parte de alguns educadores uma tentativa de práticas pedagógicas diferenciadas e inclusivas, este ainda é definido sob a ótica de uma visão burguesa e elitista, que prega a cultura como um privilégio de um grupo restrito de pessoas. Os Estudos Culturais permitem conceber o currículo como um campo de luta em torno da significação e da identidade. No currículo se forjam as concepções formadoras das identidades, atuando na propagação e manutenção do status quo vigente de uma sociedade capitalista que determina e incute o papel de cada um de seus membros.

Não existe bom e ruim quando se fala em cultura. Ser consciente de quem é, do que se quer, de onde está e para onde quer ir certamente fortalecerá o desejo do aluno de buscar seu próprio caminho, de se reconhecer parte de uma sociedade diversificada, sabendo se colocar em cenas e cenários diferentes, transitando por todos os espaços de que necessite, respeitando e sendo respeitado, para alcançar seus objetivos.

Nos PCNs, a pluralidade cultural é reconhecida e abordada como um dos temas transversais, cujo objetivo é:

[...] explicitar a diversidade étnica e cultural que compõe a sociedade brasileira, compreender suas relações, marcadas por desigualdades socioeconômicas e apontar transformações necessárias, oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro,

mas respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, devido a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação. A afirmação da diversidade é traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, tendo a Ética como elemento definidor das relações sociais e interpessoais.(BRASIL, 1997, p.121)

No entanto, ainda é possível observar que poucos professores no ensino formal têm se aproximado da diversidade cultural de seu país. E nem falo aqui da polêmica relação entre gramáticos e sociolinguistas no que tange a Língua Portuguesa e suas formas e regras. Aqui na Bahia, por exemplo, com um universo cultural vasto, como afirma a pesquisadora Katharina Doring (2006), são poucos os educadores que trabalham com as manifestações tradicionais e populares da região, e muito menos práticas culturais de outros estados brasileiros.

Segundo Canen (2002):

“Uma dupla dimensão caracteriza a educação multicultural: de um lado, a necessidade de promovermos a equidade educacional, valorizando as culturas dos alunos e colaborando para a superação do fracasso escolar. Por outro, a quebra de preconceitos contra aqueles percebidos como ‘diferentes’, de modo que se formem futuras gerações nos valores de respeito e apreciação à pluralidade cultural, e de desafio a discursos preconceituosos que constroem as diferenças.” (CANEN, A. & OLIVEIRA, A.M.A., 2002, p.74)

Valorizar e integrar a cultura popular ao contexto escolar não significa abandonar ou ignorar a cultura erudita, aprendida nas escolas. Grignon (1995) discute a necessidade de uma “pedagogia relativista” como garantia de reconhecimento do multiculturalismo, ou seja, da existência de culturas diferentes da cultura culta, sem que isso seja negar o acesso à mesma, à cultura teórica, aos saberes de alcance geral e universal.

Nesse sentido de uma nova construção curricular, pretende-se uma equivalência entre os saberes, uma equiparação do mundo escolar e a vida fora da escola, que não é o único lugar em que se dá, efetivamente, a educação. Em que isso poderia ser benéfico? Ao transportar para a sala de aula as vivências pessoais dos alunos, ela permite voz ao silenciado, reconhecendo suas práticas e conhecimentos até então ignorados ou tolhidos, banidos para fora do universo escolar. Reconhecidos, valorizados, os grupos das camadas populares, por exemplo, certamente encontrarão na escola um caminho para experiências significativas, numa ampla perspectiva de educação e ensino, que seja somatória e não excludente.

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. (BRASIL, 1997, p.117)

Assim, é preciso uma reformulação nos projetos político-pedagógicos para que se resgate a cultura do oprimido permitindo-lhe ter vez e voz para a libertação social do ser humano. O currículo deve ser resultado de um processo de construção social, não algo pronto, massificado, mas trazer o conhecimento como um processo de construção e interpretação em que todas as formas de conhecimento sejam apreciadas e equiparadas.

Num currículo multicultural não há uma cultura superior à outra, nem melhor. Não há a separação de conhecimento escolar erudito e conhecimento do cotidiano, dos fazeres e práticas pessoais, pois sendo a sociedade constituída por identidades plurais numa visão pós-moderna, a diversidade, a descontinuidade e a diferença são categorias centrais.

Para Silva (1999):

A obtenção da igualdade depende de uma modificação substancial do currículo existente. Não haverá “justiça curricular” (...) se o cânon curricular não for modificado para refletir as formas pelas quais a diferença é produzida por relações sociais assimétricas. (SILVA, 1999, p.90)

Falar em currículo multiculturalista é, sem dúvida, falar em perspectivas de educação, cujo ponto de partida seja a realidade social e o objetivo seja a construção de um projeto político de sociedade mais justa e igualitária, através de uma intervenção na vida política e social, entendendo o currículo como sujeito a disputas e interpretações.

A ética moderna conduz à aceitação, ao convívio com o outro multifacetado, a reconhecer no outro algo que está em todos: a diferença. E para isso é preciso aceitá-la para compreendê-la. É um trabalho diário. A prática de uma postura democrática e consciente direciona os educadores a uma proposta ampla de educar para a vida, para uma “cultura de paz”, afinal, “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas.” (FREIRE, 1996, p. 15) Contudo, devido o seu caráter “inovador”, esse novo currículo recebe, também, inúmeras críticas, mesmo por parte dos alunos que se pretende alcançar, pela compreensão do senso comum das concepções filosóficas do que é o conhecimento.

Aos que pensam a educação como um mecanismo de prática de cidadania e liberdade cabe a luta por novas perspectivas e condições de inclusão das mais variadas formas de conhecer, apreender, educar e saber.

2. POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCENTIVO À LEITURA

Embora não seja uma temática absolutamente nova e muitas medidas já tenham sido tomadas a fim de reverter o quadro da insuficiente qualidade da educação, as questões acerca da leitura no Brasil ainda são preocupantes e requerem ações que, em caráter de urgência, promovam tanto a ampliação do acesso quanto o incentivo e conscientização de que ela é, de fato, indissociável de uma melhor condição de vida, desde seus aspectos socioeconômicos aos culturais e pessoais.

Nesta seção serão apresentadas algumas ações públicas de incentivo à leitura, em caráter nacional, e dados de pesquisas que registraram os hábitos de leitura dos brasileiros, elucidando de que forma o resultado destes estudos podem direcionar a criação de políticas públicas voltadas à promoção da leitura enquanto prática social rotineira.

Uma das mais belas cenas de paixão pela leitura é narrada por Clarice Lispector no conto *Felicidade Clandestina*, publicado no livro homônimo, em 1971. A personagem, para alguns críticos a própria autora, criança apaixonada por leitura, sofre as mais cruéis humilhações por parte de uma colega do colégio, que “possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria”, sempre que pedia um livro emprestado. A “tortura” maior começou com a promessa de empréstimo de *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato, “um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o.” Após muitas idas diárias à casa da cruel amiga, eis que, enfim, o livro para em suas mãos. O momento de posse daquele livro é mágico e transmite, com emoção, o sentimento de quem é apaixonado por eles.

Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo. Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar. Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. As vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante (LISPECTOR, 1996).

Não era apenas o livro, era poder tê-lo, tocá-lo, e, sim, também, lê-lo, desvendar cada palavra, cada construção de frase, os sentidos. Ainda que envolvida pela magia que é permitida aos escritores poetas, a cena é tocante e inspiradora. Como despertar esse mesmo

sentimento de paixão pela leitura em alguém? Se a leitura é considerada algo tão importante e fundamental para quem deseje ampliar seu conhecimento, seu acervo cultural ou profissional, por que, apesar de tantos esforços de profissionais e de instituições, ainda persiste o fracasso na formação quanto ao número de leitores efetivamente letrados no País? Onde começa o interesse e o gosto pela leitura? Quais são os responsáveis por instigar o desejo leitor?

A precariedade da leitura do texto escrito ou mesmo a ineficácia com que ela tem se apresentado ao longo do tempo, tem motivado os estudiosos e pessoas ligadas ao universo das linguagens a buscarem alternativas para combater esse que tem sido certamente um dos maiores causadores do fracasso escolar e poderoso empecilho que dificulta o acesso ao gozo de uma cidadania plena.

Inúmeras são as ações que visam à promoção da prática de leitura e, conseqüentemente, da escrita no país. Movidas por grupos locais ou a âmbito nacional, ambicionam a mudança do cenário das letras, e, quem sabe assim, da educação de um modo geral, além da melhoria certa da qualidade de vida das pessoas que, ao se descobrirem ou tornarem leitoras efetivas e críticas, descobrem um universo de possibilidades através da leitura e das relações que ela possibilita.

Essas ações sociais promovidas em prol de um bem comum seriam, numa definição bastante simplista, uma caracterização para políticas públicas. Para Souza (2003), políticas públicas seriam:

Campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, “colocar o governo em ação” e/ou analisar essa ação (variável independente) e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações e ou entender por que o como as ações tomaram certo rumo em lugar de outro (variável dependente). Em outras palavras, o processo de formulação de política pública é aquele através do qual os governos traduzem seus propósitos em programas e ações, que produzirão resultados ou as mudanças desejadas no mundo real (SOUZA, 2003, p. 13).

As políticas públicas, como ações planejadas e desenvolvidas em parceria com a sociedade, a fim de se alcançar um bem comum, geralmente surgem no intuito de se promover a transformação de algum aspecto social que esteja em desarmonia ou desacordo ao que se espera.

Assim, reconhecer a leitura como algo realmente importante, passível de ser planejado e executado como um programa formulado a partir de uma política pública, contribuiu para que o quadro de descaso com a leitura se modificasse, visto que investir-se em políticas públicas efetivas de promoção da leitura, de espaços para divulgação, produção, distribuição e acesso ao livro certamente traria resultados consideráveis na construção de um futuro melhor para a população.

As políticas públicas de incentivo ao livro e à leitura começam a acontecer no Brasil no ano de 1937, no Estado Novo. Por iniciativa do Ministro da Educação Gustavo Capanema criou-se o Instituto Nacional do Livro (INL) no intuito de estabelecer uma política para as bibliotecas públicas, financiando a produção de livros que seriam, depois, distribuídos para as mesmas, além de incorporar, segundo Rosa (2007, p.44) “as funções do Instituto Cairu, criado para produzir a Enciclopédia Brasileira e do Plano Nacional de Educação (PNE).” Porém, como estivesse subordinado ao mercado editorial e seus fins lucrativos, não conseguiu alcançar os objetivos de estimular e democratizar a leitura.

Ainda que essas ações tenham contribuído para o desenvolvimento das bibliotecas, afirma Rosa (2007, p.44), o Instituto e o Plano não asseguraram o fortalecimento das práticas de leitura. Os livros estavam lá, todavia a leitura continuava em crise, porque as referidas ações não garantiram a formação de um público leitor, afinal.

Como registra Silva (2010):

No Brasil, infelizmente as políticas privilegiam muito mais as políticas do livro, consubstanciadas por contínuas aquisições de obras por parte dos governos (principalmente do governo federal via MEC) do que as políticas de leitura. Em verdade, por falta de sensibilidade, bom-senso ou por força dos lobbies, pensa-se em avançar a leitura sem um trabalho maduro e consequente de qualificação da mediação e sem levantar estruturas permanentes (bibliotecas, centros etc.) que cuidem profissionalmente das obras e as dinamizem junto a públicos diversos. Dessa forma, os altos investimentos feitos com a compra de livros de ano para ano não resultam em transformações, para melhor, da leitura no país. (SILVA, 2010, p.158)

Pensando na promoção da leitura, a UNESCO proclamou em 1972 o ano Internacional do Livro, declarando-o como um suporte fundamental para a educação e a leitura um direito que deve ser assegurado a todos pela sociedade.

As ações para o livro didático também tiveram grande importância para a promoção e divulgação da leitura. Em 1985, cria-se o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para a distribuição de livros didáticos em todas as escolas públicas brasileiras e, em 2006, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), uma política de Estado que tem por finalidade assegurar o acesso ao livro e à leitura a todos os brasileiros e formar uma sociedade de cidadãos leitores.

Na página eletrônica do MinC, lê-se que:

O Ministério da Cultura (MinC) articula, junto com o Ministério da Educação (MEC), o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), composto de centenas de ações, projetos, programas e políticas governamentais e da sociedade civil. Entre as ações do MinC na área de livro e leitura destacam-se a implantação e modernização de bibliotecas, a implantação de Pontos de Leitura, as bolsas para escritores e os prêmios literários, realizados pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e pela Diretoria de Livro, Leitura

e Literatura (DLLL), vinculada à Secretaria de Articulação Institucional (SAI) do Ministério. .¹

Além disso, ao longo do tempo, foram criados projetos para atender às escolas públicas, tais como: “Ciranda de Livros” (1982), “Viagem da Leitura” (1986), “Sala de Leitura” (1988), “Literatura em Minha Casa” (2001). E também foram lançadas campanhas de promoção da leitura no Brasil, como “Quem lê viaja” (1997), “Tempo de Leitura” (2001), Campanha “Fome de Livro” (2004) promovida pelo Estado, o MEC e a FBN, e a Campanha “Viva Leitura” (2005), Campanha “Leia mais, seja mais” (2012). Além dos Programas de Leitura: “Programa do Livro Didático para o EF” (PLIDEF) (1971), “Programa Nacional do Livro Didático” (PNLD) (1985), “Programa Nacional de Incentivo à Leitura” (PROLER) (1992), “Programa Pró Leitura” (1992), “Programa Nacional Biblioteca da Escola” (1997), “Arca das Letras” (2003), criado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Com todas essas ações, nota-se que há uma preocupação latente no que se refere à leitura, que a temática tem sido bastante discutida e tem-se buscado soluções para combater a crise de leitura no País. Porém, ainda hoje, os índices são preocupantes, como apontam diversos estudos, dentre os quais a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, realizada desde 2001 pelo Instituto Pró-Livro, em parceria com o Instituto Ibope de Inteligência. Essa pesquisa apresenta dados sobre o comportamento leitor da população brasileira e desde a sua primeira edição tem orientado inúmeros estudos e ações em prol da leitura no país. Em sua 3ª edição, o estudo da Fundação, divulgado no segundo semestre de 2012, mostra que o índice de leitura caiu desde a pesquisa anterior, do ano de 2008, de 36% para 24%. (Retratos da Leitura no Brasil 3, 2012)

Outras questões despontam nesse último estudo, como a importância da família no papel de incentivadora da leitura e, também, como os pais têm se afastado desse papel e, em especial, o crescimento do papel do professor como incentivador dessa prática. Em 2007, por exemplo, a mãe era quem mais incentivava os filhos na leitura (49%), seguida pelo professor (33 %). Hoje, e seria interessante se investigar se devido à vida moderna, trabalho, etc., esse quadro inverteu-se, apresentando o professor como o maior incentivador da leitura (45%), seguido pela mãe. (Retratos da Leitura no Brasil, 2012) Os dados mostram que os pais estão lendo menos ou os professores estão incentivando mais?

Na pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro (2012) aparece outro dado interessante para ser analisado: quando os participantes da pesquisa foram perguntados se a leitura é

¹<http://www.cultura.gov.br/pnll> ; acesso em 18 de janeiro de 2013.

importante para uma pessoa “vencer na vida” e melhorar a sua situação socioeconômica, a maioria, 64% dos entrevistados, diz que sim. No entanto, ao serem questionados sobre o motivo pelo qual não estejam lendo, a resposta surpreende: desinteresse (78%) e falta de tempo (50%). O preço do livro não aparece na pesquisa como fator primordial para a falta de leitura, desmistificando a questão do preço como empecilho para a leitura. (48% dos leitores disseram ter comprado os livros em livrarias).

O mesmo estudo aponta que as bibliotecas são vistas como lugar “para estudar” e 76% dos entrevistados declararam que não as frequentam, o que pode sugerir que os livros sejam considerados apenas um suporte para os estudos.

A TV aparece como principal meio de diversão para as horas vagas (85%) para os jovens entrevistados, (esse índice era de 77% na pesquisa anterior). Se o uso desse meio de comunicação apresenta índice tão alto, investir nele poderia ser, talvez, uma das formas de se atrair a atenção desse público e ampliar as possibilidades de letramento, a fim de alcançá-lo e, de alguma maneira, captar, ampliar, direcionar os seus interesses também para o mundo da leitura como uma possibilidade de diversão e lazer.

Failla (2012, p. 22), organizadora da pesquisa, assegura que “pensar em políticas públicas e ações efetivas em um cenário tão complexo é um grande desafio e tarefa para toda a sociedade – governo, pesquisadores, entidades e cadeia produtiva e mediadora do livro”.

Se, por um lado, dizem que a leitura é um hábito que se consolida com as práticas cotidianas, por outro lado, também se afirma que o gosto pela leitura é, e deve ser, primeiramente, desenvolvido em casa, desde a infância, estimulado, primordialmente, pelos pais.

Contudo, uma grande parte da população brasileira só tem acesso ao livro ao ingressar na escola. Sabendo-se da estrutura social do Brasil e de suas condições políticas e sociais quanto à distribuição de renda, trabalho e alfabetização, a maioria das famílias brasileiras convive com precárias condições de estudo e, também, de sobrevivência. Assim, muitos dos pais, quando não são completamente analfabetos, têm baixo grau de instrução escolar e o hábito da leitura do texto escrito em suas casas é algo que, efetivamente, não existe. Muitas dessas famílias, inclusive, não têm acesso a materiais de leitura e ao livro impresso, ficando este limitado às escolas e bibliotecas. Além do mais, ao que parece, as condições de trabalho no mundo moderno têm encurtado o “tempo livre” dos pais, que estão cada vez mais ocupados e pouco leem em casa, nem para si, nem para os filhos.

Assim, mesmo com tantas ações, ainda hoje urge, como se evidencia nas pesquisas, que sejam tomadas medidas que incentivem a leitura em vários espaços, a fim de se alcançar

mais pessoas em seus ambientes de trabalho, de estudo ou diversão, seja ampliando - lhe os espaços, os suportes e, ainda, a sua definição e utilidade. Para tanto, é preciso valorizar o papel da escola, da família, das associações e de outras instâncias educativas na promoção da leitura como prática cultural.

Essas medidas, tomadas em caráter local e nacional, podem ampliar a movimentação em prol da conscientização e mudança de hábitos em relação à leitura no Brasil, que é, ainda hoje, uma barreira para a maioria dos brasileiros.

2.1 PROGRAMAS DE INCENTIVO À LEITURA

Algumas políticas públicas de acesso à leitura já haviam sido promovidas no Brasil, no entanto, não lograram êxito em seus propósitos, por inúmeras questões, mas, especialmente, porque estiveram mais preocupadas com as bibliotecas e a distribuição de livros. Porém, essas ações, isoladas, não resultaram na ampliação do número de leitores. Os livros e as salas, sem uma política de ação efetiva, de articulação com o fator humano, não resolveram os problemas nesse sentido.

Uma política pública é um conjunto articulado de ações e pode se desdobrar em unidades menores como programas e projetos (DRAIBE, 2001, p.17). Visando a promoção da leitura no Brasil, foram lançados diversos programas de âmbito nacional que buscam, ainda hoje, estabelecer as práticas de leitura como ação cotidiana e emancipatória.

A seguir, serão elencados, a título de breve apresentação, os programas voltados para esse fim, sem a pretensão de ser um documento completo acerca dos mesmos, apenas para situar as medidas e como elas foram sendo implantadas, a partir da década de 1970, quando se intensificam os estudos sobre a temática da leitura, conforme dito anteriormente.

Por ordem cronológica, tem-se:

a) Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), 1971, desenvolvido pelo Instituto Nacional do Livro (INL), criado em 1929, “em 1971 o Instituto Nacional do Livro (INL) passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (Plidef), assumindo as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros até então a cargo da Colted”².

² <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-historico>

b) Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), 1985.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, entre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendem ao seu projeto político pedagógico.³

c) Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER, 1992;

O PROLER – Programa Nacional de Incentivo à Leitura – é um projeto de valorização social da leitura e da escrita originalmente vinculado à FBN e ao MINC – Ministério da Cultura. Presente em todo o país desde 1992, o PROLER, através de seus Comitês, organizados em cidades brasileiras, vem se firmando como presença política atuante, comprometida com a democratização do acesso à leitura.⁴

d) Programa PRÓ-LEITURA, 1992;

Em 1992 foi criado o PRÓ-LEITURA que tem o objetivo de contribuir para a formação continuada de professores, sendo uma de suas principais ações a formação de mediadores de leitura no intuito de auxiliar no desenvolvimento das competências dos alunos em relação à língua padrão.⁵

e) Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), 1997.

Tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos. Já no ano seguinte são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar.⁶

e) Programa Arca das Letras em 2003.

Criado em 2003 pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), o programa Arca das Letras implanta bibliotecas para facilitar o acesso ao livro e à informação no meio rural brasileiro. O Programa beneficia diariamente milhares de famílias do campo, formadas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária, comunidades de pescadores, remanescentes de quilombos, indígenas e populações ribeirinhas.⁷

Apesar da importância e do significado dos referidos programas em suas propostas e estratégias para a promoção da leitura no País, discorrer-se-á na próxima seção mais detalhadamente apenas sobre o PROLER, que é objeto de estudo dessa dissertação.

³ http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=668&id=12391&option=com_content&view=article

⁴ <http://PROLER.bn.br/>

⁵ http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss11_07.pdf

⁶ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12368:programa-nacional-biblioteca-da-escola&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574

⁷ <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/sra/acao-cultural>

2.2 O PROLER – PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA

Em 13 de maio de 1992, o presidente Fernando Collor de Melo assina o Decreto nº. 519, que oficializa o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN). O PROLER surge como uma necessidade de organização de políticas de promoção da leitura que as concebiam como uma estratégia de articulação que envolve a sociedade como um todo e absorve a concepção de leitura como uma possibilidade diversificada e múltipla, apresentada em diferentes cenários e contextos. Examinando a implantação do PROLER, Coelho (2009, p. 11) declara que:

O PROLER foi pensado para ser um programa de estímulo à leitura que não se limitasse à criação de bibliotecas e à distribuição de livros. Implantou uma nova visão sobre a leitura e voltou suas ações para a capacitação de recursos humanos, formando uma rede nacional de mediadores de leitura.

Desde os anos 1980, com a abertura política, com os estudos sobre educação agregaram várias concepções políticas, filosóficas e metodológicas inclusive aquelas propostas por Roland Barthes, que pregava o prazer do texto, inovou-se também na abordagem que se dava à leitura, vista então como gosto e fruição, devendo ser prazerosa e agradável. O final dos anos 1980 apresenta um novo tipo de leitor, que não é mais solitário, e uma mudança nos “locais” da leitura, cujo foco sai da escola e passa a acontecer em locais públicos, na rua, na praça nos ônibus. Lê-se de tudo e em toda a parte, numa leitura sustentada no prazer de ler.

Era patente a necessidade de investir no fator humano e preparar aqueles que seriam responsáveis, em primeira linha, pela promoção da leitura de forma mais eficiente. Esses agentes de leitura seriam então a peça principal para a propagação dos novos conceitos de leitura, e, seguramente mais eficiente que livros arrumados nas prateleiras das bibliotecas.

Ao longo deste estudo observou-se que há provas abundantes de que não basta uma biblioteca, mesmo que das mais equipadas, se pessoas formadas e sensíveis não estiver presente, para fomentar e direcionar a prática da leitura. A figura do professor, até hoje, desponta como um dos principais incentivadores a leitura, tomando, inclusive, o lugar da família.

Ao se ampliar a noção de texto e de leitura, abre-se espaço para inúmeros suportes e aportes de leitura, que acontecerá nos mais diversos espaços e situações, podendo ser analisada, interpretada, articulada pelos mais variados meios e sujeitos que dela fizerem uso.

Desloca-se então a leitura para o mundo além dos muros escolares, atribuindo-lhe o seu caráter semiótico.

Nesse sentido, Affonso Romano de Sant'Anna, então presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), empenhado com sua proposta de fazer da instituição muito mais que um acervo guardião da memória bibliográfica brasileira, ao promover a valorização social da leitura, dá a ela um lugar de destaque, quando a mesma se mostrava absolutamente insipiente no país. Ao se atentar para esse deslocamento da leitura para além do universo acadêmico, ele propunha estimular os profissionais que estivessem diretamente ligados ao universo da leitura, a fim de ampliar as possibilidades de leitura. Essa promoção estaria ligada tanto à capacitação quanto à criação de estratégias e oportunidades de leitura, nos mais variados cenários e contextos.

Em 1991, Affonso Romano convida a professora Eliane Yunes, então diretora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), por conhecer o seu trabalho de pesquisas no campo da leitura, a integrar a equipe da FBN para implantar um projeto de fomento à leitura no país. Aceito o convite, em 1992, Eliana Yunes, que entre 1984 e 1989, liderou uma pesquisa sobre as ações do Estado na promoção à leitura no período de 1888 e 1989, apresenta à FBN dados compilados em sete documentos que definem as bases para a criação de um programa de leitura, fundamentados em vastas pesquisas de estudiosos ligados ao tema, a saber: a) “Por uma Política Nacional de Leitura”, b) “Anteprojeto para uma Política Nacional de Incentivo à Leitura”, c) “Para entender a proposta do PROLER”, d) “Proposta para o desenvolvimento do Programa de Leitura – PROLER – a partir das Bibliotecas Públicas”, e) “Leitura na Livraria, Prazer de Ler: Piloto para PROLER em Empresas, Universidades e Instituições Diversas” e f) “Leitura e Educação Ambiental”. Apesar das insistentes buscas, não foram localizados, nem mesmo no acervo online da Biblioteca Nacional, os referidos documentos.

Percebe-se nas informações dos programas anteriores, que apenas as bibliotecas, sem uma ação efetiva, não passam de depósito de livros. Mais que ter esses livros e distribuí-los, era preciso se pensar em estratégias que tornassem a leitura algo concreto na prática cotidiana das pessoas e que essas fossem alcançadas nos mais diversos espaços que então ocupavam. Alimentavam a expectativa que, com a ampliação dos lugares de leitura, os leitores não estavam mais restritos aos bancos escolares e às bibliotecas.

De acordo com o programa PROLER,

O cerne da proposta era o resgate da cidadania através do livro e da informação, ou seja, promover, através da leitura e do acesso aos bens culturais, a inclusão social.

Propunha ações básicas como a capacitação permanente de recursos humanos; a ampliação e a dinamização de acervos; a estruturação de uma rede de informação sobre a leitura, etc. (FBN, 2009, p. 19)

Com essa proposta, fica evidente o interesse de se proporcionar o exercício da cidadania a todas as pessoas, o acesso aos bens culturais e às melhores condições de vida, a fim de que isso não fique restrito à pequena parcela daqueles que dominam a leitura e a norma culta como bens culturais que lhes possibilitam dispor de benefícios que não estão disponíveis àqueles que não tiveram acesso à cultura escrita e letrada.

Por meio da leitura é possível ter acesso a todo o conhecimento produzido ao longo do tempo. Dominar esta habilidade e estar inserido nesta cultura pode produzir no sujeito leitor uma visão ampliada das múltiplas relações sociais, das leis, dos valores e dos acessos que podem situa-lo enquanto ser único e múltiplo, que convive e interage com o outro.

A leitura do documento do Programa mostra que as linhas de ação adotadas em sua criação se definiam em três prioridades:

Formar promotores de leitura com atuação efetiva, (...) ampliar e dinamizar os acervos das bibliotecas e salas de leitura do país; e difundir a leitura como valor social, recurso para circulação da informação e fator imprescindível à construção da cidadania. (PROLER, 2009)

Na dinamização dos acervos e na capacitação constante de pessoal, as ações de leitura se mantem em constante movimento, pois o conhecimento adquirido, ao ser compartilhado, noção básica do ato de ensinar, promove a ampliação dos agentes de divulgação da ideia em debate. Quanto mais pessoas preparadas, mais abrangente a proposta se torna. A formação de agentes de leitura seria marco desse programa, além de se ampliar os locais para a promoção da leitura em espaços públicos e privados, como hospitais, meios de transporte, parques, etc.

Conforme consta no site do PROLER⁸, os objetivos do programa são:

Promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando a sua importância para o fortalecimento da cidadania;

Promover políticas públicas que garantam o acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a formulação de uma Política Nacional de Leitura;

Articular ações de incentivo à leitura entre diversos setores da sociedade;

Viabilizar a realização de pesquisas sobre livro, leitura e escrita; e

Incrementar o Centro de Referência sobre leitura.

As atividades do PROLER visam não somente a leitura do livro, mas, principalmente, a leitura de mundo, ampliada para todos os cenários e situações da vida humana. Embora não seja uma proposta de escolarização, visa tornar a prática da leitura ainda mais presente no

⁸ <http://www.bn.br/proler/casaleitura.htm>, acessado em 10/08/2014

cotidiano escolar, sendo a leitura do livro apenas mais uma das possibilidades de leituras a serem desenvolvidas e ampliadas.

Imersos no mundo da informática e das tecnologias, os jovens, a todo tempo, estão exercitando suas habilidades de leituras sob os mais diversos meios e suportes – os games, os aplicativos dos celulares, cada vez mais modernos, a internet e mesmo a TV proporcionam essa diversidade e necessidade de ampliação, quase que diária, das ferramentas para que se produzam as leituras do mundo moderno. Devido a essa variedade de suportes do mundo moderno, os jovens estão perdendo o hábito e interesse pela leitura literária, característica da escola.

Ao se expandir a ideia de leitura e movimentando suas práticas para dentro e fora da escola, espera-se encontrar esses leitores em seus outros espaços, com suas próprias práticas de leitura e de produzirem textos. Alcançados esses leitores, pode-se promover a interlocução dessas práticas, estabelecendo-se uma compreensão entre as diversas formas de ler e da adequação a cada contexto e situação de leitura, realizada por cada indivíduo ou grupo social.

O programa não está subordinado ao Ministério da Educação, mas ao da Cultura. Yunes (1992) sugere que este posicionamento institucional amplia as possibilidades de leitura, circunscrita, tradicionalmente, ao universo escolar e o leva para fora das salas, valorizando a oralidade, a contação de histórias, a cultura popular, tratando a atividade da leitura como uma questão cultural.

Quando se permitem novas abordagens que desconstroem concepções cristalizadas nas falas do cenário tradicional da leitura, abrem-se portas para que todos os saberes sejam acolhidos e, num processo de partilha e conscientização, espera-se que se possam ampliar as possibilidades de aprendizado real do que se tem como prioridade no campo do conhecimento e das relações pessoais e com o mundo na construção da cidadania. As Oficinas, por exemplo, realizadas nos Encontro de Leitura do PROLER pelos comitês espalhados por todo o território nacional, abraçam essa temática com os vários segmentos culturais que abordam a leitura como prática social, dinamizando as atividades propostas. Na (re)contação de histórias, nos relatos pessoais trazidos à lembrança, na expressão oral ou artesanal dos participantes despontam as suas marcas, suas falas, a forma como lidam consigo mesmos e com o mundo.

Ao se visitar uma localidade, por exemplo, procura-se valorizar os elementos da cultura local, os promotores culturais, as pessoas e instituições que representem aquele lugar para os que ali vivem, para que, com isso, eles se sintam acolhidos, valorizados e estimulados a participarem das atividades e promoverem, assim, a troca de conhecimento entre os

participantes das oficinas. Dessa forma, ao partilharem suas experiências, vai se construindo um saber que talvez não esteja, ainda, nos livros, mas que pode ser um facilitador no processo de registrar, ampliar os significados os aprendizados todos que ali se fizerem presentes.

Outra característica marcante do PROLER é a proposta de formar agentes de leitura, pessoas que estejam interessadas em promover e divulgar a leitura em seus espaços de atuação, sem estar, necessariamente, atrelada a uma sala de aula ou atividade acadêmica.

Atualmente, as atividades de incentivo e estímulo à leitura ficaram, de certa forma, restritas aos professores, e, de modo especial, àqueles de Língua Portuguesa e aos bibliotecários e funcionários das salas de leitura, que precisam organizar atividades, projetos de leitura, para que os alunos se façam leitores contumazes.

No entanto, é importante registrar que os exercícios, as práticas e as relações com a leitura extrapolam em muito os ambientes da sala de aula e das bibliotecas, já que se estendem a múltiplos lugares, deixando de ser somente uma questão escolar. Por isso, o Programa se interessa também na formação de agentes promotores de leitura - todos quantos se interessem pelo tema, visando a ampliação desse contingente leitor e ampliação do universo de possibilidades e estratégias de leitura e de locais de leitura também, como “hospitais, presídios, museus, zoológicos etc.” (PROLER, 2009)

A proposta do programa é envolver todos os atores sociais nessa empreitada, entendendo que é possível estimular a leitura e cativar novos leitores, sobretudo com as práticas. Dentre as bases que formaram o programa estão alguns pontos que lhe são essenciais, como entender a leitura como motor do desenvolvimento econômico; como condição de acesso à cidadania; a leitura e a escrita como práticas sociais; a valorização das tradições orais e da cultura popular; a ampliação dos espaços de leitura, dentre outros, que atendem às expectativas de um currículo multicultural e abrangente, capaz de relacionar e integrar todas as esferas sociais, inter-relacionando seus conhecimentos e trazendo outras leituras, re-significando algumas, ampliando outras.

Uma das características mais marcantes do PROLER, sem dúvidas, é a ampliação do sentido de leitura na valorização da cultura popular. Comumente relacionada à leitura do livro, do códex, da cultura escrita, essa prática se realiza em bases eruditas e privilegiadas, já que a preferência da norma padrão predomina nos meios em que a leitura se faz necessária ou mesmo quando é ensinada, estimulada, requerida. A elite cultural letrada ainda olha com desdém e uma certa supremacia para os valores culturais que sejam diferentes dos padrões preconizados pela tradição da escrita impressa. Contudo, no PROLER, essa diferença é bem-

vinda e desejada, sendo marca singular do programa. O diálogo é mais que solicitado, e estende-se que a prática da escuta, da fala e da observação podem ajudar a incentivar as práticas leitoras. (PROLER, 2009)

De acordo com Yunes (1992, p.6), o programa foi criado embasado nos pressupostos teóricos da dimensão semiótica da leitura, no estímulo à leitura como prazer, na leitura como questão de saúde. Em 1996, houve uma mudança na atuação do Programa, com a saída de Eliana Yunes da coordenação geral do PROLER. Os novos gestores discordam da visão semiótica da leitura e também da atividade de “contação de história” como forma de incentivar a leitura. Por questões financeiras, restringiu o público alvo prioritário a professores e responsáveis pelas bibliotecas escolares. Essas mudanças alteraram, e muito, a concepção “original” do Programa, limitando-lhe o seu campo de atuação.

Foram definidas as seguintes ações estratégicas: a) formação de uma rede nacional de incentivo à leitura; b) cursos de formação de promotores de leitura; c) assessoria para implementação de projetos de promoção da leitura; d) implementação da política de incentivo à leitura na Casa da Leitura, com cursos, palestras e outras atividades; e) criação da rede de referência e documentação em leitura; f) assessoria para a implantação de bibliotecas para crianças, jovens e adultos; sistema de acompanhamento e avaliação. (PROLER, 2009)

No ano de 1994, o Programa Nacional de Leitura, através do Decreto Nº 8.297, passa da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) para a Secretaria Executiva do Ministério da Cultura, na subdivisão da Diretoria do Livro, Literatura e Biblioteca (DLLLLB/SE/MinC).

2.3 O PROLER PELO BRASIL E OS COMITÊS

De acordo com o projeto de criação, a atuação do PROLER desenvolve-se em duas frentes: ações centralizadas, realizadas na Casa da Leitura, sede da Coordenação Nacional do Programa, no Rio de Janeiro; e ações descentralizadas, desenvolvidas por Comitês instalados em dezenas de municípios brasileiros, com apoio direto do programa e de uma instituição ou órgão local conveniado à Fundação Biblioteca Nacional por meio de um termo de parceria.

O trabalho realizado na Casa da Leitura, inaugurada em 13 de agosto de 1993, tem por objetivo construir e disseminar estratégias de promoção da leitura, formação de mediadores, agentes de leitura.

Isso se faz através de assessorias, consultorias, fóruns de discussões, cursos e oficinas, debates, seminários, palestras e eventos diversos - todos priorizando a formação de profissionais promotores de leitura, ou seja, professores de sala de aula, bibliotecários e demais mediadores de leitura, com a finalidade de instrumentalizá-los em suas

práticas. Todas as ações desenvolvidas buscam uma integração entre as atividades da Casa da Leitura e o trabalho nas bibliotecas, tendo como objetivo final a formação do leitor e a democratização do acesso ao texto literário (PROLER, 2009).⁹

A Casa da Leitura dispõe de duas bibliotecas e também de um Centro de Referência e Documentação em Leitura/CRDL, com acervo especializado, com “informações sobre vivências, experiências, práticas, estudos e pesquisas na área da leitura, recolhidas em todo o território nacional e no exterior, constituindo uma Rede Nacional de Leitura” (PROLER, 2009).

Para se ampliar os horizontes de atuação do PROLER com a formação dos Comitês de leitura, em junho de 1991, a fim de se estabelecer contato em nível nacional, buscaram-se os endereços de todas as prefeituras do Brasil no Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) e foram enviadas correspondências apresentando o Programa às prefeituras municipais e governos estaduais, para de divulgá-lo e encontrar parceiros nos mais diversos pontos do país.

Os Comitês PROLER são entidades sem fins lucrativos, compostas por um Coordenador e profissionais envolvidos com leitura - professores, pesquisadores, escritores, dirigentes - pertencentes a instituições diversas. Atuam na implementação das atividades de práticas leitoras, na formação de agentes de leitura e na valorização e utilização de bibliotecas públicas e escolares. (PROLER, 2009)¹⁰

Anexo ao ofício de apresentação, encontrava-se formulário enviado para as Secretarias de Educação e profissionais da área, o qual buscava informações sobre possíveis trabalhos de formação de leitores que estivessem sendo desenvolvidos no estabelecimento / localidade. Além destas, também se sondava: a existência de alguma parceria estabelecida voltada para a temática da promoção da leitura; o nível de abrangência; bem como o aparelhamento cultural envolvido (quantas bibliotecas, cinemas etc.).

Poucas prefeituras e secretarias responderam ao contato. Dos quase quatro mil convites expedidos para os municípios, apenas 75 (setenta e cinco) municipalidades responderam às solicitações. Uma possível explicação para esta baixa resposta está relacionada, provavelmente, aos acontecimentos e tensões políticas do período do Governo Collor, pelas quais muitos demonstraram descrédito à proposta dessa política nacional de leitura.

Os Comitês, formados por grupos de pessoas que tomam parte em ações locais de incentivo à leitura, integradas ao projeto nacional do PROLER, se articulam por adesão e são

⁹ <http://www.bn.br/proler/casaleitura>, acessado em 10/08/2014

¹⁰ <http://www.bn.br/proler/comites.htm>, acessado em 07/10/2014.

constituídos, em geral, por parceiros que já desenvolvem trabalhos de promoção da leitura e se organizam para somar esforços em torno de objetivos comuns.

A negociação é celebrada com as prefeituras e universidades que se dispuseram a firmar parcerias, ficando responsáveis por ceder o espaço físico, o transporte local, hospedagem e alimentação; o PROLER arcava com as passagens aéreas, com o *pro-labore* dos especialistas convidados para os encontros, e também é o responsável por fornecer todo o material pedagógico e de divulgação do evento.

Os Comitês são autônomos e desenvolvem suas ações de acordo com as necessidades da comunidade local e a natureza da instituição conveniada. Comitês vinculados a universidades, por exemplo, realizam trabalhos mais teóricos, ao passo que outros, ligados a secretarias de educação e cultura, atuam, sobretudo no campo da prática docente. O público destinatário dessas ações são os profissionais comprometidos com a formação de leitores, entre os quais têm prioridade professores, bibliotecários e agentes de leitura das redes públicas. Constituem parceiros nesse processo as Secretarias de Educação e de Cultura, municipais e estaduais, bibliotecas públicas, universidades, centros culturais, ONGs, livrarias, associações de classe e outras entidades

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) foi parceira no primeiro encontro que o PROLER realizou em outro estado, reunindo 23 pequenos e médios municípios de suas proximidades. O Comitê de Vitória da Conquista continua ativo desde então e é frequentemente citado como referência de atuação e comprometimento com o Programa.

2.4 O PROLER/UESB: Comitê de Vitória da Conquista

Dentre os municípios contatados em 1992, Vitória da Conquista respondeu prontamente ao convite e se mostrou bastante interessada no programa. Efetivamente, até hoje é um dos comitês mais atuantes, sempre citado como referência em pesquisas sobre o programa. O Programa Nacional de Incentivo à Leitura foi implantado em Conquista em 10 de janeiro de 1992, num convênio firmado entre a Fundação Biblioteca Nacional, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e prefeituras de Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga.

De acordo com informações do seu Projeto, (PROLER/Conquista, 2009), o Comitê de Conquista tem como objetivos incentivar a leitura e a escrita; realizar estudos sobre as

questões da leitura e da escrita como práticas libertárias e de cidadania; democratizar o acesso aos programas de leitura, promover o intercâmbio de práticas leitoras; facilitar a editoração de livros de narradores e escritores iniciantes.

O Comitê de Conquista, pioneiro, funciona na Sala de Leitura Iris Silveira, num anexo do Centro de Cultura Camilo de Jesus Lima, de segunda a sexta-feira, de 8:30 às 12:00 e das 14 às 18:00h, é certamente um dos mais atuantes do país, promovendo ações que elegem a leitura e a escrita como práticas essenciais e inerentes ao ser humano.

As ações do comitê de Vitória da Conquista são desenvolvidas em parceria com as redes municipais de ensino da microrregião e, com seus desdobramentos alcançam a inúmeras pessoas pela diversidade de sua atuação, ao trabalhar com a memória oral, projetos de incentivo à leitura nas escolas municipais, além da promoção da leitura de autodidatas ou de detentos, oportunizando a prática da escrita como mecanismo de voz para aqueles a quem está fora silenciada ou negada, pelo não domínio da norma culta da língua.

As ações do PROLER/UESB: *campus* de Vitória da Conquista são desenvolvidas junto à rede municipal de educação dos municípios da microrregião; as do PROLER/Mongiô estão voltadas para a memória oral, para registro das manifestações artístico-culturais em contos populares e no cancioneiro regional, em diversos segmentos sociais; o PROLER/Bem-Querer voltado para o incentivo à leitura no Projeto Escola Laboratório da UESB, o Núcleo Letras de Vida: escritas de si incentiva a escrita e publicação de livros de autodidatas, e o PROLER/Carcerário mediante o estímulo a leitura e a escrita autobiográfica em presídios. (PROLER/ UESB)

Atualmente está em vistas a criação do Comitê PROLER – Condeúba, o que demonstra a efetiva atuação do comitê em promover e procurar estratégias de ampliação dos agentes sociais de leitura por toda a região.

É importante destacar que o programa em Conquista possui vários campos de atuação, como:

A Sala de Leitura Íris Silveira é um espaço alternativo de leitura e de convivência social. Em julho de 2003, a Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB autorizou o Comitê PROLER/UESB de Vitória da Conquista a instalar a sua sede no setor Pró-Memória do Centro de Cultura Camilo de Jesus Lima. Esta sala fica situada nos jardins do Centro de Cultura e tomou o nome de sala Íris Silveira em homenagem ao poeta e membro fundador da Academia Conquistense de Letras. O setor Pró-Memória e o PROLER/UESB atuam em conjunto, incorporando à política de valorização da memória literária regional e práticas de incentivo à leitura e a escrita.

O Museu Literário Profa. Amélia Barreto de Sousa é uma amostra da memória da leitura na região, composto de fragmentos de bibliotecas particulares, com muitas obras valiosas, exemplares de edições já esgotadas, comentários anotados pelo leitor, dedicatórias, preserva textos originais manuscritos, datilografados de autores prisioneiros, autodidatas, trabalhadores rurais e de serviços informais; organiza o acervo de Histórias Populares do Planalto da Ressaca

Letras de vida: escritas de si e o PROLER Carcerário - um dos desdobramentos mais reconhecidos do programa tem como meta divulgar as produções escritas por autores populares que não apresentam domínio do código linguístico formal, mas que decidiram escrever da maneira que sabem. Trabalhadores rurais, donas de casa, pedreiros, prisioneiros, trabalhadores informais...

O programa de Alfabetização Digital do PROLER/UESB- AlfaDig foi iniciado em 2005. Os computadores disponibilizados para este programa foram doados pela Receita Federal, pela Pró-Reitoria de Extensão da UESB, pela Profa. Rosália Santana e pelo grupo da Pontual. (PROLER Conquista) As aulas são iniciadas com informações sobre as habilidades básicas para o uso do teclado, do mouse, noções preliminares de digitação, e modos de desenhar e jogar no computador. Cada usuário da Alfadig recebe duas aulas por semana com duração média de uma hora, e assim são apresentados os recursos básicos dos editores de textos, como formatação, configuração da página, da fonte e outros. Os exercícios de digitação são realizados com cópias de poesias, contos, cordéis de autores renomados da Literatura Brasileira e autores regionais. Ao final da aula, os usuários ficam livres para desenhar no computador ou fazer uso dos jogos educativos. Todo atendimento é registrado no livro de frequência e com anotações do que foi realizado.¹¹

À frente do comitê desde a sua criação, a professora Dra. Heleusa Câmara conhece o Programa como poucos. De fala mansa e sempre muito agradável, é com paixão que rememora sua criação, as dificuldades enfrentadas, mas, sobretudo, das conquistas que ele alcançou nesses 24 anos de atuação. Conversar com ela é ouvir as histórias que, por vezes, os dados oficiais não dizem.

A política de leitura do PROLER/UESB, em Vitória da Conquista, deve muito ao Dr. Plínio Doyle, que conheci em 1982, através do mestre baiano dos *haikais*, o poeta Abel Pereira, que me convidou para ir ao Sabadoyle. A Profa. Dra. Sylvia Perlingeiro Paixão, frequentadora do Sabadoyle, participava da coordenação que organizava o Programa Nacional de Incentivo à Leitura – PROLER da Fundação Biblioteca Nacional, e a pedido de Plínio Doyle me levou para conversar com o Presidente Prof. Dr. Affonso Romano de Sant’Anna, sobre as possibilidades de parceria com a UESB. Retornando ao Rio procurei a Profa. Dra Eliana Yunes e contei que em 1991 realizara uma pesquisa sobre leitura, com alunos das escolas particulares e públicas em V. da Conquista. Falei sobre a necessidade e o desejo de que o projeto fosse iniciado neste município. No início de Janeiro de 1992, o teatrólogo Francisco Gregório Filho, coordenador do PROLER visitou os municípios de Vitória da Conquista, Jequié e Itapetinga, onde estão situados os campi da UESB, comprovando o interesse da região pelo programa. Em 1992 foi realizado o 1º Encontro de Leitura em V. da Conquista, denominado Seminário de Leitura – Módulo Zero. (CÂMARA, 2005, p.185)

Manter atuante uma política pública por tanto tempo, de forma ininterrupta, não é uma tarefa fácil, porque muitos são os entraves para se realizar as atividades do Programa. Conforme observação da professora, o PROLER/UESB talvez seja a política pública de leitura no país que mais tempo pode contabilizar ações contínuas, sem alterar o seu nome, nem os seus objetivos.

Não é difícil imaginar que tantas iniciativas federais acabem diluídas pelo Brasil

¹¹ Dados do Programa - <http://www.uesb.br/PROLER/PROLER.html>

afora, pois dependem, também, do envolvimento dos mini-administradores-subordinados-temporários, situados no sistema capilar do poder - secretários de educação municipal, diretores regionais estaduais e diretores de escolas públicas, que em sua passagem temporária, estimulam ou desconhecem processos e programas do Estado. O uso ou acúmulo de livros enviados pelo governo, como parte de programas, deste mesmo governo, têm destinos que implicam percepções de valores coletivos. Este poder micro, próximo dos espaços de ação, a exemplo do poder macro e distante, trabalhando na lógica de construção e desconstrução, atravança esforços de pequenas atitudes, quase sempre não reconhecidas, que ainda renovam a confiança em trabalhos experimentais. (CÂMARA, 2005, p.184)

Compondo um dos 62 comitês em atuação no país, o comitê de Vitória Conquista desenvolve suas ações em prol do estímulo da leitura como prática indispensável no dia a dia, valorizando os saberes e valores locais.

3. OS ENCONTROS DE LEITURA EM TRÊS ESCOLAS DA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Nesta seção apresentam-se os Encontros de Leitura, como e onde aconteceram, quais os objetivos a que almejavam nas atividades desenvolvidas e quais foram alcançados nas escolas analisadas. Para tanto, foram utilizados materiais fornecidos pelo PROLER/UESB, como os Relatórios dos Encontros, folders do evento, além de matérias sobre o programa, outros obtidos na internet, da pesquisadora Eliane Yunes, de teses de mestrado e doutorado disponíveis *online*... materiais esses que foram indispensáveis e de extrema valia para que se pudesse compreender a estrutura e funcionamento do programa, através dos dados de pesquisadores que anteriormente o estudaram.

3.1 – O QUE SÃO OS ENCONTROS DE LEITURA?

Conforme o *site* do comitê do PROLER / UESB,¹² os Encontros de Leitura são atividades de extensão iniciadas em 1992 e realizadas anualmente, por meio de palestras, exposições, painéis, oficinas, apresentações culturais, lançamento de livros e exibição de filmes, oferecidos a professores, estudantes, bibliotecários, agentes de leitura, promotores culturais e comunidade interessada, proporcionando trocas de experiências de leitura entre especialistas e participantes. Essa interação de conhecimentos enriquece a todos: especialistas e participantes pela pluralidade de saberes, contribuindo para novas visões educacionais e culturais mais libertárias.

São convidados especialistas de todo o país para discutir leitura, arte, ciência e literatura. Esses encontros propiciam espaços para novas práticas de leitura, legitimam experiências, estimulam a capacidade imaginativa de pensar, ativando a criatividade, e revelando novas autorias. As discussões sobre as múltiplas possibilidades de escrita e leitura contribuem para posições reflexivas sobre o ato de ler, sobre a política de leitura e as condições sociais das práticas leitoras em percursos não escolares.

Os Encontros, inicialmente chamados de Módulos, atenderiam à necessidade de reflexão teórica para que fossem discutidas questões sobre a leitura e a formação de leitores. Planejados em cinco estágios pedagógicos diferentes, em periodicidade entre eles de seis meses, esses cinco estágios foram denominados de Momento de Sensibilização, Momento de

¹² <http://www.uesb.br/proler/index.php?pagina=encontros>

Interação, Momento de Recepção, Momento de Interpretação e Momento de Expressão. Neles aconteciam, numa relação de troca entre as comunidades visitadas e os convidados do programa, conferências, mesas redondas, painéis, oficinas em que a teoria seria aprofundada, discutida, partilhada.

Em Vitória da Conquista, os Encontros acontecem anualmente nas escolas públicas do município e, para atender a um novo público, a partir de 2010 tem acontecido em escolas da zona rural, referendando a proposta de se levar a todos os locais quanto possível a oportunidade de se discutir e ampliar, numa proposta interdisciplinar, dinâmica e agradável, as teorias acerca da leitura e formação de leitores.

Os Encontros tem duração de três dias, contudo, a preparação dos mesmos começa com meses de antecedência, quando se pensa no local em que acontecerá o próximo, as possíveis oficinas, estratégias, convidados, etc.

No primeiro dia do evento, quando o mesmo é oficialmente apresentado, é feita uma solenidade de abertura com autoridades municipais, da escola, e da localidade. Além disso, há os momentos da “Memória Cultural”, em que professores, funcionários da escola ou pessoas da comunidade são homenageados; o “Artes da Terra”, em que acontecem apresentações culturais de alunos da escola e pessoas da comunidade local; e acontece também a “Exposição Fotográfica”, em que fotografias da região e de seus elementos marcantes, característicos de cada localidade, as casas, as praças, atividades comerciais, etc, são expostas para visitação. Nos EL de Vitoria da Conquista costuma ser uma das atividades mais comentadas e lembradas pelos participantes.

No segundo dia, acontecem as oficinas, em dois turnos, matutino e vespertino, com os oficinairos selecionados pelo PROLER, além daquelas realizadas por professores da própria escola ou membros da comunidade, numa forma de promover a troca de experiências com todos, de forma igualitária.

No terceiro dia, acontecem oficinas pela manhã e, à tarde, a culminância do projeto com a participação dos alunos e professores na socialização dos trabalhos desenvolvidos nos dias anteriores.

Ao término de cada Encontro, os participantes do evento preenchem um questionário avaliativo, para que se possa aferir, de maneira mais sistematizada, a execução das atividades, a opinião dos participantes, sugestões. Esse questionário é analisado posteriormente, arquivado e serve de suporte para a produção dos relatórios feitos pelo programa.

O êxito do PROLER/UESB, nas observações de Câmara (2005) se consolida ano após anos, porque “os seus participantes vêm nos seus propósitos e em sua metodologia, a busca de afirmações dos seres humanos em suas potencialidades implícitas, possibilitando a estes o espaço de inclusão no mundo das belas letras, desmontando as interdições aos discursos.” Aponta caminhos para o registro de suas impressões sobre um mundo sonhado e quase descartado pelas suas aspirações poéticas.

Em um programa como o PROLER/UESB é possível aos *Zé Raimundos* presidiários, *Dona Aureliana*, trabalhadora rural, e o “outsider” *Rosieles*, expressarem seus “sentimentos do mundo” para se pronunciarem além da tragicidade indesejável demarcada indelevelmente pelas rotinas do cotidiano como apartados da cultura erudita, e dos padrões da norma culta (CÂMARA, 2005, p.83)

Os “personagens” citados por Câmara são pessoas “da vida real” que tiveram a oportunidade de participar de ações do PROLER/UESB, registrando suas memórias e impressões sobre o mundo, ainda que não fossem, por não terem domínio da norma padrão da língua, “autorizados a falar” através da escrita. .

Ainda segundo a autora, trata-se, portanto de evento importante, porque multiplica, incita, aponta, faz surgir, questiona, critica, faz e refaz leituras junto ao mundo que a cada momento parece mais mergulhado em atividades que pouco enobrecem a existência humana. Nestes 24 anos a chancela da Fundação Biblioteca Nacional conferiu aos comitês uma aura simbólica de representação que nobilitou os propósitos das metas traçadas de fomentar a leitura no Brasil.

3.2. OS ENCONTROS DE LEITURA EM ESCOLAS DA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

A Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista é composta por 203 unidades escolares, sendo 182 escolas – 140 na zona rural e 41 na urbana – e 21 creches – 11 municipais e 10 conveniadas. Mais de 41 mil alunos são atendidos na Rede Municipal de Ensino por 1.785 professores, entre contratados e efetivos.

Desde o ano de 2010, o PROLER/UESB decidiu realizar os Encontros anuais de leitura nas escolas da zona rural, a fim de ampliar o público assistido pelas atividades do programa, pois devido a problemas com custeio do transporte, as comunidades da zona rural quase nunca participavam das atividades desenvolvidas nas escolas da zona urbana.

Para este estudo, escolhemos como objeto de investigação os Encontros de Leitura que aconteceram nas seguintes escolas: Colégio Municipal Euclides da Cunha, no povoado de São

Sebastião; Centro Educacional Moisés Meira, no distrito de José Gonçalves; e o Colégio Municipal José Rodrigues do Prado, no povoado de São Sebastião.

Recortamos os três primeiros anos do Encontro em zona rural, para que o espaço entre sua realização e o início desse estudo fosse maior, a fim de que houvesse tempo suficiente para que as possíveis ações, se houvesse, propostas em decorrência do evento, pudessem ter acontecido.

3.2.1 – XIX Encontro de Leitura - Colégio Municipal Euclides da Cunha

O primeiro Encontro de Leitura na zona rural aconteceu no povoado de São Sebastião, a 30km de Vitória da Conquista, nos dias 24, 25 e 26 de Agosto de 2010, atendendo às escolas dos Círculo Integrado de Educação (CEI) da região, composto por escolas rurais e foi sediado no Colégio Municipal Euclides da Cunha.

Participaram deste Encontro de Leitura professores do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos - EJA, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil - PETI, Todos pela Educação TOPA, agentes de leitura, estudantes do ensino médio e fundamental, pessoas da comunidade totalizando 410 participantes.

A carga horária do Encontro foi de 25 horas e as atividades desenvolvidas em minicursos e oficinas concentraram-se em torno da leitura em diversas linguagens. Abordaram a escrita e a língua portuguesa e suas expressões na literatura, nos contos populares, na música, no teatro, no canto coral, no desenho, nos direitos humanos, nos modos de convivência. Além disso, as mostras da cultura regional e exposição oral sobre a memória literária local constituem pontos que anualmente dão oportunidade a novos atores sociais, em lançamentos de livros, apresentações de grupos culturais emergentes, valorizando a divulgação de movimentos sociais de entidades regionais.

As inscrições para o evento foram realizadas na própria escola e também no Comitê PROLER/UESB, sala de Leitura Iris Silveira, Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima e no Departamento de Ciências Sociais Aplicadas da UESB.

A abertura oficial do evento aconteceu na quadra poliesportiva do colégio e contou com a presença do então prefeito de Vitória da Conquista, Dr. Guilherme Menezes; do Prof. Dr. Fábio Félix Ferreira - Pró-Reitor de Extensão da UESB; do Prof. Coriolano Moraes Neto - Secretário da Educação; e da Profa. Dra. Heleusa Câmara, Coordenadora do Comitê PROLER/UESB de Vitória da Conquista.

Houve palestra sobre a memória da escola e homenagem à professora Belarmina Tavares Sampaio - Dona Mocinha; e como momento cultural a exposição fotográfica na escola, apresentando várias cenas do cotidiano do distrito. Essas fotografias foram tiradas pelos alunos da escola em uma das atividades desenvolvidas em decorrência do encontro e foi a realização de pesquisas sobre a história da região, entrevistas com pessoas da comunidade, coleta de dados e “causos”, etc. Essa exposição trouxe muita satisfação para os moradores das localidades representadas nas fotografias, pois viram seu lugar representado. Outra atividade interdisciplinar desenvolvida pelos professores de História, Geografia e Língua Portuguesa foi a visita ao manancial Olho d'Água, que se encontrava em processo de devastação da vegetação nativa e “motivou reivindicações de maiores cuidados pelos poderes públicos do referido local.”

À tarde, e na manhã do dia seguinte, aconteceram as oficinas (**Leitura e produção textual** - Profa. Luziê Fontenele– UESB; **A arte de contar histórias**, Prof. Augusto Pessoa – RJ; **A arte de contar histórias** - Maria Clara Cavalcanti RJ; **O teatro como agente transformador** - Profa. Lucélia Machiavelli SP; **Música para viver melhor** - Profa. Ms Virgínia Coronagro – UESB; **Leituras musicais na escola** - Prof. Maria Eugênia Oliveira; **Leitura e cidadania** - Profas: Paula Brito e Valnice Santos SMED; **Leitura e cultura afro-brasileira** - Profa. Rosângela Márcia dos S. Farias SMED; **A leitura na escola: construindo caminhos** - Profa. Ms. Ângela Gusmão Martins – UESB; **Ler, escrever e interpretar** - Profa. Ms. Claudia Silveira Flores – DIREC 20), cuja culminância aconteceu no dia 26 à tarde, quando osicineiros e os alunos apresentaram através de teatro, música, jogral, construção de cordéis e etc. os resultados das atividades desenvolvidas.

Ao final, a equipe organizadora fez os agradecimentos e as considerações sobre o evento, juntamente com os participantes. Além da avaliação oral franqueada, os participantes responderam a um questionário avaliativo do Encontro e das oficinas, o qual foi utilizado, também, como parte da avaliação que consta nos relatórios do programa. Os participantes se mostraram muito satisfeitos com o Encontro de Leitura realizado no distrito e especialmente os alunos e pessoas da comunidade demonstraram interesse em que o evento retornasse mais vezes à região. A equipe organizadora comprometeu-se a implantar um núcleo de práticas leitoras no distrito

De acordo com relatório do Encontro, apesar do acesso difícil, porque parte da estrada ainda era de terra batida, e da estrutura precária da escola, os objetivos propostos do evento foram alcançados, pois

Foram capacitados 358 participantes entre professores, estudantes, agentes de leitura, pessoas da comunidade. Participaram do XIX Encontro de Leitura especialistas na formação de mediadores da leitura, na arte de contar histórias, leitura musical, teatro, leitura da cultura afro-brasileira, a arte de escrever bem. literatura infantil. (...) Jovens, adulto, idosos, monitores do PETI, professores e agentes de leitura participaram das oficinas do evento. Os professores da Escola Municipal Euclides da Cunha realizaram pesquisas sobre a história do Distrito de São Sebastião e fotografaram a vegetação, as nascentes que estão sendo degradadas. O fabulário regional foi trabalhado com os 'causos' contados pelo morador José Feliciano Santos, São Zé Fineza. Estes causos foram recontados no blog do arte educador Augusto Pessoa. O programa Memória da Escola apresentou a história de Dona Belarmina, a 1ª professora do distrito que foi escolhida para dar nome à Sala de Leitura da Escola Municipal Euclides da Cunha. (Relatório do PROLER/UESB, 2010)

O relatório do evento apresenta todos os dados e avaliação do evento e encontra-se disponível na Sala de Leitura Iris Silveira, no Centro de Cultura Camilo de Jesus Lima.

3.2.2 – XX Encontro de Leitura - Centro Educacional Moisés Meira (2011)

No ano de 2011, nos dias 30, 31 de agosto e 01 de setembro, o Encontro de Leitura aconteceu no Distrito de José Gonçalves, localizado a 24 km de Vitória da Conquista, no Centro Educacional Moisés Meira, com o tema “O PROLER na formação de mediadores da leitura” com 360 participantes de todas as comunidades atendidas naquele polo.

Os objetivos do Encontro de Leitura, segundo os relatórios do programa, foram

Fornecer aos participantes condições de desenvolverem e/ou ampliarem suas habilidades na leitura e na produção de textos, bem como oferecer oportunidade de treinamento, com vistas à prática profissional nas áreas de leitura, de produção de textos de diferentes gêneros. Estimular a leitura e a produção textual mediante a escrita de si como forma libertária para novos modos de existência e inserção social. Formação de recursos humanos para a promoção da leitura, com perspectiva de aprofundamento e extensão. Capacitar 400 professores e alunos de 1º, 2º e 3º graus, bibliotecários, técnicos em educação, dos municípios de Vitória da Conquista, Barra do Choça, Anagé, Planalto, Belo Campo para a formação de promotores da leitura. Permitir o fortalecimento de ações de promoção da leitura entre alunos e professores mediante a realização de oficinas, palestras, exposições.· Planejar e realizar oficinas de leitura e de escrita de textos de diversos gêneros. Promover o encontro de escritores com seus leitores. Conduzir os participantes à apropriação dos recursos, métodos e técnicas, bem como à descoberta de um estilo próprio na arte de contar histórias.· Promover o intercâmbio e a cooperação técnico-científicos entre os docentes e discentes da UESB e a comunidade científica regional e nacional.· Desenvolver o nível de compreensão de leitura, e a habilidade de escrita entre adultos, crianças, jovens e adultos não leitores, visando alcançar melhor rendimento escolar e diminuir os índices de repetência e desercção.· Promover o intercâmbio das experiências de leitura realizadas no âmbito de cada município presente no encontro. Resgatar o fabulário regional para valorização de textos populares. Organizar a escrita de textos provenientes da oralidade em contos populares e no cancionário repentista.·Incentivar a escrita autobiográfica

A abertura oficial do Encontro aconteceu às 18:00h do dia 30, na Praça da Matriz e contou com o pronunciamento das autoridades municipais da PMVC, SMED, diretoria do

Centro Educacional Moisés Meira, equipe do PROLER/UESB e da comunidade de José Gonçalves. Como atividade de Memória do Centro Educacional Moisés Meira, homenageou-se a professora Antônio Consuelo Trindade por seus trabalhos prestados à comunidade e realizou-se a exposição fotográfica com as cenas do cotidiano da comunidade local, “incorporando aspectos do trabalho rural, casas de farinha, olarias, pastoreio, comércio, culturas religiosas, etc” Essa exposição sempre é motivo de muita alegria para os membros da comunidade. Foi encaminhado para publicação o livro de histórias e causos de Zé Fineza, de autoria do Sr. José Feliciano, motorista aposentado e natural de José Gonçalves.

As oficinas (**A leitura na escola: construindo caminhos** - Profa. Ms. Ângela Gusmão Martins – UESB; **Leitura e produção textual** - Profa. Luziê Fontenele – UESB; **A arte de contar histórias** - Prof. Augusto Pessoa – RJ; **A arte de contar histórias** - Maria Clara Cavalcanti – RJ; **O teatro como agente transformador** - Profa. Lucélia Machiavelli – SP; **Música para viver melhor** - Profa. Ms Virgínia Coronagro – UESB; **Vivências musicais** - Prof. Ms Marcos Ferreira; **Poemas para combater preconceitos** - Profa. MS Joaquina Leite - UFBA ; **Brincando com Números** - Prof. Ms Corina Flores; **Leitura e cultura afro-brasileira** - Profa. Rosângela Márcia dos S. Farias SMED; **Ler, escrever e reinventar a vida** - Profa. Ana Isabel Macedo – UESB) foram realizadas nos dias 31 de Agosto e 01 de Setembro e contaram com a participação de professores e alunos do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, agentes de leitura, pessoas da comunidade, totalizando 360 participantes.

A proposta Artes da Terra foi representada pelo grupo feminino de Terno de Reis da comunidade de José Gonçalves, que encerrou o evento com muito brilhantismo.

Ao final, foram feitos os agradecimentos e a avaliação do Encontro, tanto escrita quanto oral, pelos participantes do evento. “Os depoimentos revelam as sugestões sobre a necessidade de ampliação da carga horária, oferta de cursos com mais frequência e o reconhecimento da necessidade de que mais verbas sejam disponibilizadas para o projeto.” Nos dados oficiais do programa, o Evento foi muito bem avaliado e os participantes se mostraram muito satisfeitos com a sua realização no colégio.

Ainda conforme o relatório, os objetivos do Encontro de Leitura foram alcançados por sua relevância acadêmica e social, além de proporcionar crescimento “pessoal, profissional, acadêmico e intelectual” pela temática abordada nas oficinas.

3.2.3 – XXI Encontro de Leitura - Colégio Municipal José Rodrigues do Prado (2012)

O Colégio Municipal José Pradoso fica no distrito de Pradoso, a 12 km de Vitória da Conquista e recebeu o Encontro no período de 29 a 31 de maio de 2012, contando com 360 participantes entre professores e alunos do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, agentes de leitura e pessoas da comunidade.

A cerimônia de abertura contou com o pronunciamento das autoridades municipais da PMVC, SMED, diretoria do Colégio Municipal José Rodrigues do Prado, equipe do PROLER/UESB e da comunidade do Pradoso. Como atividade de Memória do colégio, homenageou-se a professora Carolina Novais dos Santos e Dinorá Santos (in memória), ex funcionária do colégio. No momento cultural houve apresentação de corais formados pelos alunos do colégio, cantando músicas de artistas da terra, além da exposição fotográfica do distrito e apresentação de slides com imagens do município de 2006 a 2012, que foi bem recebida pela comunidade que estava presente.

As oficinas ministradas foram: **A arte de contar histórias** - Profa. Maria Clara Cavalcanti – RJ; **A arte de contar histórias** - Prof. Augusto Pessoa – RJ; **O teatro como agente transformador** - Profa. Lucélia Machiavelli – SP; **Linguagem corporal: novas leituras** - Profa. Paula Vieira Amaral Rodrigues – SMED; **Entre os jogos, a leitura e a matemática** - Profas. Neiva Carvalho, Tânia Novais e Tiago Ribeiro Paiva – SMED; **Histórias em Quadrinhos: leituras criativas** - Profas. Débora Oliveira e Adalgisa Souza - Sala de Leitura/SMED; **Libras: novas linguagens e leituras** - Profa. Evanice Duarte e Sandra Barros – SMED; **Entre brincadeiras - ler e apreender** - Profas. Alexsandra Santos e Najla Rúbia Sales – SMED; **Ler e interpretar: uma questão cultural** - Prof. Helder Rocha - Mestrado CEL / UESB; **Cinema: das palavras às telas, leituras e reinterpretações** - Prof. Alberto Marlon - Mestrado CEL / UESB.

As propostas de ações foram praticamente as mesmas dos Encontros anteriores, porém, observando-se as especificidades de cada localidade. Ao término das atividades foi feita avaliação oral e escrita, cujos dados formaram a avaliação do evento.

4 REGISTROS E MEMÓRIAS DOS ENCONTROS DE LEITURA NA ZONA RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Este capítulo está dividido em quatro seções que se complementam e tem por objetivo apresentar os dados coletados na pesquisa de campo realizada nas três escolas da zona rural de Vitória da Conquista, onde aconteceram os Encontros de Leitura, objeto deste estudo. Será realizada a análise dos dados em geral, a partir das categorias estabelecidas: relatórios, diretores e professores.

A primeira seção foi composta pela leitura e análise dos folders e Relatórios dos Encontros de Leitura do PROLER / UESB dos anos de 2010, 2011 e 2012, referentes aos Encontros realizados no Colégio Municipal Euclides da Cunha, no Centro Educacional Moisés Meira e no Colégio Municipal José Rodrigues do Prado. Compreendemos que esta leitura seria indispensável para se conhecer nosso objeto sob a ótica de seus organizadores e coordenação.

A segunda, da realização de entrevista semiestruturada gravada com diretoras que compunham o corpo diretivo das três escolas estudadas. A escolha para este tipo de metodologia se deu em decorrência do próprio objetivo da mesma, que era, conforme Marconi e Lakatos (2005, p. 198) a “obtenção de informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema”, conhecendo a sua opinião sobre os “fatos.” Nas visitas iniciais às escolas, notamos que nas conversas informais as diretoras tinham muito a dizer sobre o objeto desta pesquisa e julgamos que a entrevista gravada seria o instrumento mais adequado para que elas pudessem se sentir à vontade para falar tanto quanto quisessem sem estarem limitadas às questões de um questionário. Após a gravação, as entrevistas foram ouvidas e transcritas na íntegra, para que fossem posteriormente analisadas.

A terceira seção foi da aplicação de questionário semiestruturado a professoras que participaram dos Encontros de Leitura e que estivessem em sala de aula e/ou nas Salas de Leitura no ano da realização dos mesmos nas escolas em que atuavam. Questionário, para Marconi e Lakatos (2005, p. 198) “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do entrevistador”. Esse método, segundo as autoras, apresenta uma série de vantagens e desvantagens, como, por exemplo, vantagens de economia de tempo, maior liberdade nas respostas, menos risco de distorção, devido a ausência do pesquisador, liberdade de escolha de tempo e hora mais favoráveis para o participante responder, etc. Como desvantagens, citam

a pequena porcentagem dos questionários que voltam, e que realmente foi sentida nessa pesquisa; grande número de perguntas que não são respondidas ou o são de maneira diversa ao que foi perguntado; devolução tardia, etc. Diante da recusa da maioria das professoras de gravarem uma entrevista, mesmo mediante as desvantagens apresentadas por este instrumento, ele foi o mais adequado para que se pudesse fazer a coleta dos dados pesquisados. O questionário aplicado foi composto por 10 perguntas, e se encontra nos apêndices deste trabalho.

Na quarta seção foi feito o cruzamento das informações coletadas, a fim de que se fizesse a relação entre os instrumentos de pesquisa utilizados e a proposta desenvolvida nesse estudo.

Por entender que a leitura é um exercício de compreensão que é indissociável de todas as áreas de conhecimento, os professores selecionados para compor a amostra desta investigação não foram escolhidos por área específica, mas pelo critério fundamental de terem participado do Encontro de Leitura e que se dispusessem, voluntariamente, a cooperar com esta pesquisa.

Os sujeitos desta pesquisa são apresentados no quadro abaixo, que é composto pela área de conhecimento em que estes atuam, titulação de cada um, local da realização do Encontro do qual participou e data da entrevista e/ou da aplicação do questionário.

Participante	Área de Atuação	Titulação	Local de realização do EL	Data da entrevista/ questionário
Najla	Geografia	Especialista/Geografia	Colégio Municipal Euclides da Cunha	13/06/2015
Alexsandra	Português	Graduação/Pedagogia	Colégio Municipal Euclides da Cunha	15/06/2015
Marlene	Artes	Graduação/Artes	Colégio Municipal Euclides da Cunha	13/07/2015
Miralice	Educação infantil	Graduação/Pedagogia	Colégio Municipal Euclides da Cunha	13/07/2015
Adriana	Matemática	Especialista/Matemática	Centro Educacional Moisés Meira	13/07/2015
Cristiane	Sala de Leitura	Ensino médio	Centro Educacional Moisés Meira	13/07/2015
Margaret	Educação infantil	Graduação/Pedagogia	Centro Educacional Moisés Meira	13/07/2015

Neuma	Português	Especialista/Pedagogia	Centro Educacional Moisés Meira	13/07/2015
Suzana	Sala de leitura	Ensino médio	Centro Educacional Moisés Meira	06/06/2015
Tânia	Educação Infantil	Graduação/Pedagogia	Centro Educacional Moisés Meira	15/06/2015
Nélia	Português	Especialista/ Letras	Colégio Municipal José Rodrigues do Prado	06/07/2015
Adalgisa	Sala de leitura	Graduação/Hitória	Colégio Municipal José Rodrigues do Prado	08/06/2015
Juliana	Inglês	Graduação/Letras	Colégio Municipal José Rodrigues do Prado	08/06/2015
Maria Marta	Português	Especialista/Letras	Colégio Municipal José Rodrigues do Prado	08/06/2015
Rose	Português	Especialista/Letras	Colégio Municipal José Rodrigues do Prado	08/06/2015

Quadro 1- Identificação dos professores-sujeitos da pesquisa

Fonte: Dados da pesquisa

Conforme descrito no Quadro 1, acima, os sujeitos que participaram dessa pesquisa totalizam 15 (quinze) participantes, dos quais 12 (doze) eram professoras e 03 (três) eram diretoras nos colégios estudados.

Como estratégia metodológica, usou-se questionário semiestruturado, entrevista, conversa informal e diário de campo. Foram coletadas lembranças de participantes dos Encontros, professores, diretores, alunos, ministrantes de oficinas, a fim de se conhecer, sob a ótica dos participantes, a opinião deles sobre o encontro após algum tempo da participação no evento.

Um questionário com dez perguntas foi aplicado aos professores que participaram do Encontro, que o respondiam “conforme suas lembranças”. Infelizmente, alguns deles se recusaram a participar da pesquisa, ora alegando que estavam sem tempo para responder o questionário – ainda que eu insistisse que voltaria em horário oportuno-, ora dizendo que já não se lembravam do que havia acontecido no Encontro ou mesmo que não haviam participado do mesmo. Além disso, vários professores contratados que participaram dos Encontros, cujos contratos já foram encerrados, já não estavam trabalhando nos colégios.

Aqueles que estavam em atividade de direção, coordenação e os demais funcionários das escolas foram entrevistados oralmente, em entrevista semiestruturada, para que se pudessem colher suas lembranças do evento de maneira mais livre e espontânea.

Além dessas entrevistas e dos questionários, as conversas informais sobre o projeto de pesquisa e sobre os Encontros foram muito proveitosas, porque, sem a “formalidade” do questionário ou do gravador, a conversa fluiu livre e bastante reveladora.

Ao todo foram 15 (quinze) participantes, sendo 12(doze) professoras, que responderam a um questionário, e 03 (três) diretoras das escolas, que concederam as entrevistas.

4.1 OS ENCONTROS DE LEITURA NOS RELATÓRIOS DO PROLER

O primeiro instrumento de pesquisa analisado foi os Relatórios dos Encontros de Leitura do PROLER/UESB realizados entre os anos de 2010 a 2012, a saber: do XIX Encontro de Leitura, no Colégio Municipal Euclides da Cunha, distrito de São Sebastião; XII Encontro de Leitura, no Centro Educacional Moisés Meira, distrito de José Gonçalves e do XIII Encontro de Leitura, realizado no Colégio Municipal José Rodrigues do Prado, no povoado do Pradoso.

As informações coletas foram consolidadas nos referidos relatórios, produzidos pela coordenação local do PROLER e neles constam os dados do evento, como proposta, objetivos, data de realização, número de participantes inscritos, oficinas oferecidas, nome dos mediadores das oficinas, denominados deicineiros, custos, além da avaliação que é feita baseada nos relatos orais e nos formulários que são respondidos por cada participante, no último dia do Encontro.

Após a leitura cuidadosa dos referidos relatórios, notou-se que, do ponto de vista do planejamento que está relacionado aos objetivos a serem alcançados, a sua execução, observando-se, evidentemente, a especificidade da realidade de cada comunidade, do público atendido e da escola que os recebeu de maneira geral, os três encontros foram organizados de forma bem semelhante. À equipe do PROLER/UESB juntou-se o corpo diretivo das escolas que sediaram o evento a cada ano, a fim de se ampliar a participação das mesmas na construção das atividades que foram planejadas para serem trabalhadas a cada dia, referentes a escolha dos temas das oficinas, nas quais procuraram ratificar a proposta participativa a que

se propõe o programa de construir parcerias entre as escolas e as comunidades em seu entorno.

O Colégio Municipal Euclides da Cunha, no distrito de São Sebastião, foi o primeiro a receber, em 2010, os Encontros de Leitura na zona rural do município de Vitória da Conquista e, diante da novidade que era realizar o primeiro Encontro de Leitura fora da zona urbana, realizou o evento da forma exitosa.

De acordo com os relatórios, nos três Encontros houve a participação efetiva da comunidade escolar e da comunidade do seu entorno de maneira muito significativa, proporcionando a cerca de 1.125 pessoas oportunidades de trocar experiências construtivas e prazerosas, com a participação dos alunos e da comunidade nas atividades e oficinas, e de trabalhar com diversos gêneros textuais em diferentes suportes

Nos relatórios, a avaliação da organização, das oficinas e dos minicursos oferecidos foi feita por meio de formulários específicos com perguntas abertas e fechadas, que permitiram a tabulação dos dados e análise das variáveis, como se pode verificar nos gráficos abaixo:

Avaliação XIX Encontro de Leitura PROLER/UESB VC – 2010 – São Sebastião

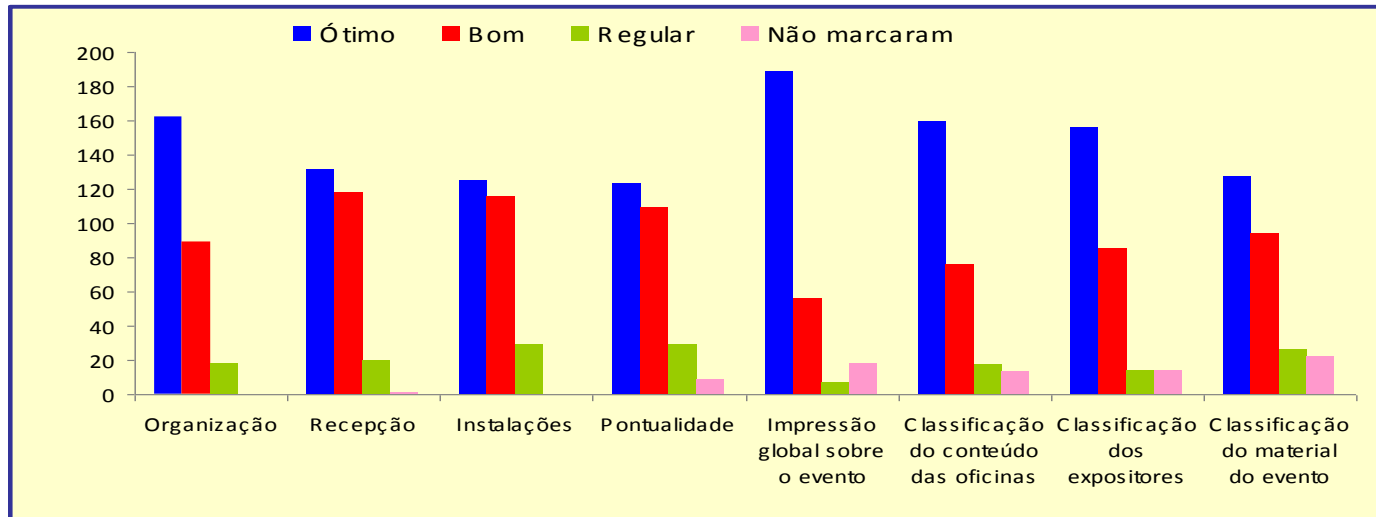


Gráfico extraído do relatório, construído a partir de 269 questionários de avaliação aplicados no XIX Encontro de Leitura 2010, colhidos do universo de 358 participantes, fazendo, portanto, uma amostra de 75,1%.

Fonte: Relatório do PROLER - 2010

Avaliação XX Encontro de Leitura PROLER/UESB VC – 2011 – José Gonçalves

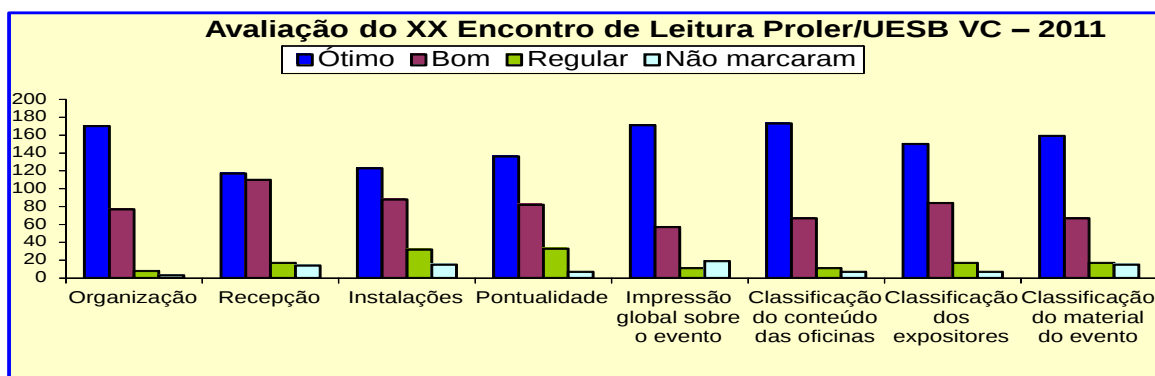


Gráfico construído a partir de **258** questionários de avaliação aplicados no XX Encontro de Leitura 2011, colhidos do universo de **469** participantes, constituindo uma amostra de **52 %**.

Fonte: Relatório do PROLER - 2011

Avaliação XXI Encontro de Leitura PROLER/UESB VC – 2012 – Pradoso

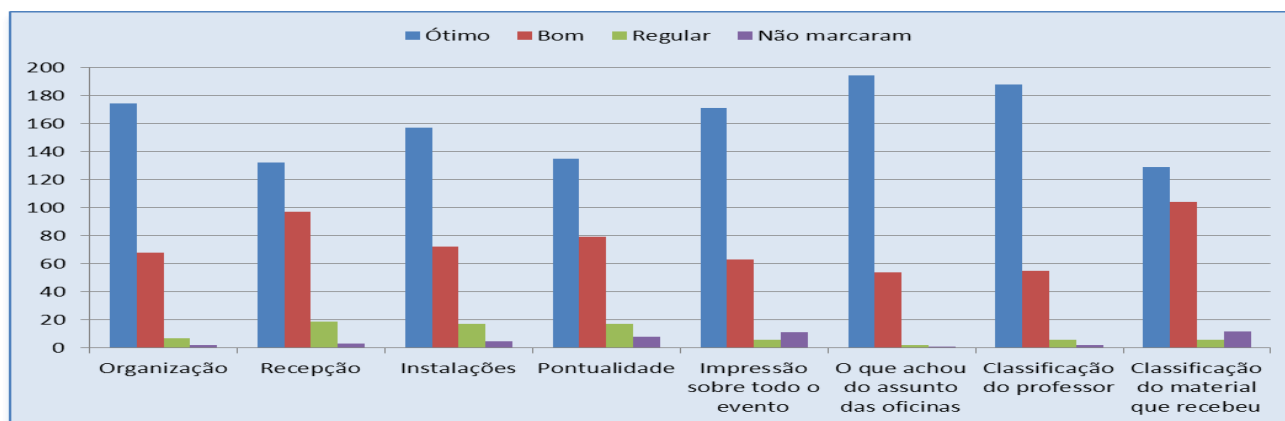


Gráfico 4 – Dados construídos a partir de 251 questionários de avaliação aplicados no XXI Encontro de Leitura 2012, colhidos do universo de 298 participantes, constituindo uma amostra de 84,2%.

Fonte: Relatório do PROLER - 2012

O grau de aprovação e satisfação com o evento, desde a sua organização ao profissional envolvido com as oficinas, bem como com o material e com as temáticas abordadas, salientam a preocupação da equipe do PROLER/UESB em compor os moldes dos Encontros e, especialmente, o quadro das oficinas, em conjunto com a comunidade escolar, o que referenda a aprovação dos cursistas, que se sentiram contemplados em suas necessidades

ou preferências nas oficinas de leitura, de contação de histórias, de teatro, música, expressão corporal, Libras, cinema, etc.

Nos relatórios registra-se espaço reservado para a cultura e memória regional, na contação de histórias, na manifestação e valorização da cultura local, como nas apresentações do grupo feminino de Terno de Reis da comunidade de José Gonçalves, nos “causos” de Seu Feliciano, em São Sebastião, nas cantigas de roda de Dona Tusinha, no Pradoso. Leituras e vivências partilhadas, reconhecidas, solidificam a construção da educação e da cidadania, pois ao se dar espaço para que membros da comunidade tenham voz, oportunizam-se o surgimento de novos atores sociais, muitas vezes silenciados pela falta de oportunidade ou incentivo.

Tornar a escola um espaço onde essas vozes sejam ouvidas e possam ser, até, reproduzidas, caracteriza um passo fundamental para a construção da igualdade e da cidadania. Um espaço tão importante para a construção de aprendizados e troca de saberes não pode ser reduzido a um espaço de transmissão de conteúdos. A comunidade precisa participar do cotidiano escolar, ter “intimidade” com o espaço e interagir com seus membros. Para isso, se faz necessária uma postura de acolhimento e parceria, não ditadora e opressora, punitiva, como salienta Freire (1991) nas palavras do autor:

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história [...]. A escola deve ser também um centro irradiador da cultura popular, à disposição da comunidade [...] um centro de debate de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência. A escola não é só um espaço físico. É um clima de trabalho, uma postura, um modo de ser. (FREIRE, Paulo. 1991, p.16)

A escola é uma extensão da casa das pessoas, porque nela as relações se dão na convivência diária, na troca de experiências e partilha da própria vida. Quando essa relação é fortalecida por situações de partilha, de valoração de saberes e demonstrando à comunidade, à família, cria-se um vínculo que é bem vindo e necessário para a construção de uma escola que é, de fato, de todos, onde seus valores e práticas, sua cultura, também seja respeitada.

Se o espaço escolar se torna segregador, as relações serão sempre conflituosas ou sem significação real para os que dela participam. Refletindo sobre o currículo escolar, Silva (1995, p. 195) registra que:

Enquanto as formas de vida e a cultura de alguns grupos são valorizadas e instituídas como cânone, as de outros são desvalorizadas e proscritas. Assim, as narrativas do currículo contam histórias que fixam noções particulares de gênero, raça, classe – noções que acabam também nos fixando em posições muito particulares ao longo desses eixos (de autoridade).

Em escolas de zona rural, como as em que aconteceram os Encontros de Leitura (EL) aqui estudados, as diferenças são acentuadas dada a realidade e particularidades próprias de comunidades rurais, inerentes a inúmeras questões como transporte, qualidade/condições de vida e saúde, emprego, etc, o que as torna singulares e especiais, para as quais os olhares, e práticas, dos gestores e docentes, precisam estar sensíveis. Há uma necessidade específica para essas escolas: a de aproximação; não só de espaço, física, mas uma aproximação de contato, de realidades, para que esta direcione e gere as práticas.

Nesse sentido, pensar em atividades como estas desenvolvidas pelo PROLER nos leva a refletir acerca das práticas curriculares não inclusivas, hegemônicas, que estão, ainda hoje, presentes na escola e que julgam “qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo” (SILVA, 1995, p. 195). Pensar a escola enquanto espaço de relações e inclusão de saberes é uma proposta para um novo currículo, aberto e abrangente, no qual todas as práticas sejam observadas e entendidas como constituintes de um meio, sendo formadoras e representativas para cada espaço e situação.

O êxito das ações do PROLER/UESB nos EL sinaliza para a viabilidade de políticas públicas voltadas para a promoção da leitura e da escrita, associadas às parcerias que são firmadas, com instituições governamentais ou não, a fim de se somar esforços para a ampliação da prática leitora no município. A participação efetiva das escolas e, principalmente, daqueles que a compõem, como diretores, corpo docente, funcionários, alunos e comunidade, são, seguramente, um diferencial para o sucesso declarado nos relatórios.

4.2 AS ENTREVISTAS: O ENCONTRO DE LEITURA SEGUNDO O CORPO DIRETIVO DAS ESCOLAS

Nesta seção foram apresentadas e discutidas as respostas dadas às questões abordadas nas entrevistas feitas às gestoras dos colégios municipais Euclides da Cunha, no distrito de São Sebastião; Moisés Meira, no distrito de José Gonçalves e José Rodrigues do Prado, no Pradoso, que sediaram os Encontros de Leitura na zona rural de Vitória da Conquista - BA nos anos de 2010, 2011 e 2012, respectivamente. Seguiu-se um pequeno roteiro de entrevista semiestruturada, cujo objetivo era manter um mesmo conjunto de questões formuladas às três diretoras dos referidos colégios, para apreender as diversas opiniões, graus de envolvimento e avaliação das atividades planejadas e executadas nos diferentes eventos promovido pelo

PROLER nos distritos rurais acima citados. As entrevistas foram feitas, individualmente, a cada uma das participantes em horários e locais previamente agendados com as mesmas.

As perguntas feitas nas entrevistas envolveram a organização do evento, a participação da escola, as lembranças do evento, a importância de políticas públicas de incentivo à leitura, o papel da escola como promotora da leitura, a contribuição da leitura na visão de mundo, as atividades de leitura desenvolvidas pela escola e em sala de aula, a contribuição do evento na prática docente e sua contribuição para a promoção da leitura para a comunidade escolar e seu entorno. Essas perguntas serviram como um direcionador de ideias apenas, um eixo para que e as entrevistadas, que ficaram livres para discorrerem como lhes aprouvessem, tivessem “um gancho” para desenvolver suas memórias do evento. A primeira pergunta feita a elas foi sempre sobre suas memórias do Encontro e, a partir das respostas, fluía a conversa.

O Colégio Municipal Euclides da Cunha foi o primeiro da zona rural a receber um EL. No início da entrevista, ao ser questionada sobre sua memória sobre o EL, a diretora Najla Rúbia Salles primeiro rememora a sua história no Programa:

Primeiro eu quero resgatar a memória que eu tenho do PROLER. Eu sou participante do PROLER desde o PROLER Zero, na primeira etapa, quando eu era professora lá da Escola Experimental da UESB e a professora Heleusa nos chamou para participar e aí a gente, eu me apaixonei e de lá pra cá, todo ano eu participo do PROLER. Antes eu participava como ouvinte, e do PROLER XX... do PROLER em São Sebastião em 2010, eu participei da coordenação, porque eu era diretora da escola, tanto da sede quanto de uma escola que a gente tem a 16 km de lá, onde todos os alunos participaram das atividades dos três dias de PROLER. Então assim, a gente pensa que ser diretora não é só participar da parte administrativa, mas também estar interferindo na parte pedagógica. E como a leitura é essencial, a gente conversou com a professora Heleusa para que ela pudesse fazer a primeira experiência do PROLER em uma escola rural e aí ela topou, a gente organizou [...] e foi uma maravilha (NAJLA, 2015).

A diretora Najla nos apresenta a sua trajetória dentro do PROLER, que começa quando ainda era professora de uma escola experimental e se estende até os dias atuais, desde que se apaixonou pelo mesmo, participando como ouvinte, até se tornar coordenadora quando o evento aconteceu na em sua escola. Fica evidente em sua fala tanto a importância que ela atribui à leitura na vida do educando, sendo esta essencial para a sua formação, quanto à visão pedagógica de que ser diretor vai além de trabalhar apenas na parte administrativa da escola. No decorrer da entrevista, o encantamento da diretora com o programa se evidencia nos seus depoimentos, na empolgação com que ela fala do mesmo e do quanto ele mudou sua percepção de leitura.

As diretoras Najla e Nélia, do Colégio Municipal José Rodrigues do Prado; e Adriana, do Moisés Meira, assim se recordam do evento:

Então assim, eu tenha a lembrança de que até hoje os meninos perguntam quando é que vai ter outro PROLER na escola. Hoje eu sou professora da escola e os meninos sempre perguntam [...] quando é que vai ter outro PROLER aqui na escola? Foi uma coisa que marcou a vida delas... [...] Foi muito bom, porque além deles, a comunidade participou, pais participaram, merendeiras participaram, e eles puderam compartilhar das experiências das leituras deles e ter acesso a outros tipos de leitura. (NAJLA, 2015)

[...] quando o PROLER, quando a nossa escola foi contemplada com o PROLER, nós tivemos assim, primeiro, a princípio o... uma forma de ver um projeto de leitura da forma global, geral, onde a gente podia estar norteando nosso trabalho aqui na escola. Então a lembrança que eu tenho, assim, é porque teve muita expectativa, nós tivemos uma mobilização muito grande, não só nessa escola, mas em todo círculo [escolar], na comunidade, porque envolveu também a comunidade de pais, entre outros, né, foi muito bonito, um projeto com abertura, tudo... Então assim, eu tenho lembrança de que realmente aconteceu, de fato, o projeto dentro da escola, deixando aqui sua sementinha, como era a proposta deles, né, e totalmente voltado para leitura e para escrita. (NÉLIA, 2015)

Enfim, foi um evento que envolveu toda a escola e comunidade, muito gratificante e também assim foi um marco para a escola e para a comunidade porque foi um projeto diferenciado, onde envolveu pessoas também de outros estados, porque quem... as pessoas que estavam à frente das oficinas eram pessoas de outros estados, os convidados e foi assim muito gratificante. (ADRIANA, 2015)

Na lembrança das diretoras, o EL aparece como um evento positivo, que gerou muita expectativa e satisfação, não só pela oportunidade de vivenciar naqueles três dias um evento do porte dos EL acontecendo na escola, mas por participar também da organização do mesmo, juntamente com a comunidade escolar de um modo geral, os pais, a comunidade. Conhecer de perto um projeto como o EL era uma grande oportunidade de aprendizado significativo que poderia ser utilizado para nortear o trabalho da própria escola, posteriormente, bem como para ampliar as estratégias de leitura e de escrita com sua “sementinha”.

Quem já teve a oportunidade de trabalhar em escolas da zona rural sabe como a comunidade dessas localidades é participativa e prestativa nos eventos escolares. Festas do Dia das Mães, Dia dos Pais, Do Professor, de São João são certeza de pátios cheios, pois a escola é para eles, como deve ser, "uma casa da comunidade" (FREIRE, 1993, p.18), afinal, ela é parte integrante desta. Essa relação é fundamental para a educação, pois nessa parceria constrói-se uma formação ampliada dos alunos, porque pais que estejam sempre em contato com professores e direção, promovem as pontes para a educação que se pretende construir.

Na fala das três diretoras é recorrente a presença da comunidade extra escolar na participação dos eventos promovidos pela escola. E esta participação é sempre muito bem vista, desejada e elogiada por elas, o que sinaliza para a preocupação de se fazer uma escola democrática, parceira da comunidade, em que os pais e moradores sejam atuantes e bem vindos.

Citando Freire (1993, p.89):

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo, o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate.

Esse posicionamento sinaliza a consciência das gestoras quanto à importância dessa relação de troca entre comunidade e escola, na construção “das relações entre os indivíduos sociais” (MORIN, 2000), no crescimento contínuo na tarefa de ser, de fato, humano.

Quanto à participação da escola no evento, as diretoras Najla, Adriana e Nélia assim rememoraram:

A gente começou desde uns três meses antes na organização, quais as oficinas que seriam aptas para a realidade lá, da zona rural, que tipo de oficina que a gente poderia estar desenvolvendo, como é que a gente iria estar chamando, quem seriam os cursistas dessas oficinas, quem seriam os palestrantes dessas oficinas. E depois dessa parte toda organizada com a professora Heleusa e a coordenadora do PROLER, lá da UESB, a gente foi pra parte prática mesmo, de como é que seria, onde seriam as oficinas, porque a gente tinha uma escola pequena, não é a escola que é hoje uma escola ampla, a uma escola pequena, com poucas salas. (NÁJLA, 2015)

A professora Heleusa, juntamente com a sua equipe, nos convidou. [...] E aí assim foram dias em que a gente estava preparando o material, tivemos várias reuniões juntos, pra gente entender como é que iria funcionar. Enfim, foi um evento que envolveu toda a escola e comunidade, muito gratificante e também assim foi um marco para a escola e para a comunidade, porque foi um projeto diferenciado, onde envolveu pessoas também de outros estados, porque quem... as pessoas que estavam à frente das oficinas eram pessoas de outros estados... os convidados... e foi assim muito gratificante. (ADRIANA, 2015)

Nós mobilizamos tanto os professores quanto o corpo de funcionários da escola, principalmente coordenação, diretamente com professor e aluno [...] Alguns professores, inclusive, participaram das oficinas, dos encontros com a coordenação do PROLER, colocando a questão do seu trabalho pedagógico, todos os professores, não só da área de humanas, procuraram fazer seu trabalho de forma interdisciplinar, fazendo um paralelo da leitura e da escritas nas outras disciplinas.[...] Envolveu todo mundo, a coordenação, os professores, os alunos, foi um projeto bem legal, bem bacana, onde a gente via a leitura como uma forma prazerosa de fazer. Muitos alunos perceberam, pude perceber a partir daí também, que a gente não faz a leitura só pela cobrança, no fazer de um professor e de outro. Existe a leitura pelo fato de ser uma ação prazerosa. (NÉLIA, 2015)

Nota-se que, de acordo com as recordações das diretoras, as atividades que antecedem as intervenções nas comunidades são planejadas pelo grupo escolar, ou parte significativa deste, com antecedência, e isso demonstra uma preocupação com a escolha dos temas das oficinas, com os palestrantes, levando em consideração aspectos relevantes, buscando aproximações com o local e com as práticas, fazeres e modos de vida das comunidades locais. Para seguir este princípio, indaga-se quais as oficinas são propícias de serem realizadas na

zona rural, elegendo aquelas que fossem mais significativas, partindo assim da realidade local, planejando atividades que fossem atrativas e prazerosas para que os mesmos se envolvessem e fossem seduzidos por elas. O envolvimento de todos contribuiu para o êxito do projeto, uma vez que os envolvidos se sentiram gratificados com o resultado do mesmo.

As entrevistadas se referem ao processo de organização do evento de forma bastante parecida, embora a participação de cada escola e comunidade forneça as particularidades específicas de cada um deles, o que os torna eventos únicos.

De maneira geral, referem-se ao Encontro como um marco para a escola e para a comunidade em seu entorno, enfatizando a importância da participação das famílias e da comunidade nas atividades desenvolvidas pela escola. A participação dos pais no convívio escolar está prescrita no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), no Parágrafo Único do Capítulo IV: “é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais” e ela acontecer nas escolas estudadas pode ser considerado um ponto extremamente positivo.

De acordo com as entrevistadas, os dirigentes das escolas, coordenadores pedagógicos, professores, participaram de reuniões com a coordenação local do PROLER/UESB para conhecerem a proposta dos Encontros de Leitura, prepararem em conjunto o evento e as atividades que aconteceram nos três dias.

Ficou evidente na fala das três diretoras que estar diretamente ligadas à construção do programa que aconteceria nas escolas, aproximou muito mais a proposta com a realidade das comunidades que receberiam o projeto. As ações coletivas proporcionaram maior envolvimento, troca de experiências e conhecimento, o que propiciou, de fato, a construção do conhecimento e a troca de saberes.

Ao responder sobre a contribuição do EL. para as práticas docentes na Escola Euclides da Cunha, a diretora Najla relata sobre uma das oficinas que tratou da História e cultura afro-brasileira preconizada pela lei 10.639:

Teve uma professora de História que fez uma oficina sobre cultura afro e eles [os alunos] depois adoraram, fizeram, no Dia da Consciência Negra, eles fizeram a apresentação dessa oficina, que ela deu continuidade na sala dela. Eles fizeram uma semana de atividades de cultura afro, que teve início no PROLER e culminou lá na semana de novembro. É, a gente teve também, que fez uma oficina sobre Baú de Leitura e com os meninos do Fundamental I. Aí depois eles, a secretaria tinha um incentivo, tinha um trabalho junto com o PETI, e lá tinha turmas do PETI, de que eles tinham um baú e os livros que eram mandados, tanto pelo Desenvolvimento Social, quanto pela Secretaria de Educação, eram guardados nesse baú. E aí as meninas fizeram, deram continuidade a esse trabalho em sala de aula. Isso fez com que o acesso aos livros da Sala de Leitura da escola aumentasse. (NAJLA, 2015)

De acordo com a referida diretora, a realização da “oficina sobre cultura afro” foi de enorme importância para os alunos e para a professora de História que a ministrou, após participar da oficina promovida no EL, pois aproveitou os conhecimentos adquiridos no mesmo para transportá-los para a sua sala de aula, oportunizando, assim, que outras pessoas pudessem ter acesso às informações que ali foram compartilhadas. A escola também deu continuidade às atividades do encontro, numa oficina sobre Baú de Leitura, o que gerou aquisição de novos doados tanto pelo Desenvolvimento Social quanto pela Secretaria de educação, oportunizando, assim, maior acesso aos livros da Sala de Leitura.

A essa mesma pergunta, a diretora Nélia nos responde de forma afirmativa, enfatizando que o PROLER “deu o seu recado”:

Sim! Com certeza, sem dúvida! [...]. O PROLER veio, ele realmente deu o seu recado, né, a proposta deles é realmente essa de passar e deixar por aqui a semente pra gente terminar fazendo e cultivando, como de fato a gente já tem uma Sala de Leitura, nós temos um trabalho onde o aluno, ele pega esses livros, eles locam, o professor faz um feedback com essa leitura em sala de aula e o projeto ele veio a somar essa questão da leitura que a gente já tem aqui na escola. (NÉLIA, 2015)

Complementando, acrescenta que

Atividades como essas eu penso que deveriam não só perpassar, né, pelas escolas, mas assim ter uma forma de voltar, inclusive, para dar um feedback de como foi todo o trabalho que foi feito, né, porque ele é importante na questão das nossas disciplinas para os nosso alunos. (NÉLIA, 2015)

Fica evidente no discurso acima, que a diretora Nélia não tem dúvidas de que o projeto contribuiu para a prática docente, gerando uma atividade da Sala de Leitura, que promove a locação de livros e, conseqüentemente a leitura.

Entretanto, a diretora expõe uma observação que faz ao programa, quando diz que gostaria que o mesmo desse “um retorno”, “um *feedback*” do que foi feito e alcançado com o evento, uma vez que envolveu toda a comunidade intra e extra escolar na projeção e execução do mesmo, propiciando momentos prazerosos de leitura, mas sem o comprometimento de dar um retorno do resultado das atividades realizadas para a escola que se mobilizou em recebê-lo.

A prática docente é uma poderosa ferramenta para o sucesso na construção do aprendizado. Na opinião das gestoras, atividades como as desenvolvidas nos EL contribuem para essa prática, estimulando a cooperação e participação coletiva, despertando para intervenções mais lúdicas, criativas, cujo aprendizado seja mais prazeroso e significativo.

Percebe-se nestes relatos que a participação dos professores nos Encontros pode servir, inclusive, para melhorar as práticas de sala de aula, e que algumas temáticas e/ou metodologias apresentadas nas oficinas foram utilizadas em alguma medida, posteriormente, nas salas de aulas.

Porém, mais frequentemente durante as conversas informais, houve registros de que o Encontro, por ser um evento que acontece uma única vez na escola, deixa uma “lacuna”, porque as ações, mesmo que consideradas excelentes e bem planejadas, “acontecem naqueles dias e acabou”. A falta de continuidade, segundo as entrevistadas, deixa a proposta inacabada e depois cada uma retorna para a rotina de sala de aula, seguindo o planejamento da escola.

Se por um lado, a diretora Nélia compreende que a proposta do Encontro é a de “lançar a semente” de incentivo constante à leitura; por outro, afirma que “foi um projeto muito bom, mas a gente precisa rever algumas questões” no sentido de que o PROLER devesse retornar aos colégios para divulgar os resultados alcançados.

Para Adriana, diretora do CEMM:

Seria importantíssimo que houvesse, pelo menos uma vez no ano, um projeto de grande porte como o PROLER. Eu acho que por ser assim, fazer uma vez esporadicamente e muitas vezes a escola que teve essa oportunidade dificilmente terá outra oportunidade, aí se torna um trabalho isolado. Então se entrasse no currículo das escolas um projeto como esse, de grande porte, né, porque a gente sabe que os gastos são grandes, há toda uma preparação, exige tempo, ne, pra estar assim planejando, mas seria de grande importância. (ADRIANA, 2015)

Como se pode depreender de suas observações, para a diretora, as ações desenvolvidas pelo programa são tão importantes que deveriam ser ações permanentes na escola, fazendo parte de seu currículo, semelhante a uma política pública que fosse incorporada à formação dos professores.

A diretora Najla lamenta “que o PROLER só possa existir uma vez no ano”, porque acredita que se o mesmo acontecesse mais vezes e em mais escolas, “a gente teria, hoje, mais leitores nas escolas.” Segundo a diretora, o que precisava era que “tivesse mais incentivo tanto dos governos municipais, estaduais e federais pra que programas de leitura como esses pudessem ter nas comunidades que mais precisam”, pois seria importante que essas comunidades também conhecessem uma outra forma de leitura.

Nota-se, portanto, nas falas das diretoras, que essa “lacuna” à qual se referem, de certo é muito maior que aquela que poderia ser preenchidas nos três dias dos EL. A situação de falta de hábito de leitura do país é tão séria, que ações dessa natureza são muito importantes e bem vindas, porém, insuficientes para dar conta de sanar esse problema. Dados do INAF (2011) e os da pesquisa “Retratos de Leitura no Brasil 3” (2012) mostram que o índice de leitores vem caindo a cada ano, apesar dos índices de alunos matriculados nas escolas terem aumentado.

Em busca desse “alvo”, estratégias de leitura são desenvolvidas e efetivadas no cotidiano das salas de aula, mediadas sob os esforços dos professores e funcionários da

escola, a fim de se alcançar esses leitores e de se buscar caminhos para atrair a sua atenção. Como se trabalha leitura nas escolas estudadas?

A gente sempre trabalha aqui com projetos de leitura, tem também a questão da sala de leitura que já é um suporte que a escola tem pra poder dar. Eu sei que na época que a gente estava na direção existia um trabalho da Sala de leitura nas salas, as meninas faziam apresentações de contos e tudo nas salas, justamente para estimular os meninos a visitarem a Sala de Leitura, a locarem livros. (ADRIANA, 2015)

Independente do PROLER, nós já temos aqui um Espaço de Leitura, embora seja pequeno, é, nós já temos esse incentivo, o aluno tem a oportunidade de, sem custo nenhum, fazer sua carteirinha nesse ambiente, ele loca os livros, e diga-se de passagem, a gente tem uma coletânea muito rica aqui na escola. É claro, existem os alunos que poucos leem, que não gostam, mas nós temos um número consideravelmente bom aqui na escola, onde esse trabalho é feito tanto nessa Sala de Leitura como o trabalho também do professor em sala. (NÉLIA, 2015)

Observa-se nas falas das diretoras que além dos projetos de leitura que já acontecem na escola, sob orientação dos professores, existe uma parceria muito significativa com as professoras da Sala de Leitura, que sempre incentivaram a leitura com projetos, como a apresentações de contos, objetivando estimular os alunos a visitarem a Sala e a locarem livros.

No Colégio Municipal José Rodrigues do Prado, de acordo a diretora Nélia, há um trabalho “que é voltado para a leitura e a escrita, a todo momento, desde a área de Exatas, (...) até a área de Humanas”. No dia da entrevista com a referida diretora, estava acontecendo no colégio um projeto de leitura denominado ExpoArt, em que os alunos, através da arte, podem expressar suas “habilidades e competências”. Além desse, ela nos fala de outro projeto, do qual ela também participava:

Existe uma outra prática também que a gente faz aqui, inclusive eu estou na área de linguagem e de língua portuguesa, começando agora com os meninos dos anos iniciais, que a gente faz fichas de leitura, são umas fichas bem bacanas, bem legais, onde eles podem estar colocando desde o livro, a editora, o autor, né, não só lendo o texto em si, mas conhecendo o livro, vendo o que é capa, o que é contra capa, o que é edição, se tem edição renovada, se não tem... Então, essas fichas de leitura paralelamente com a Sala de Leitura, há uma premiação, que todo final de semestre ou de ano os alunos mais leitores, por contas dessas fichas também locam os livros, também tem esse controle, eles são premiados aqui no auditório com medalhas, com trofeizinhos(*sic*), a gente leva ao shopping... São premiações bobas até, que a gente encontra, mas que pra eles tem um significado muito grande, que na verdade nosso objetivo não é só premiar, é mostrar pra ele esse lado da leitura sem que ele perceba e onde ele acaba, depois fazendo a leitura realmente de forma prazerosa. (NÉLIA, 2015)

A prática pedagógica dos projetos faz parte dos PPI das escolas estudadas e do cotidiano das mesmas, sendo desenvolvida pelos professores em suas aulas ou pelas professoras das Salas de Leitura, o que reafirma que a ação consciente e constante de se fazer da leitura um tema presente nas práticas é uma prática usual nas referidas escolas, mesmo

antes da chegada do PROLER. As Salas de Leitura e as bibliotecas são parceiras fundamentais nesse processo.

As três escolas estudadas possuem uma Sala de Leitura. Embora sejam pequenas, as dos colégios Euclides da Cunha e José Rodrigues do Prado são muito aconchegantes e organizadas. Em uma das visitas ao Colégio Municipal José Rodrigues do Prado, a Sala permaneceu lotada de alunos ora devolvendo, ora locando livros, sempre mais de um, e só se esvaziou quando tocou o sinal, anunciando o término do intervalo do “recreio.” A professora responsável pela Sala, gentil e muito atenciosa, foi muito prestativa, tanto com os alunos, quanto ao desenvolver desta pesquisa, falando do mundo da leitura e de sua importância com paixão, o que ficou evidente naquelas horas de observação.

Segundo informações do site da Prefeitura Municipal, noventa agentes atuam nesses espaços e participam constantemente de atividades de formação que ocorrem durante o ano.

Projeto Sala de Leitura – foi criado com o objetivo de tornar lúdico os espaços de leitura e assim proporcionar aos alunos e à comunidade escolar a possibilidade de se encantar com o mundo da literatura. Algumas das atividades desenvolvidas nos espaços são: empréstimo de livros, contação de histórias, projetos envolvendo a leitura, gincana literária, recreio literário, mala itinerante de leitura, atividades lúdicas em sala e no pátio envolvendo alunos desde a pré-escola ao 9º ano e os alunos da EJA.¹³

Curioso é o fato de que, apesar de a leitura ser tão importante para a formação do indivíduo, os professores que vão para as Salas de Leitura são aqueles que estão de laudo médico e que não podem, portanto, exercer as funções da sala de aula, segundo informações dos professores, e para que não ocorra a retirada de incentivos, como de Atividades Complementares e Regência de Classe, são lotados nessas Salas. O labor de uma atuação efetiva na promoção da leitura seria menos extenuante que o da sala de aula? Não exige preparo e desgaste, tanto físico quanto mental, tampouco formação específica, mais preparada? Ou o critério para se atuar numa Sala de leitura é estar doente?

De certo que se observar com maior atenção essas Salas, pensando na preparação e na eficiência dos professores que nelas atuam, seria uma estratégia para que se melhorassem os índices de leitura nas escolas, afinal, apenas as Salas ou bibliotecas não são, como já ficou provado, suficientes para que se criem bons leitores.

Uma política pública de leitura que responda às demandas sociais não se limita à instalação de salas, à composição de acervos e à oferta de um conjunto de escritos em determinadas linguagens. Essa política deve também envolver a formação continuada de leitores capazes de atuar como agentes de leitura, prestando apoio pedagógico

¹³ Disponível em : < <http://www.pmvc.ba.gov.br> > Acesso em 06 de Agosto de 20015.

eficiente aos usuários e colaborando diretamente em projetos voltados à difusão de técnicas e habilidades específicas de leitura e escrita. (PROLER, 2010, p. 10)

Diante de situações delicadas como essa, as questões associadas ao professor são, também, indispensáveis de serem estudadas e entendidas como parte fundamental no processo educacional, uma vez que estes atuam diretamente como os principais agentes para a promoção da leitura na escola e a sua postura será determinante no encantamento pelo mundo da leitura. O professor ainda é, e a pesquisa Retratos de Leitura (2008) ratifica isso, quem mais estimula o hábito da leitura.

A prática educacional inclusiva, que parta da realidade do aluno e que a ela se volte, resulta em identificação e, conseqüentemente, aproximação do aluno com a escola. Nesse sentido, nas ações do PROLER essa abordagem esteve presente nas atividades, como relembram as diretoras:

Como eu te falei, primeiro a questão da valorização do local, né, a gente sabe que na zona rural existe essa ideia de que o melhor é lá fora e não aqui, né, e às vezes o menino ele cria, ele cresce nessa expectativa, de crescer aqui pra sair. E esse projeto sendo realizado na escola, que o menino está em fase de desenvolvimento e tal, vai inserindo na mente dele a riqueza do local onde ele mora, e que ele pode se aperfeiçoar lá fora, mas o ideal é ele trazer aquilo que ele aprendeu, pra melhorar ainda a localidade que ele mora (ADRIANA, 2015)

Adriana enfatiza a importância de se conscientizar os alunos da importância do lugar em que se vive, de suas raízes culturais, valorizando as práticas de cada localidade e de se desenvolver a consciência de que se pode crescer mesmo na sua própria localidade, sem precisar sair de lá, e que o aprendizado pode ser um meio de se transformar o lugar em que mora. A realização no projeto na escola, por sua metodologia, contribui para o desenvolvimento dessa consciência.

Os alunos de zona rural já sofrem um estigma de que o lugar em que moram é ruim, não é desenvolvido, que são atrasados e coisas assim. No entanto, é preciso se estimular esses alunos a tomarem consciência da real importância das coisas, da valorização do lugar em que vivem, da cultura e das práticas comuns a cada localidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) determina, no artigo 26, que:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

Ou seja, além da base comum no currículo, em caráter nacional, este deve ser ampliado, complementados com a história regional de cada lugar.

E é imprescindível que a escola esteja atenta a esse contexto, a fim de desenvolver uma relação da escola com a comunidade que possa respeitar a realidade e diversidade em seu entorno.

Como aconteceu numa das ações mais comentadas dos EL, que é a exposição fotográfica realizada na abertura dos eventos, em que a professora Heleusa, coordenadora do PROLER/UESB e membros de sua equipe visitam as localidades para colher informações sobre as pessoas, o lugar, as atividades que são desenvolvidas, as personalidades e “causos” da região, fazendo-se os registros escritos e imagéticos, para que, depois, sejam transformados em textos que serão expostos durante o evento. As fotografias da região são espalhadas pela escola, pelo pátio, organizadas numa exposição do lugar, contemplando a diversidade cultural dos distritos/ povoados e é momento de muita satisfação e euforia entre a comunidade local e escolar, que se vê ali representada, em seus espaços e afazeres cotidianos. O lugar, mais que um espaço geográfico, está repleto de significação, está envolto pela áurea da afetividade, da identificação e de pertencimento.

Em suas lembranças do Encontro, essa atividade se destaca para as diretoras entrevistadas como a valorização da cultura local.

E no dia quando começou o PROLER, na arrumação da escola, a gente fez, ela fez [*a professora Heleusa*] lá no pátio, ela pegou essas fotos e revelou umas em preto e branco, a maioria, e aí a gente colocou essa exposição de fotos numa sala que era só exposição de fotos da comunidade. E a reação que os moradores faziam da leitura daquelas fotos era incrível! [...] Então isso é forma também de leitura. A comunidade se viu ali representada, foi uma das formas de se estar ali participando, porque ela se via valorizava e isso foi feito em todos os PROLERs, tem sido feito.

Eu lembro que [...] a mesma reação eu vi lá no Pradoso, das pessoas comentando ‘olha lá, aquela casa ali é a casa de dona fulana!’ Então eles têm o prazer de ver o que é deles sendo valorizado e isso acaba também se transformando em leitura quando eles comentam, eles falam, contam quem morava ali, como é que é. (NAJLA, 2015)

Na lembrança de Adriana:

Eu me recordo assim que houve um levantamento muito rico na questão da comunidade, a cultura local foi muito valorizada, foi muito valorizada a cultura local...é... houve um levantamento de material riquíssimo, de fotos das localidades envolvidas, porque o distrito de José Gonçalves é o maior distrito de Vitória da Conquista e aqui nós temos várias regiões vizinhas que também participaram...Então a gente trouxe pra cá fotografias desse local, a cultura do pessoal local, porque a proposta do pessoal do PROLER foi justamente isso, mostrar a riqueza da região, entendeu, e ampliar essa visão de que o melhor não é o que está lá fora, e sim o que está dentro da própria região, foi bem gratificante isso aí também.” (ADRIANA, 2015)

A importância da valorização do local, das raízes culturais é marcante nos registros das atividades dos EL. Desde a abertura do evento, com o momento cultural “Artes da Terra”, quando alunos e artistas locais se apresentam no pátio da escola, até a leitura que é feita dessa exposição fotográfica, aos organizadores, coordenadores do evento que se reúnem para escolher o tema adequado de cada oficina, percebemos que o tema cultura é recorrente nas estratégias desenvolvidas.

Segundo Hall (1997), o indivíduo não é mais um só, ele passeia por várias identidades que ora se atraem, ou se repelem, mas o formam uno. Assim, ao mesmo tempo em que um aluno é alguém que pertence a uma escola, ele também pertence a um bairro, a certa rua, mora naquela casa, é daquela família, enfim, as identidades de juntam na formação daquele que está ali, lendo aquela foto. A comunidade se diverte e se emociona em ver suas casas, seus quintais, os jardins expostos no pátio da escola, num dia em que acontece um evento tão diferenciado. Valorizar a cultura local é propiciar a participação e inclusão de saberes e discursos, falas e promover a discussão em ambientes diversos, estimulando construção da cidadania. Não se pode conceber uma experiência pedagógica em que a referência cultural não esteja presente.

Os relatos fornecidos corroboram com os resultados apresentados pelos Relatórios no que diz respeito à qualidade e significação do evento do PROLER para a promoção da leitura e da escrita na comunidade escolar, bem como registram as lembranças das partícipes como algo positivo, prazeroso e de estimada relevância para o fomento da prática leitora, registrada por elas como de fundamental importância para o pleno exercício da cidadania e formação dos seus alunos. No cerne de suas memórias, a marca positiva do evento se fixa como uma importante política pública que desejam que fosse frequente, que ações dessa natureza fossem continuadas e não uma atividade eventual e isolada.

Numa das falas de Nélia, no entanto, ela enfatiza que já existem políticas públicas suficientes, além das políticas para a promoção da leitura, como o PDE, PDDE, o Escola Mais, o Mais Educação, mas que estas precisam de suporte e não apenas serem criadas e lançadas nas escolas. É preciso que essas ações efetivamente aconteçam “no chão da escola” e da forma como estão prescritas nos documentos que as criam

Nós temos as políticas públicas, nós temos as leis, nós temos os parâmetros, tudo... Nós temos, inclusive, os recursos, mas eles não são colocados, direcionados e aplicados da forma como deveria, existe(sic) lacunas nessas políticas públicas desde as formas do recursos quando vem, né, até a forma de aquisição de materiais para a aplicação desses. (NÉLIA, 2015)

Evidencia-se na fala da diretora o distanciamento entre a teoria e a prática quando o assunto é políticas públicas para a educação e a prevalência das questões burocráticas, que são um entrave para o bom funcionamento das alternativas propostas. Como diz a diretora, propostas já existem o suficiente, o que é preciso é que as ações que nelas são apresentadas sejam fielmente cumpridas, sem os entraves burocráticos tão comuns às questões de ordem pública no que diz respeito à educação.

4.3 – OS QUESTIONÁRIOS: OS ENCONTROS DE LEITURA NAS LEMBRANÇAS DOS PROFESSORES

Como formadores de opinião e responsáveis diretos pelo incentivo à leitura na escola, os professores são peça fundamental na relação de construção de caminhos para que se alcance um número cada vez maior de leitores ativos e conscientes. A compreensão destes sobre o processo educacional e, como se objetivou nesse estudo, das estratégias para a promoção da leitura é uma possibilidade de análise das políticas que vem sendo desenvolvidas, a fim de se conhecer sua efetividade sob outra perspectiva. Com os questionários aplicados aos professores pretendeu-se observar em que medida a participação destes nos Encontros contribuiu para a promoção da leitura, além de se perceber como as ações desenvolvidas nesse projeto foram recebidas por estes sujeitos. O questionário aplicado é composto por dez perguntas relacionadas a questões sobre a leitura e lembranças dos EL do qual esses professores participaram.

Todos os depoimentos foram cuidadosamente lidos e analisados, porém, devido ao número e em decorrência da semelhança em muitas respostas, a fim de se evitar repetições desnecessárias, elas não serão todas transcritas, a não ser algumas que são representativas da categoria. Os nomes dos professores-sujeitos da pesquisa foram mantidos, uma vez que não se incomodaram que os mesmos fossem divulgados.

A primeira pergunta versava sobre a escolha da oficina da qual os professores haviam participado.

Só estive no colégio nos dois primeiros dias do evento, porque trabalhava em outra escola, por isso fiquei mais dando um suporte nas oficinas de modo geral, se precisavam de alguma coisa. (ALEXSANDRA, 2015)

Para estimular a leitura e mostrar para a comunidade escolar que a sala de leitura não é um depósito de livro, mas um ambiente transformador e que através dos livros literários as crianças despertem o espírito criador e sonhador. (MARLENE, 2015)

Porque achei interessante. (MIRALICE, 2015).

Porque gosto de cordéis, me diverte. (MARGARET, 2015)

Porque gosto e porque aproveitei a oportunidade para aprender e levar a ideia para a sala de aula. (TÂNIA, 2015)

Não foi uma escolha. A organização dos monitores para auxiliar os oficineiros foi feita pela Direção da escola. (NEUMA, 2015)

Porque a temática proporcionou em mim expectativa com respeito ao lado pessoal e profissional. (CRISTIANE, 2015)

Escolhi participar desta oficina por já estar trabalhando o tema com os alunos do 7º ano. Além disso, trabalhar poemas é sempre prazeroso. (ROSE, 2015)

Por saber que criança gosta muito desse assunto e também por trabalhar no Espaço de Leitura. (ADALGISA, 2015)

Pelos depoimentos apresentados, observa-se que nem toda participação dos professores nas oficinas foi exatamente uma escolha. Como os professores podem participar como monitores das oficinas, o que não é uma obrigação, alguns o fizeram, porém não escolheram a oficina a qual pudessem assistir, sendo esta determinada pela direção da escola, como declarou a professora Neuma. Outros professores escolheram a sua oficina por afinidade, “por gostar” do tema ou por expectativas de poder trabalhá-lo em sala de aula com os seus alunos. Infere-se que nem todos os professores participaram integralmente das oficinas, pois, de acordo com a fala da professora Alexsandra, entende-se que possivelmente outros professores também estiveram na mesma condição que ela, a de trabalharem em outros locais nos dias em que aconteceram as oficinas nas escolas, e por isso não puderam participar do Encontro na íntegra.

No depoimento de Marlene, que trabalha na Sala de Leitura, evidencia-se a consciência da professora de que aquele lugar é muito significativo e bem mais que um simples “depósito de livros”, pois a literatura pode despertar, segundo ela, o espírito criador e sonhador dos leitores, sendo assim um ambiente transformador. Essa postura é muito significativa, pois sabe-se que apenas a presença da biblioteca ou dos livros não é suficiente para que a leitura aconteça. É necessária a presença atuante do profissional que a estimule, divulgue e incentive, buscando estratégias que a torne uma atividade prazerosa.

Nesse contexto, quanto à realização das oficinas, os professores acentuam essa habilidade:

Usando materiais colhidos na natureza: folhas, flores, plantas, etc (MIRALICE, 2015)

Foi realizada com bastante dinamismo. Com o foco na temática, houve atenção e participação ativa dos envolvidos por se tratar de coisas da realidade do meio em que vive, incluindo a valorização da linguagem popular, bem como o dialeto da

região. Foi trabalhada músicas, histórias e dramatizações. A ministrante da oficina demonstrou muita habilidade e competência, o que contribuiu para a permanência e assiduidade durante o evento. (CRISTIANE, 2015)

Atuei como monitora, auxiliando a pessoa que administrou a oficina. Confeccionamos livros de cordéis, que foram apresentados no momento da culminância, ela relatou como surgiu o cordel, fez a abordagem histórica. (MARGARET, 2015)

Atividades com histórias variadas, encenações, dinâmicas de grupo, despertando interesses e habilidades, aprimorando no ato de contar histórias. (SUZANA, 2015)

Iniciamos trabalhando com as características do poema, em seguida apresentamos alguns livretos de cordel para que todos pudessem apreciar. O trabalho foi finalizado com a produção de cordel por localidade. Cada um deveria falar sobre a localidade onde mora. (ROSE, 2015)

Observa-se que todas as oficinas foram desenvolvidas de forma dinâmica e envolvente, na abordagem do tema, nos materiais utilizados, o que se torna um facilitador para a aprendizagem que, de forma descontraída e lúdica, vai acontecendo de maneira natural e agradável.

Osicineiros convidados pelo PROLER, por sua experiência, compreendem a assertiva de que, nas salas de aula, como já disse Drummond, “brincar não é perder tempo, é ganhá-lo”, porque a ludicidade é uma parceira que de forma dinâmica, interessante e criativa, torna o ambiente escolar mais agradável e o aprendizado, consequentemente, mais eficaz. Ao prepararem suas oficinas, de certo que estiveram atentos a isso, pois a criatividade da metodologia das atividades realizadas nas oficinas como a confecção de livros, apresentação oral dramatizada, dinâmicas de grupo, contação de histórias, ficou evidente nos relatos dos professores, ao falarem sobre as atividades de que mais gostaram nas oficinas:

A criação de um livro de história ilustrada, porque identificamos a leitura como algo bom e prazeroso, onde as pessoas usam o seu espírito criador, sonhador e imaginário. (MARLENE, 2015)

Gostei de tudo, mas o que mais me chamou a atenção foi a confecção de cartão com materiais colhidos na natureza e os livros de história produzidos com gravuras. (MIRALICE, 2015)

Dos Jogos. Porque os alunos tiveram oportunidade de aprender muitos conceitos de maneira lúdica e descontraída. As atividades de Matemática incluem situações nas quais os alunos devem aprender a manipular objetos, contar, ordenar em sequência, classificar objetos, desenvolver a memória e resolver operações matemáticas etc. (NEUMA, 2015)

De uma atividade cantada, seguida de uma reflexão: “o melhor lugar do mundo é o lugar onde eu vivo, porque é o meu lugar.” Me ajudou a valorizar ainda mais aquilo que me pertence, ou o que é acessível, e até mesmo as coisas mais simples e reais que se tornam importantes para uma boa vivência no cotidiano. (CRISTIANE, 2015)

Dramatização de histórias, porque gosto de dramatizar. (SUZANA, 2015)

Da apresentação dos cordéis pelos alunos e da confecção das capas que ficaram muito bonitas e coerentes com o tema. As capas foram confeccionadas com a ajuda da professora e Artes, que utilizou a técnica da xilogravura. (ROSE, 2015)

Entre algumas, as que precisavam usar onomatopeias, porque acho muito legal as diversas formas de onomatopeias e como utilizá-las. (ADALGISA, 2015)

A diferença entre poema e poesia, por despertar a capacidade crítica e de sentimento de que a poesia está presente no poema e também por oportunizar o estudo de valores, muitas vezes não manifestados no inconsciente dos alunos. (MARTA, 2015)

Jogos, dramatizações, criação de textos em novos formatos foram atividades citadas como marcantes na realização das oficinas. E elas podem, seguramente, ser transportadas para as salas de aula e provocarem nos alunos a mesma satisfação que trouxe aos professores.

A palavra “lúdico” vem do latim *ludus* e significa jogo, exercício, drama. Transportando essa ideia para as atividades educativas, não se trata somente da diversão, mas de uma brincadeira pensada, preparada para se alcançar um fim. Em sala de aula, essa brincadeira pode ser bastante útil, pois agrega e aproxima o aprendente dos conteúdos, de uma maneira agradável e divertida.

Qual era, então, a lembrança que os professores tinham do EL? Como esse Encontro passou por suas vidas e lembranças? Nas respostas dadas nota-se que o Encontro deixou marcas muito positivas.

Lembrando que a leitura não deve ser encarada como um processo estanque e temporário. Deve ser constante e fazer parte do cotidiano. Desenvolver o hábito. Fazer o aluno perceber que a nossa vida é permeada de leitura. Uma imagem é leitura. O sinal de trânsito é leitura. A roupa que vestimos é leitura, e que nosso entendimento advém de todo conhecimento que possuímos. O Encontro de leitura foi agradável, encantador, envolvente e produtivo, deveria ter dado continuidade no ano seguinte. (JULIANA, 2015)

Foi um encontro maravilhoso, muito enriquecedor tanto para o aluno como para o professor. Acho que toda escola deveria passar pela experiência de ter por perto pessoas preocupadas com a leitura e o incentivo à mesma (ADALGISA, 2015)

Foi um momento bastante proveitoso não apenas para a escola como também para a comunidade. Pois a professora Heleusa Câmara fez um “tour” por José Gonçalves, onde entrevistou alguns moradores, tirou fotos... ressaltando a importância da escuta com essas pessoas, instrumento que amplia as experiências culturais locais, além de permitir a compreensão de mundo, resgate da memória através de causos, cantigas de roda, reisado. (NEUMA, 2015)

A memória de um esforço muito grande de cada profissional da área, buscando sanar grandes dificuldades que os alunos trazem de anos anteriores e que chegam ao fundamental II com profundas defasagens. (MARTA, 2015)

Lembro-me de cada etapa, principalmente da culminância, onde toda a comunidade participou. A escola estava muito bem arrumada e o cartão de visitas foi a entrada, com vários livros. Isso marcou muito, principalmente para mim, que participei dessa

oficina, foi gratificante chegar e ver os livretos produzidos pelos alunos recepcionando os visitantes. (ROSE, 2015)

Uma representação vivida de atuações significativas em relação a cultura local. Por exemplo, minha participação juntamente com a colega Suzana dos Santos e dois violeiros, alunos da escola, com trajes típicos, expressamos em forma de cordel, em canção, a história de José Gonçalves, que ficou marcado em minha memória e acredito eu que em muitas outras também (CRISTIANE, 2015)

A memória do evento está associada a uma atividade muito prazerosa e proveitosa e fixou-se em cada participante de maneira especial. É interessante observarmos que em cada lembrança existe a marca de uma das propostas do PROLER: a professora Juliana chama a atenção para a ampliação do conceito de leitura, que é muito mais que ler a palavra, porque “a nossa vida é permeada de leitura”. Nas falas de Neuma e Cristiane, a marca da cultura local é registrada através das fotografias das comunidades, da literatura de cordel cantada na história do distrito de José Gonçalves. Essas são algumas das principais estratégias apresentadas no projeto dos EL, relacionadas às metas do PROLER.

As relações no mundo moderno estão centradas no universo da leitura e ampliar esse repertório possibilita relacionar-se com mundo, interagir e aprender. Ao responderem à pergunta “Como a leitura contribui para sua visão de mundo?”, as professoras registraram que:

A leitura é a base de todo conhecimento formal. Quem lê amplia a visão de mundo, abre novos horizontes, proporciona momentos de deleite e prazer, além de adquirir informações cada vez mais atualizadas acerca do mundo. (ROSE, 2015)

A professora Rose atribui à leitura a capacidade de formar e informar, além de “abrir novos horizontes” tanto para o conhecimento formal, quanto para a leitura de fruição, caracterizando a leitura como suporte para tal.

A leitura abre portas para que eu entenda o mundo que nos rodeia. Vivemos numa era em que para nos inserir no mundo profissional devemos portar de boa formação e informação, pois a leitura tem a capacidade de influenciar nosso modo de agir, pensar e falar. (MARLENE, 2015)

Através da leitura, podemos acompanhar o que acontece no mundo, também compreender o que já aconteceu, fazer nossas leituras e releituras para aprender, adquirir novos conhecimentos e assim formar nosso ponto de vista sobre os acontecimentos. (ALEXSANDRA, 2015)

Ler é, segundo as professoras entrevistadas, relacionar-se com o mundo, adquirir e ampliar conhecimentos, partilhar ideias, sentimentos. É recurso indispensável para se relacionar e compreender a vida, para descobrir e “ler o mundo”:

Ler é descobrir novos mundos. Ampliar de forma crítica, o pensamento e inferências a cada texto/livro lido. Descobrir a magia das palavras nas pequenas coisas do dia a dia. (NEUMA, 2015)

Percebo que quanto mais eu leio, mais ampla se torna a minha visão de mundo, abrindo um leque para muitas coisas, e me proporciona uma bagagem para um melhor discernimento do que é positivo e negativo na vida. (CRISTIANE, 2015)

A leitura contribui, de uma forma geral, em tudo, para o conhecimento, informação, desenvolvimento, cultural, trabalho, lazer etc. (MIRALICE, 2015)

Para o conhecimento e discernimento de informações no geral independente de informações verbal ou não verbais, ou de qualquer forma de escrita. (TÂNIA, 2015)

As professoras entrevistadas demonstram uma visão ampliada de leitura, para além do texto escrito, e atribuem a ela tanto a capacidade de ser suporte para ampliação do conhecimento, de relação com o mundo, de descobertas, de formação e desenvolvimento do senso crítico quanto a ser fonte de prazer e fruição.

Contribui de forma grandiosa, tornando o sujeito mais criativo, crítico e até leitor das situações desse mundo. (ADALGISA, 2015)

Todas as modalidades de leitura (verbal e não verbal) trazem fortes contribuições de visão de mundo, pois a leitura amplia conhecimentos, transforma atitudes, favorece a consciência crítica, além de possibilitar viagens reais e imaginárias. (MARTA, 2015)

Consideramos a visão de leitura apresentada pelas professoras um ponto muito positivo, afinal, um professor leitor, cuja concepção de leitura seja ampla e crítica, consciente de sua importância e capacidade, é um estimulador por excelência, visto que o exemplo convence mais que qualquer discurso.

O objetivo da escola é apresentado pela professora Juliana como o de formar o cidadão consciente e essa tarefa só será alcançada quando a alfabetização e o letramento andarem de forma conjunta, associada, para que se domine mais que a tecnologia do escrever, mas, sobretudo, a arte de se relacionar uns com os outros “para a compreensão da vida”.

Ter acesso à leitura, a livros, a letramento é direito fundamental para o exercício da cidadania. Não é esse o objetivo da escola? Formar cidadãos conscientes. (JULIANA, 2015)

Nessa perspectiva, as metodologias utilizadas no fazer pedagógico são decisivas na significação do aprendizado escolar. O aluno não deve ter um comportamento passivo nem o professor ser visto como o detentor do conhecimento. As atividades desenvolvidas na escola precisam direcionar para um aprendizado significativo e prazeroso.

Nas respostas dadas sobre como se trabalha a leitura nas escolas das professoras participantes desse estudo, notamos muitos pontos em comum entre elas, como o projeto de leitura. As escolas promovem diversas atividades durante o ano, com o objetivo de promover

o incentivo à leitura, e estas são desenvolvidas basicamente pela tríade sala de aula – projeto – sala de leitura. Tudo o que acontece na escola em relação à leitura gira em torno desse eixo.

Nas salas de aulas, as professoras realizam as atividades de leitura através do livro didático e de outros materiais que servirão de suporte, como livros de outros formatos, revistas, jornais.

Em minhas aulas costumo aproveitar todas as oportunidades para proporcionar aos meus alunos momentos de leitura através do próprio livro didático, sala de leitura, jornais e revistas, produção textual do próprio aluno. (ALEXSANDRA, 2015)

Todas as escolas estudadas tem um Projeto de Leitura, anual ou semestral, que é desenvolvido pelos professores de forma interdisciplinar, com atividades em sala de aula. A pedagogia de projetos, conforme Kleiman e Moraes (1999), oportuniza uma escola mais dinâmica e atraente para os jovens, pois favorece o aprendizado através de relações interdisciplinares e diferenciadas.

Além disso, as agentes das Salas de Leitura criam ações para estimular a leitura e a locação de livros pelos alunos.

A leitura é trabalhada de maneira formalizada mediante os projetos que também incentivam e oportunizam os leitores de forma voluntária a frequentar o Espaço de Leitura para esse fim e a fazer a carteirinha de leitor do Espaço para a realização de empréstimo de livros. (CRISTIANE, 2015)

Temos um projeto de leitura interdisciplinar que mudamos o tema a cada ano letivo. Em minhas aulas, faço primeiro um momento de sensibilização para que os alunos e interessem em fazer a leitura do texto. Fazemos leitura silenciosa, oral, conversa informal sobre o texto e interpretação. (ROSE, 2015)

Projeto interdisciplinar com o tema gerador, textos de reflexão e interpretação, atividade escrita. (JULIANA, 2015)

Durante todo o ano letivo são realizadas várias atividades para propor situações de aprendizagem, considerando as contribuições dos alunos. Contamos com a colaboração das agentes de leitura da nossa escola que desenvolveram atividades incentivando os alunos não apenas para uma leitura deleite, mas também informativa. Aproximar os alunos do universo escrito e dos portadores textuais é um dos objetivos propostos pelos professores. Daí desenvolvem/constroem cantinhos de leitura, baú de leitura, manuseio de livros no espaço de leitura, contação de histórias, reconto daquelas que interessam à turma, sequência didática de um determinado livro, recital de poesias e apresentações teatrais. (NEUMA, 2015)

Gosto da leitura deleite com os alunos, uma vez por semana deixo eles escolherem o livro, levam para casa e apresentam como querem a história lida. (MARGARET, 2015)

É trabalhada de várias maneiras, desde o empréstimo de livros neste espaço de leitura, como por exemplo, temos a contação de histórias, preenchimento de fichas de leitura e outros, como projetos voltados para o assunto. (ADALGISA, 2015)

Com os poucos recursos disponíveis, a leitura é sempre uma preocupação de todos os profissionais de sala de aula. Cada professor tenta sanar as dificuldades, mas são

os professores das áreas de linguagem que desenvolvem projetos e dinâmicas específicas possíveis. (MARTA, 2015)

Para que a leitura seja estimulada, várias atividades podem ser realizadas no intuito de desenvolver estratégias e habilidades para esse fim. Trabalhar com projetos é prática recorrente nas escolas estudadas e, pelo número de vezes que foi citada, é uma metodologia aprovada pelas professoras. A Sala de leitura e seus agentes são elementos fundamentais, segundo a pesquisa, para a concretização das ações das bibliotecas ou espaços de leitura, por que são eles quem auxiliam no professores na realização e realização dos mesmos.

A ação pedagógica consciente pode ser um dos caminhos para a construção de pontes de acesso entre os textos, sejam quais forem, e o aluno. As atividades que funcionam para esse intuito, segundo as professoras entrevistadas foram as mais diversas:

Atividades de leitura compartilhada, interpretação, análise, ilustrações. Tornando - os capazes de contar e recontar histórias lidas e aprenderem sobre os autores, livros e discutir as curiosidades. (MARLENE, 2015)

Projetos interdisciplinares durante o ano todo; produções dos alunos; exposições dos trabalhos dos alunos; pesquisa e registro da escola e da comunidade. (ALEXSANDRA, 2015)

Para amenizar as dificuldades de leitura e escrita podemos utilizar-se de várias estratégias e recursos didáticos para fazer os alunos avançarem: atividades diárias escrevendo do seu jeito, aquisição da escrita, leitura deleite, uso do livro didático, textos verbais e não verbais, imagens, cruzadinhas, caça-palavras, músicas, jogos, brincadeiras, uso do dicionário, baú da leitura, contação de histórias, material do Pacto que era usado pelos professores do 3º ano. (NEUMA, 2015)

Atividades que trabalham com temáticas voltadas para a realidade do público alunado, com ludicidade e tendo correspondência com a faixa etária dos envolvidos. (CRISTIANE, 2015)

O incentivo do professor, histórias infantis, contos, músicas, poesias, versos, mensagens e etc. (MIRALICE, 2015)

Atividades que promovam a ludicidade, conteúdos de leitura que é do interesse do leitor, não esquecendo que para certas atividades de leitura se deve levar em consideração a faixa etária de idade (*sic*). (SUZANA, 2015)

Leitura dramatizada. Leitura de poemas, gibis, jornais e textos variados. Leitura de sinopses de filmes, leitura orientada ou estudo dirigido. Leitura competitiva, ganha-se incentivo na nota quer ler mais livros durante o trimestre. Leitura de imagens, de cartuns, tirinhas. Enfim, diversificar o tipo de leitura para que identificando-se com algum gênero, o aluno possa aprender a gostar de todos os tipos de texto. (ROSE, 2015)

Usar todos os recursos que tiver de maior acesso, como revistas, jornal, bulas, caixas de remédios, receitas culinárias. Também construir uma mala de leitura ou caixa de leitura e serem levadas até o aluno de forma lúdica e facilitar o acesso do aluno a manusear todo livro ali exposto. (ADALGISA, 2015)

As atividades interdisciplinares (projetos) (MARTA, 2015)

O encantamento pela leitura se inicia na infância, o estímulo e o incentivo deve ser constante. Ler é estabelecer vínculos, gosto, reações e intimidade. (JULIANA, 2015)

Comparando-se as respostas dadas quanto às práticas de suas salas de aula, percebemos que a teoria e a prática se unem, porque as atividades que as professoras julgavam eficazes para a promoção da leitura são as mesmas que elas utilizam, segundo as respostas fornecidas no questionário, no desenvolver de suas aulas. Dessa afirmativa, pode-se deduzir que a promoção da leitura nas turmas dessas professoras seja prática constante e de sucesso confirmado.

Porém, um registro da professora Neuma vai de encontro a essa dedução, pois, segundo ela:

Infelizmente muitos de nossos alunos ainda não apresentam um comportamento leitor. Falta interesse por falta de alguns em realizar as atividades em classe; muitos não realizam as atividades de casa, ainda não sabem ler, e/ou não tem acompanhamento dos pais. Mas não podemos desistir. (NEUMA, 2015)

Evidentemente que por ser um espaço de convivência e, portanto, “um lugar de conflitos” em muitos sentidos, nota-se em seu registro um fato crucial para o sucesso em qualquer área: o querer. É discurso recorrente a formação do professor; a necessidade da formação continuada; implementação de práticas pedagógicas inclusivas, lúdicas, criativas; reformulação do currículo escolar; melhoria nas condições de trabalho em todos os aspectos: pedagógicos, financeiros, estruturais, etc. No entanto, não se pode negar a participação indispensável do outro lado da sala, o aluno.

Muitas vezes, a total apatia em que estes se encontram impossibilitaria ao mais gabaritado teórico das práticas educacionais aguçar algum interesse pelas aulas. Essa não é, no entanto, nem de longe, uma questão simples, pois as demandas que tramitam pelo viés da educação e, conseqüentemente, da vida, são muito mais complexas e envolvem situações que estão, em grande maioria, fora da sala de aula, como abandono, precárias condições de vida, alunos que são trabalhadores, falta de perspectivas, etc. Junte-se a isso o processo educacional defasado em que o aluno é “aprovado” ou “proguide” para a série seguinte sem ter apreendido efetivamente as mínimas condições de interação com o conhecimento que foi trabalhado naquela série escolar, ou seja, de letramento. Faz-se necessário um preparo adequado para se lidar também com essas situações, que certamente fazem parte das salas de aula da maioria dos professores no Brasil. Como a professora registra, “não podemos desistir.”

E Neuma segue adiante em sua reflexão e cita Zabala (1998 p.29) para reafirmar que:

tudo quanto fazemos em sala de aula, por menor que seja, incide em maior ou menor grau na formação dos nossos alunos: a maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas (ZABALA 1998 p. 29).

Sobre as semelhanças e diferenças entre as aulas ministradas pelas professoras em suas turmas e os Encontros de Leitura, elas registraram que há poucas diferenças, apesar do tamanho do evento, da proposta, dos recursos, e da estrutura física e das condições materiais e relacionais que cada situação requer.

Como semelhança pode ser ressaltada a metodologia, que leva os alunos a se envolverem e participarem de forma ativa das atividades, principalmente no Espaço de Leitura onde atuo. E como diferença pode ser destacada a diversidade que é menor quando se trabalha com turmas individuais, uma vez que a oficina abre as portas para qualquer pessoa e de qualquer serie e idade. (CRISTIANE, 2015)

O que há de semelhante são as abordagens, apresentação dos estilos. Em sala de aula, com crianças menores, eles têm o jeito próprio de entender e reler uma história (MARGARET, 2015)

Posso citar como semelhança trabalhos feitos através de dinâmicas, dentre algumas diferenças está o tempo que se usa para a realização dessas atividades. (SUZANA, 2015)

Semelhança: é uma aula com a própria turma, no qual já existe interação. Caso se misture com outros alunos, essa interação não acontecerá. Diferença: Momento prazeroso e de ludicidade. (TÂNIA, 2015)

As oficinas são ricas e interessantes, no entanto, as atividades em sala de aula nos proporciona a fazer um feedback do que está sendo trabalhado, o que não ocorre nas oficinas, porque o tempo é limitado. (ROSE, 2015)

As semelhanças são que as duas atividades realizadas incentivam o aluno e a diferença é que a atividade realizada na oficina o incentivo fica restrito àquele momento e a realizada na sala de aula ou Espaço de Leitura, o incentivo é constante, diário. (ADALGISA, 2015)

Nãos existem grandes diferenças entre as atividades de oficina e sala de aula. Nas oficinas, são apenas mais intensas, específicas e criativas. Em sala de aula são mais direcionadas e assistidas, num processo mais demorado. (MARTA, 2015)

Mais recursos, mais assistência pedagógica, maior envolvimento. (JULIANA, 2015)

Conforme os relatos das professoras entrevistadas, praticamente não existem diferenças entre as atividades realizadas durante as oficinas e daquelas que medeiam nas salas de aula. Esta afirmação sinaliza que existe uma prática docente dinâmica e que utilizam de recursos lúdicos em suas aulas. Tal postura pode contribuir para um aprendizado mais significativo, porque demonstra que as professoras estão preocupadas em manter em suas aulas uma metodologia inovadora e criativa, que dinamiza o aprendizado.

No registro da professora Neuma fica explícita sua preocupação em estar atenta aos estudos sobre o seu trabalho, citando autores e a dinâmica de atividades lúdicas nas aulas de

matemática. De acordo com a professora Rose, além do dinamismo das aulas, é importante dar um “feedback” aos alunos, esta postura se assemelha ao posicionamento da diretora Nélia em relação ao Encontro de Leitura, que, segundo ela, ficava faltando esse retorno por parte do PROLER.

Os professores, que participam de constante capacitação e atualização podem, como afirma Libâneo (1998) melhor refletir sobre a sua prática pedagógica, analisa todos os pontos positivos e negativos a fim de aprimorá-la. Toda experiência é aprendizado e pode, de alguma forma, ser referência para a construção do aprendizado. Nessa perspectiva, os professores, quando questionados sobre a contribuição do EL para a sua prática docente foram unânimes em dizer que sim, enfatizando que a participação no evento ampliou seus conhecimentos e possibilidades de ação em suas aulas.

Sim. Serviu como injeção de ânimo. E como agente de leitura, procuro incentivar outros dentro das atividades que realizamos de acordo com os projetos em andamento. (CRISTIANE, 2015)

Sim, pela forma como é feita a amostragem da leitura, é outro estímulo, esses encontros faz a diferença (MARGARET, 2015).

Sim. É sempre muito importante a troca de experiências, é fato que através de um encontro como esse o aprendizado se renova, as expectativas crescem com o desejo de por em prática tudo que foi visto, abrindo um leque de possibilidades (SUZANA, 2015).

Sim. Além de trabalhar o cordel, que é algo bastante prazeroso, adquiri mais informações sobre o tema e sobre cordelistas que eu não conhecia, sem falar que fiquei sabendo um pouco mais sobre as localidades às quais os meus alunos fazem parte. (ROSE, 2015)

Sim, sempre contribui. Qualquer evento que possibilite formas variadas de ação docente é sempre bem-vindo ao profissional que busca inovar e trabalhar de acordo com as inúmeras diversidades encontradas ao longo do caminho. (MARTA, 2015)

A criatividade nunca deve estar desvinculada da prática docente, porém a jornada de trabalho exaustiva mina qualquer criação (JULIANA, 2015).

Nos depoimentos acima fica evidente a satisfação dos professores quanto à contribuição do Encontro para a sua prática docente, ressaltando na criatividade, na dinâmica das atividades desenvolvidas e na relação de troca entre os participantes eicineiros, trazendo “uma injeção de ânimo”, informações novas e sugestões de outras práticas, que poderão ser utilizadas em outras oportunidades.

Os registros das professoras Marta e Juliana sinalizam para certo cansaço em relação ao exercício da profissão, devido às “inúmeras diversidades (*sic*) encontradas ao longo do caminho” ou à “jornada de trabalho exaustiva” que são as atuais condições de trabalho que os professores têm que enfrentar para garantir as mínimas condições para viabilizar sua prática

docente: carga horária excessiva, turmas com grande número alunos, falta de apoio pedagógico e de material didático, o que tornam o magistério uma profissão muito intensa e quase sempre cansativa.

Nesse sentido, é fundamental a ação dos órgãos competentes e da sociedade civil organizada para cobrar o cumprimento das leis, decretos e regulamentos e a execução do Plano Nacional de Educação e das políticas públicas voltadas à leitura e que viabilizassem políticas educacionais que amenizassem o quadro em que a educação nacional hoje se encontra. As políticas públicas para a educação precisariam atender também a essa demanda de proporcionar ao professor condições de exercer um bom trabalho.

Questionados sobre a contribuição dos Encontros de Leitura para a promoção da leitura na comunidade escolar e seu entorno, os professores sinalizam que os referidos encontros contribuem com a promoção da leitura, através de sua proposta diferenciada, e obtivemos as seguintes respostas:

Sim, de maneira prazerosa, onde os grupos se empenham com os mesmos objetivos. (MIRALICE, 2015)

Planejar as atividades não só dá transparência ao trabalho, como é um instrumento que intervém na realidade concreta, seja para mantê-la, qualificá-la ou transformá-la. Vejo encontros como este como um espaço/tempo de formação continuada, uma vez que se discutem temas diversos da educação, há trocas de referência de materiais de subsídio à práxis pedagógica, socialização de experiências, num exercício de constante de aperfeiçoamento da organização do trabalho pedagógico. Além de oferecer oportunidade à comunidade de ser acolhida, de se sentir parceira e colaboradora na aprendizagem dos nossos alunos. (NEUMA, 2015)

Contribui apenas naquele momento, infelizmente o encontro promove, sim, a leitura, mas não percebi uma ampliação além da proposta realizada aquele momento para que as práticas de leitura fossem incentivadas constantemente. (ALEXSANDRA, 2015)

Sim. Quanto a escola é agraciada com programas, toda a comunidade ganha com isso, aumentando formadores de opiniões, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, conscientes e ativos. (SUZANA, 2015)

Com projetos bem planejados e elaborados, com oficinas que possam atender ao grupo e que ofereçam opções sugestivas e chamem atenção e despertem curiosidade. (TÂNIA, 2015)

Acredito que sim. Principalmente se for realizado com mais frequência. Quando a comunidade é convidada a participar dos Encontros de Leitura, eles participam ativamente das atividades propostas e isso pode servir de exemplo para seus filhos. (ROSE, 2015)

Sim, mas acho que deva ser com mais frequência, pois algumas sementes lançadas podem brotar e germinar. Enquanto outras precisam de melhores adubos e cuidados. Assim comparo a leitura na vida de alunos e alunos necessitam de maior atenção quanto à leitura. (ADALGISA, 2015)

Encontros de Leitura deveriam ser mais constantes nas escolas. A própria escola precisa tomar consciência disso e fazer do projeto político pedagógico uma prática efetiva, com ações coordenadas, distribuídas e abrangentes. (MARTA, 2015)

Qualquer proposta bem elaborada, bem intencionada e de boa finalidade traz resultados positivos. A motivação, o incentivo e o estímulo provem da vontade de fazer parte de um grupo, de se inserir nele e os projetos aguçam essa vontade. (JULIANA, 2015)

Novamente as respostas se aproximam, quando registram que os Encontros de fato contribuem para a promoção da leitura na comunidade escolar, através da cooperação, do planejamento das atividades que foram desenvolvidas e da interação com os participantes, de forma dinâmica e divertida.

As professoras Marta e Adalgisa sugerem que encontros de leitura deveriam ser mais constantes, pois como algumas plantas, metaforicamente a leitura também pode levar algum tempo para germinar. A constância de um evento desse gênero traria, parafraseando a professora, cuidado e viço a essa planta ainda em fase de germinação. Rose acredita que como a participação da comunidade é ativa, talvez isso possa servir de exemplo para os seus filhos.

Para Suzana, receber o Encontro é uma graça recebida pela escola, uma vez que as ações que ali são desenvolvidas contribuirão para a formação do espírito crítico e da consciência dos participantes.

Algumas opiniões divergiram, em algum momento, da maioria: Para a professora Alessandra, a contribuição para o incentivo à leitura acontece apenas naqueles dias do evento, não há, por parte do programa, uma proposta que extrapole aqueles três dias reservados ao Encontro. Nos registros das professoras observamos que as atividades atingiram aos objetivos propostos para aquele evento, porém fica patente que os encontros deveriam ser, na opinião das professoras, atividades constantes, devido a importância que atribuem aos mesmos, para que se efetivassem, de fato, como uma atividade constante de promoção e incentivo à leitura na escola.

Como registrou a professora Neuma, o Encontro de Leitura é

um espaço/tempo de formação continuada, uma vez que se discutem temas diversos da educação, há trocas de referência de materiais de subsídio à práxis pedagógica, socialização de experiências, num exercício de constante de aperfeiçoamento da organização do trabalho pedagógico. (NEUMA, 2015)

A professora entende os Encontros como uma atividade para além dos dias em que ocorre na escola, vendo-os como uma proposta de capacitação, pelos suportes que oferece tanto a nível pedagógico, quanto ao das experiências.

Ouvir os participantes dos Encontros resultou na percepção de que estes são, de fato, importantes para as comunidades que os recebem e que a credibilidade do PROLER ratifica a competência e comprometimento dos seus organizadores e executores, proporcionando aos professores e à comunidade intra e extraescolar vivências consideradas positivas tanto para a prática pedagógica quanto para a ampliação das noções de texto e leituras numa perspectiva política e cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura no cenário contemporâneo é uma habilidade indispensável para a promoção da interação social e para favorecer as relações entre os sujeitos. Estimular essa prática é uma das propostas do PROLER, que visa à democratização da leitura e seu uso como suporte para a formação integral do ser humano e o exercício da cidadania.

Pensando em ouvir outras vozes, esta pesquisa procurou conhecer a opinião de gestores e docentes que participaram dos Encontros de Leitura na zona rural do município de Vitória da Conquista através de seus relatos e experiências dentro de uma perspectiva que pudesse permitir aferir a importância e eficácia destes Encontros enquanto uma política pública de incentivo à leitura. Os dados apresentados nos permitiram observar que, tanto para as diretoras quanto para as professoras participantes dos Encontros, a experiência foi muito proveitosa e eficaz, no sentido de se estimular, em três dias de intensas atividades, a prática da leitura em seus diversos suportes: a leitura da palavra, da imagem, de sons, das práticas e costumes.

Atividades como a valorização da cultura local, a leitura de imagens, a leitura corporal, contação de histórias conduzem para as perspectivas de texto para além do escrito, e pela proposta de interação que é lançada nas atividades a aproximação se faz de forma mais rápida e lúdica, tornando prazeroso o exercício da leitura.

De acordo com as informações e dados expostos neste trabalho, foi possível considerar que os Encontros de Leitura alcançaram seus objetivos de serem promotores e incentivadores do hábito da leitura e da escrita nos locais em que foram realizados, utilizando para isso metodologias diferenciadas e especialmente preparadas para atingir o público ao qual as oficinas se destinam, bem como, através das outras atividades desenvolvidas, proporcionar um ambiente de acolhimento e troca de saberes, partilha de experiências significativas, tanto para osicineiros e equipe do PROLER, quanto para os professores, alunos, comunidade escolar e da localidade em que estes aconteceram.

É importante ressaltar que o evento não acontece, e nem poderia acontecer sozinho, e que, portanto, o êxito descrito nos Relatórios só foi possível devido à parceria que se estabeleceu, desde o início, com a direção das escolas e seus professores e funcionários, até a participação dos alunos. Os objetivos dos Encontros não seriam alcançados sem a contribuição daqueles que formam o corpo escolar e que estão diretamente envolvidos e empenhados na construção e realização dos três dias do evento.

O papel da direção da escola, como registrou Najla (2015), diretora do Colégio Municipal Euclides da Cunha, onde aconteceu o Encontro de Leitura no ano 2010, é muito mais que gerir o funcionamento administrativo da mesma, principalmente pela primordial função que o diretor assume, a de educador. Ao pensar na parte pedagógica, ao apoiar e promover atividades diferenciadas, como o Encontro de Leitura, ele proporciona à equipe escolar uma oportunidade valiosa de troca de saberes e experiências proveitosas para todos que estiveram envolvidos no evento.

O papel dos professores é fundamental para a realização das oficinas, porque serão eles, em suas aulas, os principais disseminadores do incentivo à leitura e à escrita com atitudes positivas de leitura, buscando formação, estudo, uso de novas metodologias para conscientização sobre a importância dessas habilidades no mundo contemporâneo.

Assim, a junção dos instrumentos de investigação analisados possibilitou-nos chegar a algumas reflexões que respondem aos questionamentos feitos no início desse estudo, conforme apresentado a seguir:

Partir da cultura vivenciada fora do ambiente escolar pode ser um caminho facilitador para o aprendizado, uma vez que ao estarem envolvidos por práticas e costumes que sejam seus, tendo-os reconhecidos e agregados, os alunos se abrem à soma de novos valores e conhecimentos. Trabalhar com a pluralidade cultural, como proposto, inclusive, pelos PCNs, é uma possibilidade real de inclusão e troca de saberes.

A literatura indica que o gosto pela leitura deve ser, preferencialmente, desenvolvido e estimulado desde a infância, pois a exposição a um ambiente rico de livros e leituras é estímulo real e eficaz para o desenvolvimento dessa prática. No entanto, para os que não tiveram esse hábito estimulado, novas propostas, juntamente com novas metodologias, vêm surgindo no intuito de se promover a prática da leitura e da escrita, minimizando essa carência, a fim de se atingir a habilidade leitora dos jovens e adultos no país. Estudos com a temática da leitura tem sido implementados, no desejo de se ampliar o universo de leitores proficientes, a fim de que sejam, cada vez mais letrados e ativos.

Nas escolas estudadas, de acordo com os relatos coletados, a prática desenvolvida em sala de aula pelas professoras é bastante diversificada, objetivando-se alcançar cada vez maior nível de letramento dos alunos, através de metodologias de ensino da leitura e da escrita lúdicas, criativas e inclusivas.

Para os participantes, o evento tem uma marca muito positiva, reconhecida e séria. Diretores e professores que atuam diretamente na organização do evento reconhecem a sua

importância e relevância para a proposta de se levar a leitura para amplos contextos e possibilidades não apenas nos três dias do evento, mas que essa prática se estenda para além das salas de aula.

Nos registros das professoras podemos identificar que as atividades atingem os objetivos propostos para aquele evento, porém fica patente que os Encontros deveriam ser constantes, devido à importância e credibilidade que atribuem aos mesmos, para que se efetivassem nas escolas, de fato, como uma atividade contínua de promoção e incentivo à leitura. Como registrou a professora Neuma (2015), o Encontro de Leitura é “um espaço/tempo de formação continuada, uma vez que se discutem temas diversos da educação, há trocas de referência de materiais de subsídio à práxis pedagógica, socialização de experiências, num exercício de constante de aperfeiçoamento da organização do trabalho pedagógico”.

No registro das diretoras e professoras evidencia-se a importância dos Encontros de Leitura nas escolas como uma prática relevante de incentivo à leitura e à escrita e como uma oportunidade de se conhecer novas teorias e metodologias, além de se preparar para transportar para a sala de aula o conhecimento adquirido, dando sentido ao que se aprendeu.

Para a comunidade que participa do Encontro, fica sempre, minimamente, a lembrança, pois a realização do mesmo é considerada um evento marcante, ao qual todos prestigiam, na abertura, nas palestras, na exibição de filmes, no momento cultural, na exposição de fotos, nas oficinas, ou seja, a comunidade não passa despercebida de um evento como esse.

Mesmo que as escolas estudadas já desenvolvessem seus projetos de leitura antes de os Encontros acontecerem, a realização destes deixa marcas profundas e salutaras na escola, com o aumento da locação de livros na Sala de Leitura, como foi em São Sebastião; a ampliação de leitores no Pradoso, que descobriram uma forma de ler por prazer e não apenas como obrigação; a valorização da comunidade e do saber local no distrito de José Gonçalves, quando se resgatou a memória da comunidade nas pesquisas realizadas pelas professoras. Além das demais atividades realizadas, marcando as comunidades que participaram dos Encontros.

Participar de um Encontro de Leitura é oportunidade de se conhecer novas formas de ler, além de se ampliar experiências e troca de saberes, tanto no campo profissional quanto pessoal. Segundo os relatos das participantes desta pesquisa, ações desse porte consolidam os estudos e incentivos sobre a prática da leitura e atuam como um espaço para a formação,

discutindo temas do universo da educação e da prática leitora. Elas compreendem que a ação contínua de aprendizado e treinamento se faz absolutamente necessária e indispensável para que se alcancem novas possibilidades e estratégias de fomento à leitura.

Para os envolvidos nessa pesquisa, a continuidade do evento, no sentido de serem assistidos pelo PROLER não apenas nos Encontros de Leitura, mas ao longo no ano letivo, em outros momentos, seria primordial para que a presença do Programa se efetivasse como uma atividade frequente da escola, favorecendo o fomento e implementação das ideias por ele apresentadas.

Na certeza de que há muito ainda a se investigar, pois as pesquisas acerca do mundo da leitura são instrumentos essenciais para que se desenvolvam novas estratégias de incentivo à leitura em amplos contextos, suportes e situações, esperamos que este trabalho possa ter contribuído para as reflexões sobre este universo tão rico e vasto e que possa incentivar novas pesquisas nessa área, que contribuam para a promoção da leitura no país.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada, leitura e literatura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006.
- _____. **Leitura, história e história da leitura**. ALB (Associação de leitura do Brasil), 1999.
- _____. (Org.). **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- _____. (Org.) **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 2. ed. Cascavel: Assoeste, 1985.
- ALVES, Rubem. **Por uma Educação Romântica**. V. Nova de Famalicão: Centro de Formação Camilo Castelo Branco, 2003.
- _____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1984.
- AMORIM, Galeno. **Retratos da leitura do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **O SEBO**. In: A paixão pelos Livros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de Leitores e Razões para a Literatura**. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). Caminhos para a formação do Leitor. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas, vol. 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOJUNGA, Lygia. **Livros – um encontro**. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **A Leitura: uma prática cultural**, debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. In: CHARTIER, Roger. Práticas de Leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- BRASIL, República Federativa. **Estatuto da criança e do adolescente: lei nº 8.069.3ª.ed.** Brasília: Câmara Federal, 1990.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental - **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso-cultura escrita, educação e participação**. Campinas: Mercado de Letras 2003.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. **Variedade de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CALVINO, Ítalo. **Por Que Ler os Clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CÂMARA, Heleusa Figueira. **Além dos muros e das grades (discursos prisionais)**. São Paulo: EDUC, 2001

_____. **Leitura e Poder: lembranças de leitores**. São Paulo, 2005. 262f. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger (orgs). **História da leitura no mundo ocidental** (volumes 1e2). São Paulo: Ática, 1998.

CHALAMOV, Varlam. **Minhas Bibliotecas**. In: A paixão pelos Livros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

_____. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação.**/ Roger Chartier; tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio. – Campinas, SP: Mercado das Letras; Associação de leitura do Brasil (ALB), 2003.

_____. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002. 92 p.

_____. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2ª ed. Trad. Maria Manuela Galhardo. Algés – Portugal: Difel, 2002.

_____. Entrevista concedida ao Programa Roda Viva da TV Cultura. São Paulo, 3 de setembro de 2001.

_____. **As revoluções da Leitura no Ocidente**. In: ABREU, Márcia. (Org.) Leitura, História e História da Leitura. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil; SP: Fapesb, 1999.

COPES, Regina Juniaki. **Políticas Públicas de Incentivo à Leitura: um estudo do projeto Literatura em Minha Casa**. Ponta Grossa: Universidade de Ponta Grossa (Dissertação de mestrado) 2007.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Texto, textualidade e textualização**. In: J.L. Tápias Ceccantini; R.F> Pereira & J. Zanchetta Jr. (orgs), Pedagogia Cidadã: Cadernos de formação: Língua Portuguesa, v. 1. São Paulo: UNESP, prograd. 2004.

COSTA, M. V., et al. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Rev. Bras. de Educação. n. 23, número especial. 2003.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Buttmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DRAIBE, S. M. **Avaliação de implementação: esboço de uma metodologia de trabalho em políticas públicas**. In: BARREIRA, M. C. R. N; CARVALHO, M. do C. B. de. (Orgs.) Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais. São Paulo: IEE/PUC/SP, 2001.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo. Imprensa Oficial: Do Estado de São Paulo, Instituto Pró-livro, 2012. 344p.

FISCHER, Steven Roger. **História da Leitura**. Tradução: Claudia Freire. São Paulo: UNESP, 2006. 384 p.

FORTUNA, Tânia Ramos. **Sala de aula é lugar de brincar**. Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, p. 147-164, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2002.

FREIRE, Paulo, **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.

_____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Professora sim, tia não: cartaz a quem ousa ensinar**; São Paulo; Olho D'água; 1993

FREUD, S. **O Mal Estar na Civilização** - Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e Ensino – exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado de Letras – ALB, 1996

GNERRE, M. **Considerações sobre o campo de estudo da escrita. Linguagem, escrita e poder**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-80.

GOULEMOT, Jean Marie. **Da Leitura como produção de sentidos**. In: CHARTIER, Roger. Práticas de Leitura. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

GRIGNON, Claude. **Cultura dominante, cultura escolar e multiculturalismo popular**. IN: SILVA, Tomaz, Tadeu da. (Org.). Alienígenas na sala de aula. 1995, pp. 178-189

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, Editora, 1997.

HAMESSE, Jacqueline. **O modelo Escolástico da Leitura**. In: CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. História da Leitura no Mundo Ocidental, vol. I. Tradução de Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1998.

HÉBRARD, Jean. **Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história Cultural**. In: ABREU, Márcia. (Org.) *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de leitura do Brasil; SP: Fapesb, 1999.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO - IPM. **INAF 2011/2012**. Relatório on-line: <http://www.ipm.org.br>, acesso em julho de 2014.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela B. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2008. 294 p.17

_____. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. (Coleção Ideias Sobre Linguagem).

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

_____. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera M.(Org.) **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Leitura: teoria & prática, nº. 29**. Porto Alegre: Mercado Aberto; Campinas: ALB, 199

_____. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1994

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**: Diálogos com Philippe Nemo. Biblioteca de Filosofia Contemporânea. Lisboa: Edições 70. Tradução João Gama.

LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança**. *Educação & Sociedade*, v. 20, n. 68, p. 239-277, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissões docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. *Revista da Associação Nacional de Educação-ANDE*, v. 3, p. 11-19, 1983.

LISPECTOR, Clarice, **Felicidade Clandestina**. São Paulo, Ed. Ática, 1996

LOBATO, Monteiro. **Os livros fundamentais**. In: *A onda verde*. São Paulo: Brasiliense, 1969.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1986. 99p.

LYONS, Marlyn. **Os Novos Leitores no Século XIX: mulheres, crianças, operários**. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da Leitura no Mundo Ocidental*, vol. 2. Tradução de Cláudia Cavalcanti, Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antônio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2005, p. 203.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 93 p. (Coleção Primeiros Passos)

MEREGE, Ana Lúcia. **A história da escrita: uma introdução**. In: *Anais da Biblioteca Nacional*. Fundação Biblioteca Nacional. Volume 129. 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**; São Paulo; Cortez/UNESCO;2000

NELSON, C. et al. **Estudos culturais: uma introdução**. In: SILVA, T. T. *Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Daniela Piergili Weiers de. **Políticas Públicas de Fomento à Leitura: política nacional, agenda governamental e práticas locais**. 2011. São Paulo. Dissertação (Mestrado). Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Disponível em:. Acesso em 15 de Out. de 2012.

OLIVEIRA, Zita Catarina P. **A biblioteca “fora do tempo”: políticas governamentais de bibliotecas públicas no Brasil, 1937-1989**. Tese de doutorado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Ciência da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PINHEIRO, Ângela Maria Vieira. **Leitura e Escrita: Uma abordagem cognitiva**. 1. ed. São Paulo: Editorial Psy, 1994. 219 p.

PELLEGRINE, Stella de Moraes. **História e Memória do PROLER (1992-1996) Uma experiência instituinte de leitura**. Tese de doutorado apresentada ao curso de Pós-graduação em Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2010.

PROLER. Disponível em: <<http://catalogos.bn.br/PROLER/PROLER.htm>>. Acesso em:10/09/2007

_____. **Ação programática do PROLER**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1995
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais.htm

PROGRAMA Nacional de Incentivo à Leitura (Brasil). **PROLER: concepção e diretrizes**. Rio de Janeiro: PROLER, 2010.

PSZCZOL, Eliane. **PROLER – à guisa de um primeiro balanço**. In. __ Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Brasil). **PROLER: concepção e diretrizes**. Rio de Janeiro: PROLER, 2010

ROCCO, Maria Tereza. **A Importância da Leitura na Sociedade Contemporânea e o Papel da Escola nesse Contexto**. http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_13_p037-042_c.pdf. Acesso em 22 nov. 2009

ROSA, Flavia. **Histórico das Políticas Públicas de Incentivo à Leitura no Brasil**. In Revista Observatório Itaú Cultural, ed 17, São Paulo, 2007.

SANTOS, Milton. *Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da USP, 2006.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte,: Autêntica, 2006

_____. **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Documento de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte. 2005.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, Jan-Abr, número 025. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação São Paulo, Brasil. pp. 5-17. 2004.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil*. São Paulo: Global, 2003b. p. 89-113.

SOUZA, Celina. **Políticas públicas: questões temáticas e de pesquisa**. Caderno CRH, Salvador, n. 39, jul./dez. 2003.

SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Caminhos para a formação do Leitor**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2004.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010. 103 p.

YUNES, Eliana. **Para entender a proposta do PROLER**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1992. In: PELLEGRINI, Stella de Moraes. *História e Memória do PROLER (1992-1996): uma experiência instituinte de leitura*. Tese apresentada ao Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Introdução. Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo*. In: YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002

_____. **Por uma política nacional de leitura.** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1992.

_____. A leitura e a formação do leitor: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro: Antares, 1984, p. 53.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1991.

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

APENDICE

Questionário aplicado às professoras das escolas em que aconteceram os Encontros de Leitura.

QUESTIONÁRIO

Escola: _____

Distrito: _____

Nome do participante: _____

Escolaridade: _____ Disciplina que leciona: _____

De que oficina participou? _____

1- Por que escolheu participar dessa Oficina?

2- Como a Oficina foi realizada? (atividades, abordagem do tema)

3- Das atividades realizadas nessa Oficina, de qual você mais gostou? Por quê?

4 - Qual a sua memória do Encontro de Leitura realizado em sua escola?

5- Como a leitura contribui para a sua visão de mundo?

6- Como se trabalha a leitura em sua escola? E em suas aulas?

7- Em sua opinião, quais as semelhanças e as diferenças entre as atividades realizadas na Oficina e as que são realizadas na sala de aula?

8- Sua participação no Encontro contribuiu, de alguma forma, com a sua prática docente?

9- Acredita que a realização dos *Encontros de Leitura* contribua para a promoção da leitura na comunidade escolar e seu entorno? De que maneira?

10- Em sua opinião, que atividades funcionam/ funcionariam como incentivadoras da prática de leitura?
